
The town is cursed. The clock is ticking.
And they're next . . .
THIRTEENS
KATE ALICE MARSHALL

THIRTEENS

The Secrets of Eden Eld

BOOK 1

Kate Alice Marshall



VIKING

Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter.
Todos os direitos reservados à sua editora e autor, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.

Para o meu palíndromo favorito.

Contents

Cover
Title Page
Copyright
Dedicatória

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito: As As Pessoas Que Olham Para longe
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Epílogo

Um

Eleanor olhou para o relógio de pêndulo no corredor do terceiro andar. Tinha quase 2,5 metros de altura, feito de carvalho escuro. Um pêndulo branco como osso pendurado dentro da caixa, esculpido como cordas tecidas em um diamante solto. Isso a lembrava do fim de uma chave, mas talvez fosse apenas por causa das chaves que foram pintadas na madeira ao redor do mostrador do relógio: treze chaves idênticas em ouro. A última chave foi quase totalmente apagada.

O relógio deve ser muito antigo. Parecia que havia sobrevivido o passar de anos e anos. Mas ela não estava olhando para o relógio porque era alto, impressionante ou antigo. Ela estava olhando por três razões.

A primeira era que o relógio não estava lá quando ela foi dormir na noite anterior. Eleanor tinha certeza disso. Ele ficava em frente à sua porta, e ela tinha certeza de que notaria um relógio de quase 2,5 metros do lado de fora de seu quarto ou ouviria alguém colocá-lo no lugar.

A segunda era que aquelas treze chaves, brilhando contra a madeira escura, tinham a forma precisa da marca de nascença em seu pulso.

A terceira era que os ponteiros do relógio estavam correndo para trás.

É apenas um relógio, ela disse a si mesma. Nada sinistro. Talvez tivesse pertencido a seus avós, e tia Jenny o herdou junto com esta casa e o carro velho no galpão de trás que não funcionava, e o pomar

abandonado que se espalhava por trás da casa como uma floresta que não cresceu.

Exceto que ele não estava aqui na noite passada.

E isso não explicaria as chaves. Ou por que os ponteiros estavam se movendo para trás — o ponteiro dos segundos passando do meio-dia para o onze, para o dez, girando até o um; o ponteiro dos minutos voltava a bater a cada sessenta segundos enquanto o pêndulo ia da esquerda para a direita, da esquerda para a direita.

O relógio soou. O som líquido e sem fundo encheu o corredor, quicando nas paredes com seu papel de parede verde desbotado, derramando-se em direção à escada em espiral. Eleanor contou os badalos.

Sete

Seu telefone estava de acordo com os badalos — sete horas — mas os ponteiros contrários do relógio apontavam para cinco e doze. Sete horas antes da meia-noite, ela pensou, e esfregou a marca de nascença no pulso reflexivamente.

— Eleanor! — Tia Jenny chamou. — Venha tomar o café da manhã antes do ônibus chegar Você não quer estar com fome no primeiro dia.

Eleanor não queria estar *nada* em seu primeiro dia de aula no Colégio Eden Eld. Ela não queria *ter* um primeiro dia no Colégio Eden Eld. Mas ela havia prometido a tia Jenny e Ben, e ela já havia quebrado promessas o suficiente.

Ela não queria virar as costas para o relógio também, mas ela o fez, e correu pelo corredor, com sua mochila sobre um ombro. As tábuas rangiam e tremiam mesmo com o tapete do corredor para amortecer seus passos, assim como as escadas, que se curvaram em uma curva fechada até o primeiro andar. Ela nunca morou em uma casa com uma escada em espiral. A Casa Ashford, que seus avós compraram antes do nascimento de sua mãe, tinha duas delas. A casa estava cheia de coisas estranhas como essa. Corredores tortos, quartos tortos, uma escada a lugar nenhum. O relógio deveria ter se encaixado perfeitamente.

Exceto — exceto que ela tinha certeza, absolutamente certeza, de que ele não estava lá na noite passada.

Tia Jenny estava na cozinha, de costas para o corredor, empurrando ovos mexidos de uma frigideira para um velho prato de

porcelana coberto com um padrão de videiras azuis. Normalmente ela tinha um rosto magro, como Eleanor, mas que agora esse tinha se tornado macio e redondo, junto com o resto dela. Sua barriga estava tão grande que ela bateu contra o balcão, e quando ela terminou com os ovos, ela estremeceu e murmurou: — Oh, chega disso, seu patife, — o que significava que o bebê estava chutando suas costelas novamente.

Eleanor sempre achou que ela se parecia mais com Jenny do que com sua própria mãe. Elas tinham o mesmo cabelo castanho, embora, em vez de cair direto sobre os ombros, como o de Eleanor, o de Jenny saltava ao redor de seu rosto, escapando da trança. Elas tinham o mesmo nariz comprido, a mesma pele clara e olhos verdes turvos, a mesma tendência para suéteres listrados e até os mesmos óculos, mas de alguma forma Jenny sempre parecia romântica e artística, e Eleanor se sentia desajeitada e sem graça.

O passo de Eleanor rangeu uma tábua do assoalho e Jenny se virou com um sorriso radiante. Brilhante demais, pensou Eleanor; significava que ela estava tentando sorrir, o que significava que ela não estava *realmente* sorrindo. — Aqui está, querida, — disse tia Jenny. Os ovos cozidos à vapor. A torrada estava perfeitamente torrada, no tom certo de marrom. A geléia era de framboesa, espessa e caseira

O estômago de Eleanor revirou, assim como sua boca, para baixo em uma pequena carranca que ela não conseguia parar. Ela empurrou os óculos para cima, tentando usar o movimento para esconder a carranca.

— Barriga nervosa? — perguntou tia Jenny. Ela suspirou, colocando o prato na mesa da cozinha entre eles. — Eu sei que é difícil. Mas se você não começar a escola agora, ficará muito atrasada e talvez tenha que ficar um ano atrás.

— Eu sei, — disse Eleanor. Ela olhou para o uniforme do Colégio Eden Eld que vestiu naquela manhã — saia xadrez azul que ia até os joelhos, camisa pólo, jaqueta azul escura com o brasão da escola na frente. Tudo estava um pouco rígido e um pouco grande demais. Tia Jenny havia trabalhado muito para colocá-la no Eden Eld em vez da escola pública, que era mais distante e supostamente cheia de crianças que matavam aula e assistiam a filmes proibidos sem permissão, que passavam por delinquência juvenil em uma cidade tão sonolenta quanto Eden Eld.

Eleanor deveria estar grata por ter entrado no Colégio Eden Eld, mas era difícil ser grata por qualquer coisa nos dias de hoje.

— Você não poderia me ensinar em casa ou algo assim? Posso aprender sozinha. Tudo é online agora — posso criar minhas próprias aulas. Você dificilmente teria que fazer nada

Tia Jenny colocou a mão na barriga e parecia triste. Eleanor sentiu uma pontada de raiva que tia Jenny não merecia, mas não conseguiu evitar. Cada vez que alguém olhava para ela assim, ela sentia que era seu trabalho animá-los. Prometendo que ela estava bem, embora não estivesse. Como se ela tivesse que fazer com que eles se sentissem melhor, ao invés do contrário.

— Eu o faria, querida. Mas com o bebê para nascer a qualquer dia e Ben trabalhando tantas horas, simplesmente não podemos. E Eden Eld é uma ótima escola. Sua mãe e eu... — Tia Jenny parou. Era uma regra tácita que eles não falassem sobre a mãe de Eleanor. — Espere uma ou duas semanas, ok? E então podemos ver como está indo. — Ela empurrou o prato para Eleanor. — Experimenta uma torrada, pelo menos?

Eleanor reprimiu o desejo de discutir. Tia Jenny estava certa. Ela tinha que ir para a escola. Ir para a escola era normal e Eleanor precisava ser normal. Precisava que todo mundo pensasse que ela era normal. Ela fez um plano. Seu plano de como ser normal.

1. *Não fale sobre a mamãe.*
2. *Vá para escola.*
3. *Não fale sobre coisas que não existem.*
4. *Sorria.*

Então Eleanor sorriu. Ela imaginou cordões, como os que fantoches tinham, nos cantos da boca, puxando-os para cima. Ela fez seus olhos sorrirem também, enrugando-se um pouco nas bordas. Esse sorriso foi o tipo de mentira mais útil que ela aprendeu a contar nos últimos meses. — Obrigada, tia Jenny, — ela disse, pegando a torrada. — Eu acho que ouvi o ônibus. É melhor eu ir.

Ela sentiu o olhar de tia Jenny tão, tão preocupada em suas costas durante todo o caminho até o corredor.

Ela saiu para o ar fresco do final de outubro antes de perceber que havia esquecido de perguntar sobre o relógio.

Mas agora ela não tinha certeza se deveria. O relógio era estranho. Toda a Casa Ashford era estranha, mas o relógio parecia diferente. E se fosse uma daquelas coisas que ela viu e não deveria ver? Que não estava realmente lá?

Sua mãe via coisas que ela não deveria. Coisas que ela não podia ter visto. Eleanor costumava vê-los também, mas depois isso passou. Com sua mãe não aconteceu o mesmo. Ela não queria ninguém, especialmente Jenny, pensando que ela poderia ser como sua mãe. Mesmo que fosse verdade.

Especialmente se fosse verdade.

Então Eleanor subiu a entrada da garagem, determinada a esquecer o relógio.

Ela realmente não tinha ouvido o ônibus. Essa foi outra mentira. Ela manteve uma lista no fundo de sua mente das mentiras que disse a tia Jenny e tio Ben. Ela pagaria por cada mentira, uma por uma, mas por enquanto ela precisava delas. Por enquanto, eram as mentiras que a permitiam respirar e falar sem tossir, sem sentir fumaça nos pulmões.

Ela chegou ao final da longa estrada de terra e esperou perto da caixa de correio e do enorme e velho pinheiro que se erguia ali.

Um vento frio fez com que algumas folhas mortas deslizassem pela estrada, e os galhos acima dela suspiraram e balançaram. Misturado a todos aqueles ruídos estava outro. Algo sacudindo na árvore: um estalo oco que enviou uma linha de frio como um dedo percorrendo sua espinha. Ela esticou o pescoço para cima, olhando para os galhos. Eles estavam bem juntos, as agulhas uma cortina espinhosa escondendo o tronco dela, mas dentro deles algo se movia. E o chocalho veio novamente *Clackclackclack*. *Clackclackclack*.

O que quer que estivesse se movendo era grande e escuro, como as sombras ao redor disso. As pontas dos dedos de Eleanor estavam frias, como se ela os tivesse escovado contra o gelo. Sua respiração saiu em rápidas lufadas de névoa, e ela lutou contra o desejo de recuar ou correr de volta para casa.

Ela estava cansada de ter medo. Ela teve *medo* o suficiente para durar toda a vida. Então, em vez de recuar, ela deu um passo à frente, mais perto da árvore, e olhou para aqueles galhos presos

Clackclackclack. *Clackclackclack*.

A coisa escura mudou e balançou. Parecia um corvo, mas muito grande, feito de sombras irregulares e sobrepostas. Ela avançou mais

um passo e então — então um grande olho amarelo olhou para ela por entre os galhos.

Ela gritou e agora pulou para trás, quase tropeçando nos próprios pés. Ela mal conseguiu se equilibrar e olhou rapidamente para a árvore novamente — mas o olho havia sumido, assim como a forma e o som. Ela prendeu a respiração e observou, mas nada se moveu. Apenas o vento fazendo os galhos tremerem.

O ônibus parou no final da estrada. As portas se abriram com um chiado. Ela ainda segurava a torrada em uma das mãos, desesperadamente fria agora. Ela olhou de volta para a árvore.

— Vai subir? — perguntou a motorista do ônibus. Ela era uma mulher grande, seu corpo construído em linhas retas como se construído inteiramente de retângulos, exceto por seu cabelo, que era crespo e amarelo e se espalhava em cachos por todo o rosto.

— Sim, — disse Eleanor. Não conseguia ver nada na árvore agora. Nada mesmo. Ela subiu a bordo. *Normal*, lembrou a si mesma.

Ela não olhou para trás.

DOIS

A Casa Ashford ficava a alguns quilômetros do que se passava pelo centro de Eden Eld, longe o suficiente para que a fronteira da cidade passasse bem no meio dela, deixando a casa meio para dentro e meio para fora. Eleanor foi a primeira a estar no ônibus e sentou-se bem no fundo, encolhendo-se no canto. Ela observou o fluxo da paisagem. Árvores e mais árvores, principalmente, e alguns prados nus, ficando cinzentos no final da estação. Não muitas casas até que eles se aproximassem de Eden Eld.

O ônibus parou algumas vezes, deixando as crianças entrarem um e dois e três de cada vez, vestidos com uniformes iguais. Saias cuidadosamente pregueadas para as meninas, calças para os meninos, todos usando jaquetas com emblemas de escola, treze pinheiros em um anel em torno de uma rosa. Todos eles a ignoraram. Bom. Ela não queria falar com ninguém. Ela não queria conhecer ninguém. Ela só queria passar o dia e voltar para casa.

Não para sua casa. Voltar para Casa Ashford, porque seu lar se fora.

— Você vai comer isso?

Ela estremeceu, assustada, e percebeu que alguém se sentou à sua frente. Ele se virou para trás, apontando para a torrada dela com uma mão enquanto a outra balançava solta. Tinha a pele negra e cabelos negros brilhantes que se enrolavam, caíam e se enrolavam em todas as direções, escondendo um olho. Ele parecia um pirata ou um poeta, ou talvez um pouco dos dois. Também parecia com fome.

— Acho que não, — disse ela. — Está bem frio.

Ele encolheu os ombros. — Eu não me importo.

Ela lhe entregou a torrada e ele comeu em cinco mordidas enormes antes de limpar a boca com as costas da mão, então estendeu a mão para apertar a dela. Ela olhou a mancha de migalhas e geleia nos nós dos dedos e apertou sua mão mesmo assim. Prometeu ser amigável. Quando sua mão tocou a dele, sua pele formigou, como um inseto correndo em seu pulso. Ela estremeceu e se afastou. Ele parecia um pouco confuso, mas seu sorriso não vacilou.

— Eu sou Otto, — disse. — Otto Ellis.

— Eleanor Barton.

— Você é novata.

— Eu já sabia disso, na verdade, — disse bruscamente. Mas ele riu, um som brilhante e surpreendente que a fez sorrir por reflexo, esquecendo aquela estranha sensação de fuga em face de sua amizade aberta.

— Desculpe, — disse ele. — Eu não estava falando por mal, estava apenas dizendo. Falo demais e aponto o óbvio. Ou então, foi o que me disseram.

— Como você poderia saber? Que eu sou novata? — ela perguntou. Tinha se destacado? Ela planejou não se destacar. Era basicamente todo o seu plano para sobreviver a Eden Eld, na verdade, e começou muito mal.

— É uma escola pequena, — disse ele. — Não é tão difícil memorizar todos os rostos. Especialmente todos os dezessete de nós que pegam o ônibus número sete. Dezoito agora, eu acho.

Ele tamborilou com os dedos nas costas do assento, então pareceu tomar uma decisão. Agarrou sua mochila e girou, sentando-se no assento ao lado dela e jogando sua mochila com pelos de cachorro em cima de seus pés. Eleanor resistiu ao impulso de se espremer mais para longe.

— Você acabou de se mudar para cá? — perguntou.

— Hum. Algumas semanas atrás, — disse Eleanor. — Mas eu estava tirando uma folga.

— Foi por causa do trabalho dos seus pais ou algo assim?

— Não, — disse ela, corando. Instintivamente, pressionou as pontas dos dedos contra a pele lisa e brilhante da palma da mão. — Foi — eu vou ficar com minha tia. Na Casa Ashford.

Suas sobrancelhas subiram, desaparecendo sob a bela sarça de seu cabelo. — Casa Ashford? Aquele lugar estranho e assustador nos arredores da cidade?

— É esse mesmo, — disse Eleanor, tentando soar o mais casual que podia. Morar na Casa Ashford tornou o *normal* ainda mais difícil.

— Incrível, — disse ele com intensidade. — Você sabe que, supostamente, ela é assombrada? Ou é o que dizem algumas pessoas, de qualquer maneira, mas acho que é só porque é grande, velha e estranha. Eu fui procurar e descobri que ninguém nunca morreu lá, então como poderia ser assombrada? E na verdade, isso é muito estranho, dada o quão velha ela é. Alguém morreu em qualquer lugar que tenha mais de cem anos. Tem realmente nove escadas?

— Só sete, — corrigiu Eleanor. Ele olhou para ela com atenção extasiada. Ela tinha que admitir que era legal ser a autoridade em algo. — Mas elas são realmente estranhas. Há duas escadas em espiral, e uma que contorna um canto na extremidade da casa e é tão estreita que Ben — esse é meu tio — não consegue nem entrar. E, em uma delas, você só pode chegar se passar pela lareira gigante na sala de estar, e não leva a lugar nenhum. Apenas para em uma parede. E o tio Ben diz que está nas plantas originais dessa forma também. Nunca chegou a lugar nenhum.

— Legal, — disse Otto, sorrindo, e Eleanor não pôde deixar de sorrir de volta. — Então, por que você está morando com sua tia e seu tio?

Seu sorriso vacilou.

Ela poderia se recusar a responder. Então pareceria estranha e rude.

Ela poderia lhe contar a verdade. Então pareceria estranha e trágica.

Ou ela poderia mentir

— Meus pais morreram em um acidente de carro, — disse. Acidentes de carro eram normais.

Ele parecia chocado. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter perguntado.

— Está tudo bem, — disse ela, sentindo-se culpada. Mas a verdade só o faria se sentir pior por perguntar. Ela acrescentou a mentira à sua lista.

O ônibus parou na frente da escola alguns minutos depois, e o resto dos alunos começou a pegar suas bolsas e sair correndo. A escola era um prédio enorme e imponente de tijolos, contra o pano de fundo escuro dos pinheiros que estavam por toda parte em Eden Eld.

Um lado do pátio da frente tinha sido decorado com fardos de feno, espantalhos e abóboras, e teias de aranha falsas estendidas sobre o arco da frente, mas as decorações de Halloween de alguma forma tornavam o lugar *menos* assustador. Era mais assustador por si só, com suas janelas altas e estreitas e a imponente torre do relógio no lado norte do edifício.

Halloween. Ela foi capaz de ignorar que esse dia estava chegando, enfurnada na Casa Ashford, mas ela não podia fugir disso agora. Hoje era quarta-feira. Sábado era o Halloween, e isso significava que era seu aniversário. Ela faria treze anos.

O primeiro aniversário que ela iria comemorar sem a mãe.

— Quem você tem no primeiro período? — Otto perguntou. Ela se forçou a desviar o olhar das decorações.

— Sr. Blackham? — ela disse. — Química.

— Oh, ele é ótimo, — disse ele. — Ele nos deixa colocar fogo em coisas para a ciência e fazer sorvete com nitrogênio líquido, o que é totalmente perigoso e incrível. Posso mostrar como chegar lá, se quiser. Este lugar é uma espécie de labirinto. — Ele disse labirinto com claro entusiasmo pela palavra e pelo conceito. Não havia nenhuma pena em seus olhos. Um pouco de simpatia, mas não aquele olhar *ah-pobrezinha* que ela estava tão acostumada. Seu estômago se enrolou em um grande nó. Agora ela se sentia ainda pior por mentir para ele. Mas como você diz a alguém que acabou de conhecer moro com minha tia *porque minha mãe tentou me matar*?

Você não o faz. Não se você quiser ser normal.

— Isso seria ótimo, — ela disse, sentindo as cordas de marionete nos cantos de sua boca. — Seria perfeito.

• • •

A LIÇÃO DO DIA não envolveu colocar fogo em nada, pela ciência ou não, para grande alívio de Eleanor. Ela conhecia o fogo muito bem agora. Ela sabia como as coisas cheiravam diferentes quando queimavam — paredes, carpete, móveis. Ela conhecia o som do vidro

quebrando com o calor e o grão de cinza e fuligem que nunca parecia esfregar em sua pele. Portanto, foi um alívio simplesmente abrir um livro e olhar para o diagrama de uma molécula de água enquanto o Sr. Blackham os direcionava para a lição de vocabulário.

Mas eles mal haviam começado quando um garoto com cabelos castanhos e olhos castanhos tímidos se lançou e entregou um bilhete ao Sr. Blackham. Ele apertou os olhos antes de gritar: — Eleanor?

Ela levantou uma mão hesitante à altura do ombro. Ele sorriu um pouco e ela corou. Claro que ele sabia quem ela era. Ela era a garota nova. — Sra. Foster gostaria de falar com você, — disse Blackham. Com o olhar vazio dela, ele suspirou e puxou os óculos para baixo do nariz para que pudesse olhar para ela. — A diretora. Esquerda, no final do corredor, direita, o escritório está bem ali.

— Algo está errado? — ela perguntou. Sua mente passou por todas as coisas terríveis que ela poderia imaginar — tio Ben machucado no trabalho. Algo errado com o bebê, com Jenny. Ou com a casa — casas tão antigas quanto a Casa Ashford também tinham fiação antiga. Basta uma faísca para iniciar um incêndio.

— Eu não saberia dizer, — disse Blackham, com o tipo de ternura que significava que ele sabia sobre a mãe dela e seria um daqueles adultos que a tratariam como se ela tivesse sete, não quase treze. — Tenho certeza de que está tudo bem.

Se ele não sabia, ele não podia ter certeza.

Ela pulou de seu banquinho e agarrou sua bolsa. Ela correu para fora da sala de aula, um gosto amargo no fundo da garganta. Seus dedos encontraram o pedaço de pele brilhante em sua palma. Sem nenhum aluno nos corredores, seus sapatos ecoaram nos azulejos, os sons saltando contra as paredes e caindo de volta para ela até soar como se cópias dela estivessem caminhando para os dois lados.

Ser chamada à sala da diretora não era algo bom, não é? Não no primeiro dia. Ela tinha feito algo errado? Ela não conseguia pensar em nada. Ela estava sendo normal. Na maior parte do tempo.

A não ser pelo relógio, talvez. E o pássaro, talvez. Mas ninguém mais sabia sobre eles.

As instruções do Sr. Blackham a levaram a uma grande porta de carvalho, como algo emprestado de um castelo. Ela estendeu a mão para a maçaneta, mas ela se abriu sozinha, quase batendo nela. A garota que saiu do escritório a acertou — um *golpe* no ombro que

ainda quase fez com que as duas caíssem no chão. A garota a pegou pelo braço, puxando-a para cima.

Ao toque, a pele de Eleanor arrepiou-se, como insetos correndo sobre seu pulso — a mesma sensação que ela teve quando Otto pegou sua mão. A garota deixou cair o braço e soltou um suspiro, jogando mechas soltas de cabelo acobreado para longe de seu rosto. O resto estava em um rabo de cavalo desleixado. Ela não estava usando o blazer da escola e sua camisa pólo branca estava amassada e apenas meio dobrada para dentro da calça.

— Cuidado! — a garota a repreendeu. — Você não sabe que é perigoso por aqui?

— Eu... — Eleanor começou, mas a garota já estava decolando no corredor, seus tênis rangendo no azulejo. Eleanor a observou ir, esfregando o pulso, embora o formigamento já tivesse parado.

Ela balançou a cabeça. Provavelmente não foi nada. Seus nervos deviam estar a flor da pele, só isso.

Ela se voltou para a porta, que havia se fechado. Timidamente, ela a abriu. Desta vez, nada saltou sobre ela, e ela entrou no escritório. Lá dentro, uma mulher de cabelos grisalhos com batom roxo digitava em um computador. Ela olhou para cima quando Eleanor entrou e franziu os lábios.

— Ela está esperando por você, — disse a mulher com o tipo de voz áspera que você tem ao fumar cigarros a vida inteira, e apontou por cima do ombro para uma segunda porta, muito menos intimidante, que levava a um escritório interno. Eleanor passou furtivamente por sua mesa. A mulher começou a digitar furiosamente.

A porta interna do escritório estava entreaberta. Eleanor bateu com hesitação, abrindo um pouco ao mesmo tempo, e enfiou a cabeça para dentro.

Uma mulher da idade de sua mãe estava sentada atrás de uma enorme mesa de carvalho que combinava com a grande porta do escritório. As pernas foram esculpidas em troncos de árvore retorcidos que se projetaram para fora antes de se curvarem em direção à superfície larga e plana. A mulher atrás da mesa tinha a pele leitosa como mármore branco, seus traços precisos, dando a ela uma aparência esculpida. Ela usava o cabelo laranja-avermelhado preso para trás em um coque apertado. Seu batom era vermelho brilhante e seus olhos verdes brilhantes — tudo nela era brilhante, como jóias polidas. Ela fazia Eleanor pensar em serpentes e rainhas

malvadas, como nos contos de fadas que sua mãe costumava ler para ela.

— Senhorita Barton. Por favor, sente-se. — Ela acenou para a poltrona à sua frente, do outro lado da mesa, e Eleanor se afundou nela. Ela sentiu que deveria dizer algo, mas não conseguia imaginar o quê. A Sra. Foster cruzou as mãos em cima da mesa e olhou para ela através dos óculos de aro preto. — Como está indo seu primeiro dia até agora? — ela perguntou.

— Hum. Tudo bem, — disse Eleanor. — Eu estive em aula por apenas alguns minutos.

— Mas você não encontrou nenhum problema?

— Não, — disse Eleanor. — Sem problemas.

— Bom. Muito bom. Agora, lamento que não tenhamos nos conhecido antes de hoje. Normalmente, eu insisto em encontrar todos os nossos alunos em algum momento do processo de inscrição, mas você não teve um processo de inscrição normal, não é?

— Não, acho que não. Eu realmente não sei — eu sei que minha tia —

— Jenny é uma mulher encantadora, — disse Foster com um largo sorriso. Seus dentes eram muito brancos e retos. — Mas não foi realmente por causa dela que renunciei ao procedimento normal.

— Não foi? — Eleanor perguntou.

— Sua mãe. Claire. Ela era uma querida amiga minha, — disse Foster. — Crescemos juntas, aqui em Eden Eld. Quando meu pai era o diretor. Nós nos metemos em todos os tipos de problemas. — Ela riu como se esperasse que Eleanor participasse, mas a boca de Eleanor estava seca. Ninguém havia dito o nome de sua mãe em voz alta para Eleanor, não que ela pudesse se lembrar, desde o incêndio. — Eu sei que você está passando por um momento muito difícil agora. Mas quero que saiba que pode vir até mim. Para o que você precisar, — disse a Sra. Foster.

Suas palavras transbordaram de calor, mas um calafrio desceu pela espinha de Eleanor. Ela murmurou que entendia. Seus olhos desviaram-se dos da Sra. Foster. Era difícil sustentar aquele olhar verde brilhante.

Um porta-retratos de prata estava no canto da mesa da Sra. Foster. A foto era de uma sorridente Sra. Foster, no mesmo terno azul escuro que ela usava agora. Ao lado dela estava um homem de aparência cansada, com têmporas grisalhas e um nariz comprido e

triste. E entre eles, com as mãos em seus ombros, estava a garota ruiva que quase derrubou Eleanor, uma mancha de sujeira em sua bochecha e um sorriso tão largo que você sabia que ela estava fingindo para a câmera.

— Minha filha, — disse Foster. — Pip.

— Nós já nos encontramos. Mais ou menos, — disse Eleanor. Se você pudesse chamar isso de encontro.

— Minha primeira e única, — disse a Sra. Foster com uma espécie de suspiro, e então bateu palmas, fazendo Eleanor pular em sua cadeira. — Bem! É melhor você voltar para a aula. Você não quer ficar muito para trás. Tanta coisa para fazer e *tão* pouco tempo.

Ela sorriu com aqueles dentes perfeitamente brancos e retos. Eleanor se levantou. E então ela fez uma pausa. — Você disse que era amiga da minha mãe? — ela perguntou.

— Muito boas amigas. Todos se conhecem no Eden Eld, é claro, mas Claire e eu compartilhamos vários interesses em comum, — disse Foster, teclando com suas longas unhas no desktop pensativamente.

— Que tipo de interesses? — Eleanor perguntou.

— Ah, você sabe, o tipo de coisa que as adolescentes podem fazer, — disse Foster. Um olhar estranho passou por seu rosto. Algo que era quase tristeza e quase satisfação. — Ou você não saberia ainda, suponho. Claire e eu tínhamos um interesse especial pela história local. Embora nos tenha levado a lugares bem diferentes.

— Entendo, — disse Eleanor, embora não entendesse. Ela poderia dizer que a Sra. Foster não ia dizer mais nada sobre isso, no entanto, e havia algo muito desconfortável em ficar na frente daquela mesa enorme com aqueles olhos perfeitamente verdes fixos nela. Ela engoliu em seco. — Eu devo ir, então.

— Maravilhoso, — disse a Sra. Foster com outro sorriso brilhante, e Eleanor recuou dois passos antes de se virar e sair correndo da sala. Ela fechou a porta atrás de si e começou a voltar para a mesa da secretária, mas então congelou. A secretária havia parado de digitar e estava olhando confusa e perplexa para a última linha que havia escrito.

Saía Saía Saía Saía Saía Saía do Eden eLd

— Bem, — disse a secretária com sua voz rouca e apagada de cigarro. — Bem. — Seu queixo balançou para frente e para trás, um estranho tipo de contração, e ela apunhalou um dedo manchado de

amarelo contra a tecla de retrocesso. — Bem. Bem, — ela disse a cada vez que teclava, e uma por uma as letras desapareceram, até que tudo o que restou foi um e-mail normal. Então ela piscou e sorriu brilhantemente para Eleanor. — Precisa de mais alguma coisa, querida? — ela perguntou.

— Não, — disse Eleanor apressadamente. — Nada, obrigada.

Ela fugiu

TRÊS

Eleanor passou por química sem mais interrupções. Depois ela teve aula de matemática (sua segunda matéria mais fraca), e almoço (ela procurou Otto, mas não o viu), e então foi a vez de história, onde foram informados pela enérgica professora, Sra. Edith Green, que eles estariam caminhando para a cidade para conduzir uma caça ao tesouro educacional.

O resto da classe estava vestindo os casacos e tagarelando com a excitação de ter sido liberada da sala abafada pelo dia quando Pip Foster entrou derrapando na sala, tão desgrenhada quanto estivera naquela manhã.

Sra. Edith — ela insistia em ser "Sra. Edith" em vez de "Sra. Green" — suspirou. — Atrasada de novo, Pip — ela lamentou. — Pontualidade é uma habilidade importante para a vida. — O canto de sua boca se curvou em um sorrisinho estranho, que Eleanor quase chamaria de *presunçosa*. — Embora eu suponha que não...

Ela não terminou a frase final. Pip não estava prestando atenção, de qualquer maneira. Ela viu Eleanor que estava olhando para ela abertamente, carrancuda. As bochechas de Eleanor ficaram quentes. Ela desviou o olhar. E então ela deu uma rápida olhada de lado para a garota ruiva.

Eleanor não gostava da Sra. Foster — não gostava do jeito que ela olhava para Eleanor como se ela fosse um espécime em uma jarra, não gostava de seu sorriso doce demais e da maneira como falava com Eleanor como se ela não gostasse realmente entendesse. A maneira como você falou com um animal de estimação. Para ser

perfeitamente precisa, ela dava arrepios em Eleanor. E quando Pip a tocou, ela teve aquela sensação de formigamento na pele. Mas então, isso aconteceu com Otto também. E ela gostava de Otto.

Então, o que isso queria dizer sobre Pip? Pip não parecia nada com sua mãe — como se ela tivesse ganhado sua aparência e nada mais. Cada centímetro da Sra. Foster estava polido e controlado, enquanto Pip parecia ter tanta energia que deixava tudo um pouco torto, desde seu cabelo despenteado até os cadarços desamarrados. Ela rabiscou com uma caneta roxa em seu braço, rabiscos, estrelas e pontos de exclamação, e havia uma marca de nascença aparecendo na gola de sua camisa, onde seu pescoço e seu ombro se encontravam.

Aquilo era uma chave?

Eleanor piscou, olhando mais de perto, mas Pip havia mudado a bolsa no ombro e a marca de nascença — se era isso — desapareceu.

— É rude ficar olhando — Pip disse a ela, mas metade de sua boca se curvou em um sorriso. Então ela disparou para fora da sala de aula atrás do resto dos alunos, deixando Eleanor para trás.

Ela provavelmente apenas imaginou a marca de nascença. E ela provavelmente imaginou a coisa na árvore, e a maldade no sorriso da Sra. Foster. Este lugar era normal. Ela era normal.

Tudo ia ficar bem.

• • •

ERA uma curta caminhada da Academia até a praça da cidade. Se não fosse pelos carros modernos, seria como atravessar uma curva do tempo. Eden Eld era toda de ruas de paralelepípedos e pinheiros imponentes, pequenos edifícios pitorescos com persianas brancas brilhantes e, mesmo no final da temporada, pequenos canteiros de flores por toda parte. Até as folhas de outono caíram de maneira ordenada, os tons perfeitos de vermelho, amarelo e laranja, nenhuma delas ficou marrom e protuberante.

As poucas flores que ainda estavam desabrochando apareciam nas floreiras das janelas e ao longo das bordas das passarelas. Eles eram todos do mesmo tipo, um que Eleanor nunca tinha visto antes de vir para Eden Eld. Eles tinham pétalas roxas avermelhadas que eram estranhamente grossas, e suas folhas eram longas, com bordas irregulares. Eram lindos, supôs Eleanor, mas também inquietantes.

Parecia que aquelas folhas poderiam picá-la. Mas algo sobre eles era familiar.

— Reúnam-se! — Sra. Edith gritou, gesticulando para eles irem em direção a ela no centro da praça da cidade. Era uma pequena praça bem organizada com árvores — rodeadas de flores — em cada esquina e um monumento no centro, um pilar de pedra com palavras esculpidas em sua imponente superfície de granito. — Peguem uma planilha, encontrem um parceiro e preencham as respostas à medida que as encontrar. Vocês estão livres para passear, mas estarão de volta em trinta minutos para entregar seus papéis. E se vocês não tiverem certeza de onde pesquisar, perguntem por aí! Aprender é *conexão*! A história vive em todos nós!

Os olhos da Sra. Edith brilhavam febrilmente com o poder do aprendizado. À direita de Eleanor, Pip bufou e revirou os olhos um pouco. Eleanor escondeu um sorriso. A Sra. Edith *estava* um pouco entusiasmada demais. Ela era mais jovem do que a tia Jenny, e Eleanor achava que ela não dava aulas há muito tempo.

Mas ela estava pensando menos sobre a Sra. Edith e mais sobre a atribuição. Deixando-os vagar? Falem com os locais? Teria sido inimaginável em sua antiga escola. Mas ela tinha ouvido isso várias vezes: Eden Eld é a *cidade mais segura a oeste do Mississippi*. Por que o Mississippi, ela sempre se perguntou.

Mas eles estavam certos. Ela tinha pesquisado. A taxa de criminalidade de Eden Eld era efetivamente zero. Eles tinham apenas um policial, e eles dirigiam principalmente o tráfego. *O lugar perfeito para criar uma família,* dizia o site. *Nossas crianças são o nosso futuro*.

— Você quer ser minha parceira? — Pip perguntou a ela, arrastando os pés com um olhar de resignação entediada. Ela gesticulou vagamente com o par de planilhas já em sua mão. — Eu fiz um milhão dessas coisas. Provavelmente podemos nos livrar disso em cinco minutos e ir buscar um pouco de chocolate ou algo assim.

— Eu, uh...

Otto disse para cuidar de você — disse Pip, como se isso explicasse algo. — Ele disse que você está bem. — Ela parecia não convencida, mas aberta às possibilidades.

— Você conhece Otto? — Eleanor perguntou.

— Todo mundo conhece todo mundo aqui — disse Pip. — É o pior. Exceto Otto, obviamente. Ele é o melhor. Mesmo que ele seja um

idiota gigante. Então o que você diz?

Eleanor mordeu o lábio. Ela queria ser amiga de Pip, de um jeito que também a fazia querer se esconder em um buraco muito fundo ou em um armário muito escuro e torcer para que Pip nunca olhasse para ela novamente, porque e se ela fizesse algo *estranho* e Pip contasse a Otto e então nenhum deles falasse com Eleanor nunca mais e ela tivesse que mudar seu nome e se mudar para Poughkeepsie e...

— Ótimo! — Pip declarou, como se Eleanor tivesse respondido, e empurrou a segunda planilha em suas mãos.

— Oh. Ok. Obrigada. — Eleanor conseguiu colocar para fora. Ela pegou a planilha oferecida e olhou para a primeira pergunta. — *'O que está escrito no Monumento dos Fundadores?'*

— Já sei esse — disse Pip. — Eu posso preencher para você. — Ela estendeu a mão para o papel.

— Philippa, o *espírito* da designação é tão importante quanto a *letra* da designação — disse Edith, flutuando em uma nuvem de felicidade instrucional.

Pip suspirou. — Eu gostava mais dela quando era minha babá. Pelo menos eu não fui avaliada — ela confidenciou. Ela apontou o queixo em direção ao pilar de granito, ao redor do qual vários alunos estavam agrupados. Eleanor ainda não teve a chance de aprender os nomes das pessoas, o que a fez sentir como se houvesse uma barreira entre ela e o resto deles, como um painel de vidro embaçado no qual ela estava presa do lado errado.

Ela não tinha sentido isso com Otto. E, estranhamente, não com Pip também, que abriu caminho no meio da pequena multidão. Eleanor se infiltrou de perto, aproveitando a lacuna atrás dela. Pip chegou ao monumento e balançou as mãos. — Ta-da — disse ela, e então, visivelmente desviando o olhar, recitou as palavras no monumento. — *'Em homenagem aos presentes na assinatura, por garantir a segurança e a prosperidade de Eden Eld para as gerações vindouras.*' — Ela continuou com as três linhas curtas inscritas em um texto mais bloqueado abaixo. — 'Eden Eld. Fundada em 1851. *Sempre em Frente*. 'Um tipo de lema de cidade terrível, se você me perguntar, mas estranhamente eles não perguntaram.'

Eleanor devidamente rabiscou a resposta — o espaço fornecido não era grande o suficiente e ela teve que virar a página e escreva na margem também. — E os números?

— Que números? — Pip perguntou, olhando para ela.

Eleanor apontou. No meio do caminho entre o texto e o solo havia um minúsculo conjunto de números esculpido cuidadosamente na pedra, cada um com não mais do que meia polegada de altura. 31313.

— Huh — disse Pip. — Nunca tinha reparado nisso antes. — Ela deu a Eleanor um olhar suspeito, como se ela mesma os tivesse esculpido furtivamente. Mas então ela apenas deu de ombros e acrescentou os números à sua resposta.

O restante dos alunos havia se afastado, tendo terminado com a primeira tarefa, e estavam se espalhando enquanto rastreavam outras entradas na planilha. Pip leu a folha e deu um aceno decisivo.

"'*— 'As mãos de um fundador fizeram essas mãos. Que data é na minha base? '* — Isso significa a torre do relógio — mãos, entendeu? Bartimaeus Ashford o construiu. Há uma placa ao lado com a data de construção. E fica ao lado da Betty's Bakery, que tem o melhor cacau. Faremos isso a seguir.

Ela agarrou a mão de Eleanor para puxá-la. No instante em que suas mãos se tocaram, aquela sensação a percorreu novamente — exceto que desta vez era menos como um inseto rastejando em sua pele e mais como um *zumbido*, um formigamento que percorreu todo o caminho desde os ossos de sua mão até a base dela no ombro. Pip olhou para baixo em suas mãos e depois para Eleanor com uma carranca.

Ela havia sentido isso também? Mas então ela partiu novamente, puxando Eleanor atrás dela, movendo-se em uma meia corrida como se fosse a configuração mais lenta que ela tinha. Ela saltou sobre um fardo de feno e Eleanor foi forçada a segui-la, por pouco não pisando na testa protuberante de uma abóbora sorridente. Espíritos alegres e fantasmas cintilantes riam de todas as janelas. Parecia que todas as decorações estavam sorrindo. Espantalhos sorridentes, aranhas sorridentes, lobisomens sorridentes em macacões e chapéus de palha. Ela nunca tinha visto um Halloween tão *feliz*. Foi um pouco perturbador. E em toda parte, as flores roxas cresceram, suas pétalas descascando de seus centros como lábios zombeteiros.

— 'E mesmo no outono e durante os invernos mais frios, as flores desabrocharam' '— sussurrou Eleanor. Pip desacelerou um pouco, aumentando o ritmo para uma caminhada rápida, e olhou para trás. Ela soltou a mão de Eleanor, mas Eleanor ainda se sentia puxada por trás dela.

— De onde é isso? — Pip perguntou.

— Um conto de fadas — disse Eleanor. Era disso que as flores a lembravam — o livro de contos de fadas de sua mãe. *Treze Contos do Cinza*, era como se chamava. Ela lia para Eleanor todas as noites quando era pequena.

Uma pontada passou por ela, uma leve tristeza envolvendo a raiva aguda e nenhum dos dois estava certo. O livro tinha queimado, com tudo o mais na casa.

— Bem, é verdade — disse Pip. — Elas florescem o ano todo, todos os anos. E Eden Eld é o único lugar onde eles crescem. — Ela cutucou uma das flores, que crescia na faixa ao lado da calçada. Sua cabeça balançou, e as pétalas reunidas bateram contra a ponta do sapato dela, o movimento como uma cobra atacando.

Eles haviam chegado à Betty's Bakery, Eleanor percebeu, um prédio pequeno e pitoresco com a torre do relógio de três andares aparecendo atrás delas; foi por isso que Pip parou. O cheiro de canela e chocolate exalava. Um assento de janela profunda na frente estava preenchido com uma exibição de Halloween de abóboras esculpidas intrincadamente. Uma lia *Padaria da Betty* em uma escrita assustadora. Os outros mostravam um gato sibilante, um lobo uivando para a lua e um pássaro com olhos de aparência perversa. Um homem estava sentado a uma mesa na frente, assobiando enquanto esculpia uma nova, um balde de tripas de abóbora ao lado dele e jornal cobrindo a mesa.

— A torre do relógio está logo virando a esquina — disse Pip, um tanto desnecessariamente. — Se você preencher as planilhas, posso conseguir chocolate quente para nós. Podemos beber enquanto procuramos as outras coisas.

— Ok, sim, você conseguiu — disse Eleanor rápida e bem alto, parecendo uma completa esquisita, ela tinha certeza. Ela sentiu suas orelhas esquentarem. Ela era, descobriu-se, realmente muito terrível em não ser normal. Mas Pip não parecia se importar.

Um amplo pátio de paralelepípedos se estendia entre a padaria e o prédio ao lado, e exatamente no meio ficavam as íngremes paredes de pedra da torre do relógio de quatro lados. Era *apenas* uma torre, sem nenhum prédio anexado a ela ou qualquer coisa, a base talvez com três metros por três de largura. Um portão de ferro forjado bloqueava os fundos do pátio. Do outro lado estendia-se um terreno baldio e depois as formas altas e imponentes dos pinheiros.

Eleanor não pensava que as árvores estivessem tão perto da cidade. Entre os edifícios, tudo era tão aberto e claro. Ainda assim, a floresta esperava, apenas fora de vista.

Ela cruzou o pátio até o mural da torre do relógio. O lado mais próximo dela não tinha nada sobre ele. Ela deu a volta por trás e para o outro lado antes de encontrar a placa de latão que contava a história de Bartimaeus Ashford, o mais jovem dos fundadores, que era arquiteto e relojoeiro. O mesmo Ashford que construiu a Ashford House, é claro, e vários outros prédios da cidade. E a torre parecia tão estranha quanto a casa, à sua maneira. Ashford House tinha muitas portas e escadas; a torre parecia não ter nenhuma. Não precisava ser consertada? Polida? Limpa, de verdade? Mas não havia portas em nenhum dos quatro lados.

Esquisito. Ela balançou a cabeça e lembrou-se de que não estava apenas fazendo turismo: ela tinha que preencher a planilha.

Pip havia dito que a data na placa era a data em que a torre do relógio foi construída, mas ela deve ter se lembrado errado. A única data era o aniversário de Bartimeu: 28 de setembro de 1842. *A data da morte de Bartimeu Ashford é desconhecida* acrescentou a placa. Isso, pensou Eleanor, também era estranho. Se ele era tão famoso, eles não deveriam saber quando ele morreu?

A pele na parte interna de seu pulso formigou, e ela olhou para a direita, sem saber bem por quê. Ela congelou.

Lá, no lote vazio, estava um cachorro preto gigante. Ele ofegou, enormes nuvens de névoa rolando sobre sua língua vermelha. Seus olhos também estavam vermelhos e olhavam diretamente para ela. Ele deu um passo em sua direção, a cabeça caindo, a cauda rígida e esticada para trás.

— Trouxe chantilly extra para você — disse Pip em voz alta, virando a esquina. Os olhos de Eleanor permaneceram fixos no cachorro. Ele rosnou, o som vibrando no ar até fazer seus dentes baterem nas órbitas. — Aqui está. Eleanor? Terra para Eleanor, temos chocolate quente, vamos lá, Eleanor.

— Você não vê o (...) — Eleanor começou. Pip não poderia não ter notado o cachorro. Ele estava bem ali. Mas era como se ela não tivesse visto nada. O que significava... o que significava que Eleanor estava definitivamente vendo coisas que não estavam lá.

Tudo começou de novo.

Ela se forçou a se afastar do cachorro. Ela sorriu. — O que eu devo a você? — Ela perguntou.

— Nada. Minha mãe me dá uma tonelada de mesada para compensar o fato de ela ter os instintos maternais de uma lesma do mar — disse Pip, e entregou o chocolate. — Vamos descobrir que tipo de árvore adorna a placa em frente à biblioteca?

Não se vire. Não olhe para coisas que não estão lá.

— Vamos — disse ela com sentimento. Pip agarrou a mão dela novamente e a conduziu de volta à frente do prédio, movendo-se com velocidade suficiente para que Eleanor tivesse que tomar cuidado para não derramar seu chocolate. Ela ouviu um grunhido ou o barulho de patas enormes batendo em um portão de ferro, mas nada veio.

E então eles saíram do beco e voltaram para a frente da padaria, onde o homem que esculpia a abóbora estava sentado com uma expressão intrigada no rosto, coçando o queixo e olhando para o que havia feito. Ele esculpiu a abóbora com palavras e ao redor delas havia marcas irregulares, como se ele tivesse enfiado a faca na abóbora várias vezes sem nenhum talento artístico. Treze marcas irregulares e duas palavras.

VÁ EMBORA.

Enquanto desciam a rua, ela quase pensou tê-lo ouvido chorar.

QUATRO

De volta à praça da cidade, a Sra. Edith recolheu suas planilhas e, com um olhar cético para as xícaras de chocolate quente vazias, declarou Pip e Eleanor as vencedoras, sendo as únicas com respostas totalmente corretas. Enquanto caminhavam de volta para a escola, Eleanor ficava olhando de um lado para o outro, esperando ver aquele enorme cachorro preto de novo e desesperadamente esperando que ela não visse, ou que outra pessoa *visse*, e provasse que ela não estava vendo coisas que não existiam.

Não foi a primeira vez que Eleanor via algo que ninguém mais via. Ninguém mais tinha visto o homem no ponto de ônibus de volta para casa também. Ou os outros sobre os quais ela aprendeu a não falar. Que ela, eventualmente, parou de ver. Que ela, eventualmente, parou de ver.

Eles chegaram à sala de aula no final do período e os alunos se dispersaram para as próximas aulas. Pip hesitou na porta. — Eleanor — disse ela, e deixou a palavra pendurada. E então ela balançou sua cabeça. — Deixa pra lá. Foi bom conhecê-la. Podemos sair novamente amanhã, se você quiser.

— Eu gostaria disso — disse Eleanor. Ela ficou surpresa ao descobrir que o sorriso que deu a Pip era inteiramente genuíno.

— Eu tenho que ir para a aula de educação física — disse Pip. — Tenha cuidado, ok?

— O que você quer dizer? — Eleanor perguntou, assustada, mas Pip apenas deu de ombros e saiu correndo, deixando Eleanor olhando para ela.

• • •

ELEANOR NÃO VIU Otto no ônibus para casa e ela foi sozinha no banco de trás, puxando os pés para cima no assento. Ela tinha exatamente um objetivo hoje: passar por isso com todos pensando que ela era normal. E ela poderia realmente dizer que falhará? Ela não tinha feito nada estranho. Coisas estranhas aconteceram ao redor dela, mas isso não contava, não é?

Exceto que ela foi a única que percebeu. O que significava que *estava* acontecendo novamente. Exatamente como antes, quando ela era pequena. Exatamente como antes de sua mãe colocar o fogo que incendiou sua casa e quase matou Eleanor.

Ela se sentia vacilante, quase tonta, seus pensamentos confusos como você ficava quando não tinha água suficiente e ficava do lado de fora o dia todo sob o sol. Ela esperava que vir para Eden Eld significasse deixar esse tipo de coisa para trás.

Eleanor ainda não tinha certeza o que era *esse tipo de coisa*, exceto que fazia ela sentir cheiro de fumaça novamente, e a sensação de cinzas agarradas à pele. Isso a fez começar a tossir, até que o motorista do ônibus olhou para o espelho retrovisor para olhar para ela.

Ela teve sorte de sair. Quando ela viu a escada toda em chamas, ela cobriu a boca e caiu no chão e rastejou para o banheiro, que dava para a garagem. Ela subiu no telhado da garagem e desceu a sarjeta, e então correu de volta para a porta da frente para tentar entrar, porque sua mãe ainda estava lá.

Ela ainda tinha uma cicatriz de queimadura brilhante como uma lua crescente na palma da mão direita, onde ela tocou a maçaneta. O fogo estava tão quente que esquentou a maçaneta por completo. Ela não conseguia entrar. Ela não conseguia ajudar.

Mas descobriu-se que sua mãe ainda nãoestava lá. Eles procuraram por toda parte depois que o fogo foi apagado e não havia corpo. Mas a polícia tinha certeza, certeza absoluta de que uma pessoa havia causado o incêndio — bem no pé da escada. Eles disseram a ela que sua mãe havia começado o fogo, e então ela simplesmente... partiu.

Sempre que Eleanor pensava nisso, sentia como se estivesse tocando a maçaneta de novo — sentindo aquela pontada de dor, com muito mais esperando do outro lado. Isso a encheu de tanta raiva e

tristeza que tudo o que ela podia fazer era manter a porta fechada e tente não sentir absolutamente nada.

A polícia havia procurando por ela, é claro, e feito todo tipo de pergunta a Eleanor. Sobre as coisas estranhas que sua mãe disse, sobre o que chamavam de seu *comportamento errático*. Eles chamaram um psicólogo para falar com ela, e ele explicou como se ela tivesse seis anos. Que sua mãe estava doente do cérebro, e ela disse: *Você quer dizer que ela está mentalmente doente*, e o homem piscou três vezes por trás de seus óculos grandes e disse, lentamente, bem. Sim.

E então ela fez a única coisa que sua mãe lhe disse para não fazer durante toda a vida. .

Ela foi para Eden Eld, para morar com a tia Jenny.

O ônibus parou em frente à Ashford House. Ela desceu os degraus, tossindo no cotovelo mais uma vez. Os galhos da árvore em frente à casa balançaram e algo raspou na madeira. Eleanor caminhou rapidamente para a porta da frente, não diminuindo o passo até que fechou firmemente atrás dela.

Quando ela era pequena, antes de perceber que as coisas que ela via, que sua mãe via, não eram reais, sua mãe colocava seus braços em volta dela na cama e sussurrava para ela.

Há coisas no mundo que não deveriam existir, ela diria. *Coisas fora do lugar. Pequenos pedaços de outros mundos que escorregaram, como um pedaço de cascalho no seu sapato. Alguns deles são gentis, mas a maioria eles são perigosos. Tenha cuidado, Elle, e fique longe de Eden Eld.*

Ela sempre quis proteger Eleanor. Então Eleanor não conseguia entender por que ela teria causado o incêndio. Todos pareciam tão seguros, mas eles tinham certeza de que as coisas de que sua mãe temia não eram reais, e Eleanor sabia melhor. Sua mãe *estava* doente — seu medo rastejou dentro dela e cresceu e cresceu até que ela não conseguia respirar ou pensar direito. Ela estava doente e as coisas que viu eram reais.

Eleanor pensava que o fato de ter parado de vê-las significava que estava segura e que o pânico crescente de sua mãe era apenas um sintoma de sua doença. Mas agora elas estavam de volta. Eleanor sabia que isso não significava que sua mãe não estivesse doente.

Mas isso *significava* que ela estava certa.

E talvez isso significasse que havia mais no fogo do que todos pensavam.

• • •

BEN NÃO CHEGOU em casa para o jantar, e ela e Jenny comeram na frente da TV, Jenny com o prato equilibrado na barriga enorme. Eles assistiram a um programa sobre um grupo de ladrões e mocinhos, e no final do episódio todos os bandidos estavam arruinados e todos os mocinhos estavam felizes, e Eleanor se perdeu em um mundo onde todos os erros poderiam ser corrigidos em quarenta e três minutos (mais intervalos comerciais). Quando terminaram, Jenny estava bocejando e foi para a cama com um — boa noite, Elle — deixando Eleanor sozinha.

Começou a chover lá fora, tamborilando agradavelmente contra o telhado e as janelas. Ela sempre gostou do som da chuva, desde que não precisasse se molhar. Ela puxou o suéter ao redor dela enquanto fazia seu caminho para seu quarto e empurrou a porta.

Ela ficou surpresa ao ver algo esperando em sua cama. Um livro. Ela não se lembrava de ter deixado um livro lá. O que ela estava lendo estava na mesa de cabeceira, na verdade.

Ela cruzou a sala, carrancuda. E então ela parou de repente, seus pensamentos se transformando em um emaranhado selvagem que não fazia nenhum sentido.

Era o livro de sua mãe. *Treze contos do Cinza*.

Deve ser outra cópia. Jenny tinha deixado aqui, ou — mas não. Era o mesmo livro. *Exatamente* o mesmo livro, o mesmo desgaste na lombada, o mesmo traço de tinta rosa brilhante de um encontro próximo com um dos primeiros projetos de artesanato de Eleanor. Deveria ter queimado, mas a única evidência do fogo eram alguns pontos borrados de cinzas.

Ela se sentou na beira da cama e puxou-o em sua direção. A chuva havia parado. A casa estava em silêncio. — Você não pode estar aqui — disse ela. O livro, não convencido, permaneceu teimosamente real.

No corredor, o relógio bateu as horas.

CINCO

Eleanor dormiu com o livro ao lado dela na cama. Ela teve sonhos estranhos com algo suave e quase desconfortavelmente quente em seu peito, prendendo-a no chão, e ela acordou encharcada de suor e com um leve cheiro de cinzas. Também havia pequenas manchas nas cobertas e nas roupas. Devem ter vindo do livro. E o livro. . .

Ela não sabia se queria pensar sobre de onde o livro tinha vindo.

Ela temia que Otto não voltasse a embarcar no ônibus, mas ele entrou correndo quando chegaram no ponto dele, parecendo mais amarrotado do que no dia anterior. — Desculpe, senti sua falta ontem, — ele disse imediatamente. — Fui ajudar meu pai na clínica. Um border collie estava dando à luz. Tinha nove cachorrinhos. *Nove* . Você gostaria de ter nove bebês ao mesmo tempo?

— Apenas um já parece mais problemático do que estou interessada,— confessou Eleanor. “Minha tia está grávida,” ela esclareceu.

— Oh, legal. Amo crianças pequenas —, disse Otto. — Eu tenho três irmãzinhas — trigêmeas — por isso gostar delas pode ser apenas uma estratégia de sobrevivência. A única coisa de que gosto mais do que crianças pequenas provavelmente são os animais. Todos os animais. Cães, gatos, cavalos, lagartos. . .

Ela se perguntou se, dada a chance, ele nomearia cada tipo de animal no ecossistema. Mas o ônibus passou por um solavanco acentuado e pareceu atrapalhar sua linha de pensamento. Durante o resto da viagem, Otto falou sobre a clínica veterinária que seu pai

dirigia, seu cachorro, suas irmãs, o tamanho relativo dos planetas no sistema solar e o supervulcão Yellowstone. Eleanor ouviu, feliz por deixar outra pessoa preencher o silêncio. O Colégio Eden Eld usava um horário em blocos, o que significava que Eleanor tinha um novo conjunto de salas de aula para encontrar hoje. Por sorte, a sua primeira aula do dia - Inglês com a Sra. West - ela compartilhou com Otto.

— Pip está nessa aula também — , disse Otto. — Você conheceu Pip ontem.

— Sim, eu sei —, disse Eleanor, rindo.

— Certo. Claro que você sabe. Minha mãe diz que preciso instalar um filtro melhor entre meu cérebro e minha boca.

— Eu não me importo —, disse Eleanor, balançando a cabeça, e o seguiu pelos corredores ecoantes da escola. O livro de contos de fadas estava no fundo de sua bolsa e parecia torná-la mais pesado enquanto ela andava. Ela ainda não tinha aberto, mas não se sentia confortável em deixá-lo em casa. Ela não entendeu como ele tinha parado em seu quarto.

Sua mãe tinha deixado o livro para ela?

Mas isso era impossível. Sua mãe havia partido. Ela fugiu - abandonou Eleanor e coisas piores. Eleanor a *odiava*. Odiava ela, e por isso odiava o livro também. Exceto que ela também amava sua mãe e por isso guardou o livro, manteve-o fechado e desejou saber o que deveria fazer e o que deveria sentir.

Otto a conduziu até uma mesa de canto quando eles chegaram, que já estava ocupada por outros dois alunos. As outras duas crianças, uma menina e um menino, sentavam-se tão próximos que ficavam batendo os ombros e cochichavam sobre algum programa que haviam assistido na noite anterior.

A Sra. West viu Eleanor e sorriu, então se aproximou com um livro e uma pilha arrumada de papéis.

— Eleanor, não é? — ela perguntou. — Bem-vinda ao Colégio Eden Eld. Eu sou a Sra. West. Obviamente! Ela riu, como se isso fosse uma grande piada. Ela tinha uma pele que lembrava Eleanor de uma massa que acabara de crescer. Macia e de alguma forma vulnerável. Ela colocou o livro e os papéis na frente de Eleanor e bateu neles duas vezes com unhas pintadas da cor de mirtilos maduros demais. — Aqui está tudo que você precisa por enquanto. Já pus o livro em seu nome e é aqui que eu ia colocá-lo. — Seus olhos se desviaram

para o assento vazio à direita de Otto, mas nesse momento a porta se abriu e Pip entrou derrapando na sala, com o rosto vermelho de tanto esforço.

— Estou aqui! O sino não tocou! — ela disse, e o sino tocou logo em seguida.

A Sra. West riu. — Bem na hora, Pip! Bem, agora que estamos todos aqui. . .

A Sra. West fez seu caminho até a frente da classe, já divagando sobre os planos para a semana.

Pip correu para o assento vazio ao lado de Otto e caiu nele com um suspiro tempestuoso.

"Você literalmente mora no terreno da escola, Pip", disse Otto, os olhos brilhando. "Como você está *sempre* atrasada?"

— Minha mãe estava no telefone com o *sujeito três*,— ela sussurrou. — Eu estava tentando ouvir. Eu tenho uma coisa no meu kit de espionagem que permite que você ouça conversas de longe, e eu estava testando.

— E?

— Nada de interessante. — disse ela. — Apenas Como vão as coisas? Oh, muito bom aqui também. Tudo deve estar pronto para o grande evento.E então adeus.

“It’s probably just some January Society thing,” Otto said.

A voz de Pip mal ultrapassou um sussurro, e Eleanor teve a sensação de que ela não deveria estar ouvindo, mas não conseguiu evitar.

Otto revirou os olhos. — Eles não são maus. Eles fazem vendas de bolos. Seitas malignas não vendem bolos.

— Aparentemente eles vendem — , disse Pip.

Eleanor não sabia se ela estava brincando. Ela estava tentando não olhar muito fixamente enquanto conversavam, mas Pip dirigiu um olhar severo para ela.

— Seus pais estão na Sociedade January? — Pip perguntou.

— Não —, disse Eleanor ao mesmo tempo que Otto. Ele corou um pouco.

— Eleanor acabou de se mudar para cá —, disse Otto. — Lembra?

— Eu sei. Mas ela é uma Barton. Então sua família é daqui, não é? — Pip perguntou.

—Elasemudouparacáparavivercomasuatia — Otto disse, muito rápido e bem alto. — Na Casa Ashford.

— E não acho que Ben e Jenny façam parte de nenhuma sociedade. Eles doam para a ACLU? — Eleanor forneceu, sem saber se isso contava.

O rosto de Pip se iluminou. — Espere, você realmente mora na Casa Ashford? Isso é fantástico. Você deveria ter me dito isso ontem, Otto! Caramba.

— Pip! Por favor, mantenha a conversa paralela no mínimo —, disse a Sra. West. As orelhas de Pip ficaram escarlates nas pontas, e ela começou a rabiscar silenciosamente na margem do caderno, retorcendo linhas com pedaços irregulares como espinhos.

Eleanor olhou pela janela enquanto a Sra. West distribuía materiais de estudo. A vista da janela dava para uma campina vazia ao lado da escola, mais como uma pausa aleatória nos pinheiros do que qualquer coisa intencional. A grama tinha crescido uns bons trinta centímetros de altura, e uma baixa névoa matinal pairava perto dela, dando a tudo uma aparência nebulosa e fantasmagórica.

No meio do campo estava o cachorro preto. O vapor se derramou entre suas presas. Uma gota de saliva pingava de um lado de sua papada e, embora ela não pudesse ouvir, tinha certeza de que ele estava rosnando.

A Sra. West chegou até ela. Ela seguiu o olhar de Eleanor e sorriu. — É um campus tão adorável, não é? — ela perguntou. Ela colocou a mão nas costas da cadeira de Eleanor e suspirou. — Positivamente pitoresco. Oh, que eu fosse um poeta, e poderia descrevê-lo como ele merece. Mas é para isso que tenho todos os meus jovens Wildes, Byrons e Shakespeares em formação! Ela deu um tapinha no ombro de Eleanor e se afastou novamente.

Otto bateu na mão de Eleanor com a ponta do dedo mínimo. Ele olhou para seu papel enquanto sussurrava. — Não olhe para ele —, disse Otto. — Você não quer que eles saibam que você consegue ver.

As pontas dos dedos de Eleanor ficaram frias de novo, o gelo subindo em direção aos nós dos dedos.

Ele tinha visto isso.

Ela queria perguntar o que ele viu, mas ele estava de cabeça baixa, lendo a história nas páginas copiadas. Pip tinha exatamente a mesma pose, ombros curvados, cabeça baixa, mas seus olhos estavam erguidos para Eleanor. Seu olhar era intenso e sério. Ela também viu.

Ela tinha visto ontem. Ela fingiu que não, mas ela *deve* ter visto. Por que ela não disse nada? Certamente ela sabia que Eleanor podia

ver o cachorro, então por que deixá-la pensar que ela era a única?

Por que deixá-la pensar que estava sozinha?

Eleanor arriscou uma última olhada pela janela. O cachorro tinha sumido.

• • •

OLHE COM *o canto do olho, sua mãe havia dito a ela, em algum momento daqueles últimos dias horríveis. Não olhe diretamente. Sempre olhe para eles de lado. É assim que você se mantém a salvo.*

Ela nunca tinha dito a ninguém. Certamente não diria agora. Eles pensariam que ela era como sua mãe. Eles pensariam que ela estava doente e precisava de ajuda. Talvez ela precisasse.

Mas Otto e Pip também tinham visto. Isso nunca tinha acontecido antes.

O almoço foi quinoa e um curry de vegetais feito com vegetais colhidos localmente (TODOS DENTRO DE 48 QUILÔMETROS! Dizia o cartaz na fila do almoço). Na antiga escola de Eleanor, as quintas-feiras costumavam ser hambúrgueres tristes e achatados que nem tinham cobertura. Ela desejou que estivesse com fome o suficiente para desfrutar da mudança.

Otto e Pip encontraram Eleanor na fila do almoço. Assim que ela comeu, eles a arrastaram para a beira do pátio da frente, perto dos fardos de feno. Havia uma pequena placa de madeira ao lado da decoração que dizia DOADO PELA SOCIEDADE JANUARY. Pip chutou com o dedão do pé quando ela se sentou.

— Então. — disse Pip, assim que todos se sentaram. — Você viu. O cachorro. Sua voz saiu abafada.

— Aquele com olhos vermelhos brilhantes? — Eleanor disse em um volume *normal*, e ambos a calaram.

— Não olhe. E não fale sobre eles muito alto —, disse Otto. — É assim que você fica a salvo.

— Falar sobre quem? — Eleanor perguntou, perplexa e mais do que um pouco com medo. — Ficar a salvo do quê?

— *Eles*. Coisas erradas —, disse Pip. — Como o cachorro, mas há outros também. O cachorro é novo. Mas há outras coisas.

— Como o quê? — Eleanor perguntou.

Pip hesitou. — Eu não tenho certeza se devemos dizer a você. É mais seguro se você não os notar e, uma vez que alguém lhe fala

sobre eles, fica mais difícil não notá-los. Se eles perceberem que você está notando, ou se alguém ouvir você falando sobre eles. . . — Ela fez um movimento de cortar a garganta.

— Não dê ouvidos a ela —, disse Otto. Ele tirou um saquinho de migalhas e sementes de passarinho do bolso e estava fazendo uma pequena pilha a um braço de distância. Em segundos, dois esquilos saltaram pelo pátio e começaram a beliscar, aparentemente despreocupados que ele estivesse ali. — Ninguém vai te matar. Mas ninguém vai acreditar em você também, e você não quer que ninguém pense que você é louca.

— Millie Jenkins falou sobre coisas erradas e ela desapareceu —, disse Pip.

— Millie Jenkins mudou-se para Cleveland —, disse Otto.

— Como se *isso* parecesse parece real. — disse Pip, revirando os olhos. — A Sociedade January a pegou.

— O que é ... — começou Eleanor, mas Otto a interrompeu com um aceno de cabeça.

— Não deveríamos falar sobre isso agora —, disse ele. — Millie pode ter se mudado para Cleveland, mas August *definitivamente* foi enviado para uma clínica de internação e recebeu um monte de drogas realmente fortes para fazê-lo parar de ver coisas que ninguém mais acreditava que existiam. Não se preocupe. Nós vamos te ajudar. Mas você não pode sair por aí olhando para coisas erradas e dizendo coisas no meio do pátio da escola.

— Vocês me trouxeram aqui, — Eleanor apontou.

— Sim, porque é o nosso lugar , disse Pip. Ela apontou o garfo para a bandeja intocada de Eleanor. — Você vai comer isso?

— Hum. Acho que não. — disse Eleanor. Pip, que acabara de comer enquanto conversavam, começou a comer a de Eleanor. Algo sobre isso fez com que o estômago de Eleanor desse um salto feliz. Porque uma vez que alguém roubou comida de você, vocês estavam destinados a serem amigos.

Ela não tinha percebido até conhecer Otto e Pip o quanto queria um amigo. Ela pensou que tinha fechado aquela parte dela, depois do incêndio. Mas estava lá.

Ela mordeu a ponta do lábio. Uma parte lógica e racional de seu cérebro disse a ela que nada disso poderia ser real. Mas uma parte mais racional apontou que, se isso fosse verdade, Pip e Otto não poderiam saber o que ela viu.

— Eu costumava ver coisas assim. Quando eu era pequena — disse ela. — Mas eu parei de vê-los há muito tempo. Eu pensei que tinha acabado com tudo isso.

— É Eden Eld —, disse Pip. — Há coisas estranhas e erradas em todos os lugares, mas há *toneladas* delas em Eden Eld.

— Não sabemos por quê", — disse Otto. — Tentei rastrear a frequência para formar uma hipótese adequada, mas é difícil reunir dados em outros locais quando minha família só tira férias uma vez por ano em Pasadena para visitar minha avó.

— Portanto, tudo o que temos é 'Eden Eld é mais estranha do que outros lugares —, concluiu Pip.

Eleanor pensou. Ela olhou para longe, e embora seus pensamentos queriam correr, ela se forçou a pensar devagar. Pensar com cuidado.

Ela queria ser normal. Ela tinha sido tão cuidadosa. Mas isso...

Se isso fosse real? Se isso fosse verdade? Se Otto e Pip vissem as coisas que ela via, se eles pudessem encontrar respostas ou razões, ou mesmo apenas estar juntos, isso era cem vezes melhor do que o *normal*

— Vocês disseram que queria ver a Casa Ashford, certo? — ela disse.

— Sim? — Otto respondeu, já sorrindo. Os esquilos terminaram a refeição e saíram correndo com guinchos de satisfação.

— Então venham depois da escola. Podemos conversar lá, sem ninguém ouvir. Vocês pode me contar sobre as ... as coisas erradas — disse Eleanor.

— Podemos oferecer o curso intensivo — disse Pip com um aceno entusiasmado.

— E você pode nos dar um grande tour —, acrescentou Otto.

— Combinado —, disse Eleanor. Ela apertou a mão de Otto, depois a de Pip.

Ela fez dois amigos em sua primeira semana. Tia Jenny ficaria muito satisfeita.

SEIS

No final do dia, Pip entrou no ônibus com Eleanor e Otto, e o motorista não protestou. — Você não precisa de um passe ou algo assim? — Eleanor perguntou.

Pip encolheu os ombros. — Minha mãe é a diretora. Eu basicamente saio impune de qualquer coisa. Todo mundo tem medo dela, e ela realmente não se importa com o que eu faço. Então funciona bem.

— Meus pais praticam a free-range parenting —, disse Otto, balançando a cabeça de modo que o seu cabelo saiu da frente do olho. O cabelo voltou a cair no olho, mas ele parecia satisfeito com o seu feito. — Além disso, tenho irmãs trigêmeas de dois anos e dezessete animais de estimação, além daqueles que estou ajudando meu pai a reabilitar. Isso cria uma espécie de caos protetor, especialmente desde que minha irmã mais velha está na faculdade. Tenho pelo menos algumas horas antes que alguém perceba que estou fora.

Eles se sentaram amontoados em um banco destinado a apenas duas pessoas. Eleanor sentou-se espremida contra a janela, Pip espremida no meio e Otto equilibrado na borda.Eleanor observou a paisagem da manhã deslizar ao contrário enquanto conversavam sobre algum tipo de drama da sétima série que se desenrolou depois do almoço. Foi incrível para Eleanor que eles pudessem se concentrar nesse tipo de coisa. Será que eles estão brincando com ela sobre coisas erradas, o cachorro e todo o resto?

As árvores deram lugar a prados e de volta às árvores novamente. E lá, nas sombras sob os galhos, estava o cachorro de antes. Grandes olhos vermelhos, névoa caindo por entre os dentes amarelos. As mãos de Eleanor ficaram geladas.

— Gente! — Eleanor disse, e apontou. Pip esticou o pescoço ao redor dela, mas eles já haviam passado.

— O que é? — Otto perguntou, meio de pé em seu assento e tentando olhar pela janela traseira, que estava irremediavelmente suja.

— O cachorro —, disse Eleanor.

— Sim, está aparecendo há uma semana —, disse Pip. Seus olhos correram ao redor do ônibus, procurando por bisbilhoteiros. — Mas, falando sério, fale baixo.

— Normalmente coisas erradas grudam em um lugar, mas essa tem nos perseguido. Talvez outras pessoas também, mas você não pode exatamente perguntar — Otto sussurrou. — Pip acha que devemos tentar atacá-lo.

— Eu disse que *podíamos* tentar atacá-lo. Não *deveríamos* —, disse Pip.

— Suas palavras exatas foram 'Deixe-me fazer isso' —, disse Otto.

Eleanor estremeceu. Ela estava com frio o tempo todo agora. Todo o caminho até seu coração, que parecia bater tão forte que ela podia sentir nas pontas dos ombros.

— Ele não fez nada para nós —, disse Otto. — Ele apenas observa. Talvez tenha estado lá o tempo todo. Talvez não tenhamos percebido até agora.

— No entanto, geralmente notamos coisas erradas —, disse Pip, parecendo perturbada com a ideia.

— Nem sempre. Você não percebeu a luz whirly até que eu mostrei a você, e isso estava logo fora de sua casa.

Eleanor pensou no relógio do corredor. O relógio que ela não tinha visto até ontem de manhã. Ou ela tinha?

Ela franziu a testa, fechou os olhos e pensou sobre como subiu a escadaria em espiral no dia em que chegou, sua pequena bolsa triste com tudo o que possuía debaixo do braço. Ela tinha olhado para o longo corredor e contado as portas. Três à esquerda. Quatro à direita. E de frente do quarto onde ela dormiria - o relógio.

Ela tinha certeza disso. Ele esteve lá o tempo todo. Ela simplesmente não tinha notado.

Ela abriu os olhos, ainda carrancuda. — Há algo que vocês precisam ver quando chegarmos em casa —, disse ela.

• • •

DO LADO DE FORA, A a Casa Ashford parecia uma mansão mal-assombrada no estilo do Dr. Seuss. Uma torre se erguia no lado oeste da casa, como se tivesse sido roubada de um castelo medieval e presa com cola e possivelmente fita adesiva. A casa era cravejada irregularmente com janelas redondas e quadradas e janelas retangulares e janelas em arco e até mesmo uma janela triangular, enfiada sob os beirais.

Salas, alas e toldos projetavam-se aleatoriamente, acrescentados depois que ela foi construída na década de 1880 por Bartimaeus Ashford. A família Ashford tinha vivido na casa até a década de 70, quando os avós de Eleanor se mudaram para lá. Seus avós tinham muito dinheiro por algum motivo que pra Eleanor não era muito claro, e tudo tinha sumido por motivos que eram *menos* claro ainda. Jenny e Ben tinham apenas a casa e o emprego de Ben, e tudo o que Jenny ganhava com a venda de seus quadros, o que não era muito. Nos finais de semana, Ben fazia o que podia para manter a casa em bom estado, mas faltavam telhas e as janelas rachavam, e tábuas aleatórias e pedaços de metal amontoados perto da lateral do quintal.

— Desculpe, é uma bagunça — disse Eleanor, sentindo-se envergonhada, embora não tivesse nada a ver com o estado da casa.

— Eu gosto —, disse Pip. — É desconexa. Tudo em Eden Eld é tão perfeito. Eu nunca vi musgo crescendo em um telhado.

— Sim, é legal —, Otto concordou. — Tem *caráter*. Todas as casas da cidade são iguais.

— Padronizadas. — concordou Pip, e os dois assentiram, como se isso resolvesse a questão.

Eleanor conduziu Pip e Otto pelo caminho até a passagem sinuosa de concreto que levava à porta da frente, que era feita de uma grande laje de madeira cheia de nós e espirais e tinha uma maçaneta de ferro em forma de rosa.

Patas cinzentas pontilhavam o concreto, como se um gato tivesse levado sujeira até a varanda. As pegadas das patas balançaram para frente e para trás algumas vezes e então desapareceram na grama.

— Gato grande —, disse Otto.

Eleanor cutucou uma das pegadas com a ponta do sapato. Manchou. Nada parecido com sujeira; mais parecido com cinzas. — Não temos gato —, disse ela. — — Deve ser um vira-lata. — Ela estremeceu ao dizer isso.

Tia Jenny estava na sala de estar (porque a Casa Ashford era o tipo de lugar que tinha uma sala de estar). Jenny a usou como um segundo estúdio para sua pintura, já que o sol entrava bem pela manhã, inundando a sala com luz, mas nas últimas semanas os dedos de Jenny começaram a doer muito para pintar e ela não conseguia sentar em um lugar por muito tempo. Agora ela estava deitada no sofá, meia dúzia de travesseiros sustentando-a enquanto falava ao telefone.

— Sim, mas eles dizem que pode durar dias. Minha mãe ficou em trabalho de parto com Claire por duas semanas.

Eleanor rangeu uma tábua do chão e Jenny ergueu os olhos, uma expressão de culpa passando por seu rosto. Porque ela mencionou a mãe de Eleanor, Eleanor sabia. Jenny rapidamente suavizou a expressão com um sorriso - um sorriso que ficou maior quando ela viu Pip e Otto pairando atrás dela.

— Eu te ligo de volta, Lena. Eleanor acabou de chegar em casa. — Ela desligou e colocou-se em uma posição mais ereta, gemendo e colocando as duas mãos em cada lado de sua grande barriga. — Como foi seu segundo dia? Vejo que você conseguiu alguns souvenirs.

— Foi bom. Este é Otto. E Pip. Eles vão me ajudar a pôr em dia alguns trabalhos escolares. Desde que comecei tão tarde. — Depois que você contava uma grande mentira, era fácil contar as menores. Ficou mais fácil do que dizer a verdade. Às vezes, Eleanor precisava se conter para não mentir sobre coisas que não importavam.

— Isso é adorável. — Jenny fez uma careta de repente.

— Você está bem? — Eleanor perguntou.

— É apenas o bebê, — tia Jenny disse, dando tapinhas em sua grande barriga. — Contrações.

— Isso significa que você tem que ir para o hospital? — Eleanor perguntou alarmada, o coração dando um baque. — Eu posso ligar para o tio Ben. Eu...

Tia Jenny balançou a cabeça. — Ainda não, querida. Não até que eles estejam mais fortes e muito mais próximos um do outro. Não se

preocupe.

— Podemos pegar alguma coisa para você? — Otto perguntou. — Uma bolsa de água quente? Uma bolsa de água gelada? Água gelada? Mais travesseiros? — Ele avaliou a pilha de travesseiros dela com olhos experientes e não pareceu impressionado. Bebês trigêmeos, Eleanor lembrou.

— Ah não. Vou me erguer em alguns minutos — disse tia Jenny, acenando com a mão. O gesto assustou Eleanor - algo naquele pequeno movimento era tão parecido com sua mãe que seu peito deu um aperto doloroso. Ela nunca tinha percebido o quanto sua mãe e tia Jenny eram parecidas, até agora. Ela nunca tinha realmente conhecido Jenny, porque a mãe de Eleanor se recusou a trazê-la para Eden Eld. Ela só tinha visto Jenny quando ia visitá-los, o que não era muito frequente.Quando isso acontecia, ela e a mãe de Eleanor sempre brigavam. Eleanor não sabia exatamente por quê. Tinha algo a ver com os pais deles e como sua mãe não tinha voltado para os funerais - mas era mais do que isso também.

Eleanor levou os outros para os fundos da casa - havia duas seções no terceiro andar, e elas não se conectavam, o que significava que você tinha que usar a escada dos fundos para chegar ao quarto dela. Pip e Otto se impressionaram com os painéis de madeira, o papel de parede antigo e os grandes lustres empoeirados, e subiram correndo a escada em espiral.

Eleanor quase esperava que o grande relógio tivesse sumido ou que Otto e Pip não o vissem. Em vez disso, todos se enfileiraram na frente dele, observando-o *tiquetaquear* para trás com a mesma firmeza com que tinha feito naquela manhã.

— É como se estivesse em contagem regressiva —, disse Otto.

Eleanor assentiu. — Mas contar regressivamente para quê?

— Acho que não quero saber a resposta para isso —, disse Pip.

— Se você não sabe, não pode tomar uma decisão —, disse Otto.

— Você é sempre tão *você* — Pip respondeu com um suspiro, e Otto deu um soco afetuoso em seu braço.

— O relógio é uma coisa errada? — Eleanor perguntou.

Pip e Otto franziram as sobrancelhas. — Acho que sim —, disse Otto. — Mas geralmente coisas erradas são menores. . .

— Eles são mais. . . — Pip disse ao mesmo tempo.

— Mais assustadores —, disse Otto.

— Menos estaticalizado —, disse Pip.

— Isso não é uma palavra", disse Otto.

— É sim, porque eu disse isso", Pip disparou de volta. Ela cruzou os braços. — Suponho que esteja agindo como coisas errado, com a parte que ninguém percebe. Mas normalmente coisas erradas dão arrepios e fazem seu estômago embrulhar. Eles fazem você querer ficar longe. O relógio é estranho, mas não parece errado.

— Então, o que *são* coisas erradas? — Eleanor perguntou.

— Algumas pessoas parecem vê-los. A maioria das pessoas não. Geralmente pensamos que são as crianças que os veem. Ou as que não sejam espertas o suficiente para fingir que não —, disse Otto. — Eles estão por toda Eden Eld. Como a luz whirly - ela continuou tentando nos levar para a floresta assim que a vimos. E há uma mulher que anda no meio da Rua Bleecker às vezes.

— O que há de tão estranho nisso? — Eleanor perguntou. — Além de não gostar de calçadas?

— Ela está *super* morta —, disse Pip. — Transparente e tudo. Seu cabelo flutua como se ela estivesse debaixo d'água. Mas ela não machuca as pessoas. Quase nenhum deles *faz* alguma coisa. Eles estão apenas por aí. Mas não vai continuar assim.

— Você não sabe disso —, disse Otto.

— Sim, — Pip insistiu. — Algo ruim está vindo. O cachorro está nos observando e minha mãe está planejando algo. E como eu disse: ela é má. Certeza de que ela tem macacos voadores escondidos em algum lugar em um armário de armazenamento.

— Você não acredita nisso de verdade —, disse Eleanor.

— Claro que eu acredito. Você não está ouvindo? — Pip disse com uma risada. — Confie em mim. Há algo maligno vindo para Eden Eld. Para nós. E em breve. Eu sinto isso nos meus ossos.

— Se você acreditasse nisso, ficaria com medo — disse Eleanor calmamente. — Você ficaria apavorada. Você não estaria se divertindo.

— Eu estou apavorada —, disse Pip. Sua voz ficou repentinamente baixa. — Há coisas sobre esta cidade. . . — Ela respirou fundo e olhou para Otto.

O rosto de Otto estava sério. — Nós nos acostumamos a brincar —, disse ele. — Sempre temos que fazer parecer que estamos brincando, para o caso de alguém ouvir. Mas Pip está certo. Eden Eld está cheio de coisas erradas, mas elas estão mudando. Elas têm estado . . . Nos observando.

— Estávamos começando a achar que ambos estávamos vendo coisas —, disse Pip. — Ou inventando tudo até acreditarmos. Mas você está aqui. Você é a prova. Você é como nós.

O relógio bateu quatro horas. Eles pularam, todos os três ao mesmo tempo, e então soltaram uma gargalhada nervosa.

— Você está reagindo muito bem a isso —, disse Otto.

Eleanor mordeu o lábio. — Eu te disse. Já vi coisas assim antes —, disse ela. — Havia esse homem. . . — Ela parou. Ela não queria falar sobre o homem com pele transparente e ossos brilhantes. Ele não tinha feito nada para ela. Ele se sentou ao lado dela em um ponto de ônibus e abriu um jornal. O papel estava coberto de pequenas barras pretas raivosas em vez de palavras. A foto na frente mostrava uma fila de pessoas com buracos vazios no lugar dos olhos, olhando para ela.

Ele tinha entrado no ônibus. Ela ficou onde estava, os dentes batendo. Ela nunca disse a ninguém.

— Um fantasma? — Pip adivinhou. Eleanor assentiu, feliz por não ter que explicar.

— Ei! —, disse Otto com entusiasmo. Ele estava olhando para a caixa de vidro do relógio, onde o pêndulo balançava para frente e para trás em seu ritmo constante e implacável. — Há algo lá. Há algo dentro do relógio.

SETE

Pip e Eleanor espiaram o relógio, erguendo as mãos para proteger o vidro e assim, pudessem ver além de seus reflexos.

— Lá, no canto. — disse Otto. — Atrás.

— Estou vendo. — disse Eleanor imediatamente.

O painel traseiro do relógio não se encaixava bem no canto esquerdo inferior da caixa e algo pálido se projetava pela abertura. Eleanor enxotou Pip para fora do caminho e abriu a porta de vidro. Ela alcançou o balanço do pêndulo, apalpando o painel de madeira. Seus dedos tocaram a superfície áspera de um papel velho e grosso, dobrado. Ela puxou-o e ele deslizou com relutância, fazendo a madeira ranger.

O papel fora dobrado uma, duas e três vezes, formando um pacote volumoso. Os vincos racharam quando ela o alisou nas mãos e leu em voz alta.

Treze contos e treze chaves,
Bestas rondando que ninguém vê.
Três são marcados em carne e nome,
Assim, assim, ambos pariforme.
Uma barganha feita nos dias de outrora,
Treze chaves, mas apenas uma porta.
All hallows' Eve é quando ele virá.
Quando o relógio bater meia-noite, é melhor você correr.

A borda esquerda da página estava irregular, como se tivesse sido arrancada de um livro. No final da página havia um pequeno

símbolo, um arabesco peculiar enganchado no olho de uma chave antiquada.

A mão de Eleanor tremia. Treze contos.

— O que isso significa? — Otto perguntou. — Que histórias? Quais chaves?

— Estou mais preocupado com as bestas. — disse Pip.

— Eu sei de onde é isso. — sussurrou Eleanor.

— All Hallows 'Eve - isso é Halloween. — disse Otto.

— Isso é *sábado*. — respondeu Pip.

— Eu sei de onde é isso. — disse Eleanor novamente, em voz alta desta vez, e eles olharam para ela. Ela tentou juntar as palavras para explicar, mas tudo que saiu foi uma baforada vazia e um pequeno estalo no fundo da garganta. Em vez disso, ela se ajoelhou, puxando a mochila para a frente do corpo. Ela abriu o zíper da bolsa com uma das mãos, ainda segurando o poema na outra, e puxou o livro.

Treze contos de Gray. O livro era fino. Um livro de capa dura, com o tipo antiquado de capa de tecido, irregular e texturizado com cinza ainda trabalhado na trama. Em relevo na capa, abaixo do título e acima de *Coletânea* por B.A., estava o mesmo símbolo da página. Um arabesco e uma chave.

— Onde você conseguiu isso? — Pip perguntou.

— Foi da minha mãe. — disse Eleanor. — Ela costumava ler para mim todas as noites, quando eu era pequena. Quando eu costumava ver as coisas erradas. Mas ela parou quando eu parei de ver. — Ou foi o contrário?

Eleanor abriu o livro na primeira página. A coluna estalou. As páginas eram quebradiças e finas, onduladas em direção às bordas, e estavam em um tom de marrom que a fez pensar em bibliotecas antigas e querer desesperadamente uma xícara de chocolate quente e uma lareira para ler ao lado. Ela sempre se perguntou por que a primeira página foi arrancada, mas sua mãe disse que isso deve ter acontecido antes de ela o conseguir.

O poema se encaixava perfeitamente na borda irregular do interior.

— Uau! — disse Pip.

— Uau — Otto concordou, assentindo. — Veja. — Ele apontou para a capa interna. Em letras maiúsculas cuidadosas, alguém havia escrito *Propriedade de Andy Ashford*.

— Ashford? Como esta casa... — disse Eleanor. Ela realmente não se lembrava de ter visto isso antes, mas sua mãe sempre tinha sido aquela que segurava o livro e lia as histórias. — Talvez ela o tenha encontrado aqui quando era criança.

Ela virou para frente, virando cuidadosamente a página rasgada. A página seguinte estava em branco, e a seguinte tinha apenas o título e o autor novamente, mas havia um índice, listando cada uma das histórias.

— É um livro meio estranho. — disse ela. Ela franziu o cenho. Ela não conseguia se lembrar *porque* sempre pareceu tão estranho. Ela não conseguia se lembrar das histórias, mas ela se lembrava da voz de sua mãe, e ela se lembrava dos traços ásperos de tinta das ilustrações. E havia algo mais. . . — As histórias são esquisitas, mas não é tudo. Diz que há treze contos, mas na verdade são apenas doze. Veem? — Ela apontou para o índice, contando-os exaustivamente repetidas vezes.

As As Pessoas Que Olham Para longe
A menina do coração de vidro
Espantalho sonoro
Ferro, cinzas e sal
O pomar de ladrões
Jack e a casa faminta
Gato-de-Cinzas
A monstruosa erva-daninha
O amável escuro
Pele esfarrapada
A menina que dançou com a lua
O cão do cemitério

— Isso são contos de fadas? — Pip perguntou. — Nunca ouvi falar de nenhum deles. E eu li, tipo, centenas. Meu pai os traduz de todo o mundo.

— Espera. São treze. — disse Otto.

— Não, são doze. — disse Eleanor, franzindo a testa. Ela contou novamente, mas se lembrou de perguntar a sua mãe sobre isso, e sua mãe também não sabia. — O último é 'O cão do cemitério.'

— Mas há algo escrito mais embaixo. — disse Otto. Ele apontou, apoiando a ponta do dedo na página. E ele estava certo. Havia algo escrito lá - mas era como se as letras tivessem desaparecido na

página. Ou ainda estavam em processo de aparecimento. Eleanor não conseguiu decifrar.

— Isso tem que significar alguma coisa. — disse ela. — O relógio. O livro. O poema. Nós os encontramos por um motivo e tem a ver com as coisas erradas. — Ela falou como se fosse um fato, esperando para ver se parecia errado. Mas parecia certo, e Otto e Pip estavam assentindo.

— Mas o *que isso* significa? — Pip perguntou.

Eleanor passou o dedo sobre o pequeno arabesco e a chave no final da página. Era exatamente igual às teclas pintadas ao redor do mostrador do relógio. O mesmo que a marca em seu pulso. — Eu acho que tem a ver comigo. — ela disse suavemente, e puxou a manga para mostrar a eles.

Otto e Pip olharam para a marca de nascença em seu pulso. E então eles se olharam.

Pip abaixou a gola da blusa. Otto ergueu a barra do paletó. Duas chaves: uma logo acima da clavícula de Pip, a outra no quadril direito de Otto.

— Eu acho, — Otto corrigiu suavemente — que é sobre *nós*.

Eleanor engoliu em seco. *Nós*. Ela sentiu quando os tocou, antes mesmo de se encontrarem adequadamente - eles estavam conectados. Ela não tinha certeza se isso a fazia se sentir melhor ou com mais medo. De qualquer forma, ela estava feliz por não estar sozinha.

Ela olhou para o corredor. Isso a fez sentir-se impaciente por estar a céu aberto assim. — Vamos voltar para o meu quarto. — disse ela, e marchou até a porta sem esperar por uma resposta. Ela se sentou na ponta da cama. Pip se deixou cair ao lado dela, apoiando-se nos cotovelos, e Otto sentou-se na cadeira ao lado da mesa.

— OK. Obviamente, precisamos investigar e descobrir exatamente o que está acontecendo aqui. Devíamos ler o poema novamente. — Otto sugeriu. — Precisamos analisar isso.

— Estamos perdendo tempo. — argumentou Pip. — ‘É melhor você correr ’. Isso soa muito mal. Devemos estar nos preparando para lutar.

— Lutar contra o quê? — Otto perguntou. — Precisamos desacelerar e examinar as evidências!

— Precisamos encontrar armas. E rotas de fuga. — disse Pip. — Alguma coisa está vindo. Eu posso *sentir* isso.

— Vocês dois estão certos. — disse Eleanor, e a atenção deles voltou para ela. — O que precisamos é de um plano. E um bom plano tem duas partes. Coletar informações e agir de acordo com elas. Precisamos fazer ambos, e precisamos fazer isso rápido. Então, vamos ver o que sabemos. — Ela abriu o livro na página rasgada. — 'Treze chaves' - existem doze chaves e uma marca no relógio, mas não sabemos o que isso significa. 'Bestas rondando' - esse tem que ser o cachorro. E o pássaro.

— Pássaro? — Otto perguntou, e ela explicou sobre a coisa que vira na árvore.

— Então diz: 'Três estão marcados na carne e no nome ' — disse Pip. —As marcas de nascença?

— Mas e a parte do nome? — Otto perguntou. Eles se entreolharam, mas ninguém sugeriu, então Eleanor deu de ombros e seguiu em frente.

— Hum. 'Uma barganha feita', e então as chaves novamente. Não sabemos nada disso ainda. E então o Halloween... Deve ser quando algo deve acontecer. Mas não sabemos o quê.

— Talvez as histórias possam nos contar. — sugeriu Pip.

Eleanor passou o dedo pela borda da página, estranhamente relutante em abri-la. As histórias sempre pertenceram a ela e sua mãe, apenas as duas. Mas se ela iria compartilhá-los com alguém, parecia certo que fossem Otto e Pip.

— A primeira história — disse ela, tentando se lembrar. — A primeira história é sobre um reino, há muito tempo. — Ela virou as páginas. Lá estava o título, e abaixo dele o desenho em preto e branco de um castelo, coberto de vinhas e espinhos, abutres circulando no alto. Ela respirou fundo e, com a voz de sua mãe ecoando em sua mente, começou a ler.

OITO

As Pessoas Que Olham Para Longe

Era uma vez um reino, e o reino estava morrendo. As colheitas murcharam nos campos. Os animais adoeceram e morreram. O povo estava doente e faminto e clamou ao rei para ajudá-lo. Alguns disseram que o rei era um homem bom e alguns disseram que ele era um homem mau. Se ele era bom ou mau, no entanto, ele era um homem assustado. Pois ele tinha muito, e seu povo tinha muito pouco, e embora ele desejasse que eles tivessem mais, acima de tudo ele temia ter menos.

E então ele mandou recado a todos os cantos do mundo que se alguém pudesse encontrar uma maneira de salvar seu reino, ele lhes concederia tudo o que pedissem.

A palavra foi passada de cidade em cidade e de reino em reino, por todo o mundo e além dele. Alcançou lugares escuros e escondidos, lugares perdidos, lugares esquecidos, onde as palavras eram apenas sussurradas e o que as ouvia não era humano.

Três pessoas atenderam seu chamado e foram a corte. Eram viajantes esquisitos, vestidos de maneira estranha, com trajes de outra terra ou outra época. Disseram que eram irmãos, duas irmãs e seu irmão, que vieram resolver o enigma do reino moribundo. O homem era o mais bizarro de todos, com olhos cinzentos e rápidos que pareciam conter uma centena de segredos, e três animais estranhos que ele mantinha como companheiros: um grande gato que cheirava a cinza e fumaça, um pássaro cujas asas batiam como

ossos, e um cachorro enorme, uma besta negra com olhos como as brasas de uma fogueira...

Eleanor parou de ler. Ela correu a ponta do dedo sob as palavras.

— É ele. — disse Pip, sentando-se. — Esse é o cachorro que vimos.

Eleanor voltou à lista de histórias e seus olhos se fixaram na última. Ela deu um salto à frente. Lá estava ele novamente, olhando de uma ilustração. O desenho era em preto e branco, mas parecia que seus olhos estavam brilhando. — Olhem. — ela disse, mostrando aos outros, e eles se apertaram em cada lado dela enquanto ela folheava a história do cachorro do cemitério. A história não tinha nada a ver com Velha Eden - era sobre um irmão e uma irmã cuja madrasta os expulsou de casa e que dormiu em um cemitério por acidente. Eles derrotaram o cachorro com uma pá de ferro e foram recompensados com um monte de tesouro. Mas ela tinha certeza absoluta de que era o mesmo cachorro.

— Leia o resto. — sussurrou Pip. Suas vozes ficaram silenciosas, apanhadas no feitiço da história. Eleanor estava se lembrando um pouco mais a cada palavra. Agora ela lia com confiança, como se soubesse as palavras antes de pronunciá-las.

O estranho ofereceu ao rei uma barganha: ele concederia ao reino grande riqueza e prosperidade. Os cofres do tesouro explodiriam de ouro. Os campos floresceriam. Os rios correriam, mas nunca inundariam. Nenhum prédio cairia, nenhuma faca cederia, nenhuma pedra se quebraria. E por tudo isso, ele pediu apenas uma coisa: em treze anos, o homem voltaria e pediria um único tesouro, a coisa mais valiosa que o rei possuía.

Parecia um negócio fácil para o rei. Se seus cofres do tesouro estivessem cheios, ele dificilmente perderia uma bugiganga, mesmo que fosse a maior que possuía. Mas sua irmã, cuja mãe tinha sido uma velha mulher sábia, do tipo com conhecimento secreto e um olho astuto, disse-lhe para não aceitar o trato. O homem era algum tipo de espírito perverso ou feiticeiro, ela avisou, e nada de bom viria de seu negócio.

O rei descartou suas preocupações. Era um pequeno preço a pagar, disse ele, e concordou.

O homem sorriu. Suas irmãs sorriram também, mas o gato olhou para a irmã do rei como se dissesse que ela estava certa. E então todos eles desapareceram.

Por treze anos, o reino floresceu. Havia muito o que comer. O sol brilhava, os rios corriam, os animais eram vigorosos e saudáveis. Uma nova espécie de flor até começou a desabrochar no reino, e as pessoas a chamaram de Flor da promessa, pela promessa de prosperidade que o homem estranho havia feito. E mesmo no outono e durante os invernos mais frios, as flores desabrocharam: prova, ao que parecia, de que o negócio se mantinha.

Agora, logo após o acordo ser fechado, o rei tinha uma filha. O nome dela era Rose, e embora ele nunca tivesse amado nada que não fosse seu cavalo mais rápido ou sua joia mais brilhante ou sua mais brilhante peça de ouro, ele a amava e de repente se viu desinteressado nos tesouros que enchiam seus cofres. Ele não passava mais os dias caçando na floresta com seus cães, mas no berçário, apaixonado pela princesinha.

Em seu décimo terceiro aniversário, um visitante veio a corte. O rei quase se esqueceu, mas deu as boas-vindas ao estranho de braços abertos. — Venha — disse ele. — Os cofres do tesouro estão explodindo, faça sua escolha e deixe a barganha ser cumprido.

Mas o estranho sorriu. — Esse não é o seu maior tesouro. — ele disse, e seus olhos se voltaram para a princesa. E o gato olhou para a irmã do rei, como se dissesse: Você estava certa.

O rei ficou pálido. Ele recusou. O homem insistiu. O rei ofereceu ouro e joias. O homem se manteve firme. E, finalmente, furioso, o rei ordenou que ele fosse expulso do castelo. Ele não desistiria de sua filha.

O homem apenas sorriu e seguiu seu caminho, e o rei achou que era o fim de tudo. O povo esperou que o reino voltasse à ruína, mas as coisas continuaram como sempre. As flores desabrocharam. E, com o tempo, chegou o dia em que a princesa se casou.

De todos os seus pretendentes, um era o melhor: o mais bonito, o mais forte, o mais rico, o mais erudito. Ele fez uma serenata para ela, elogiou seu pai e concedeu presentes de lugares estranhos e distantes que deslumbraram a todos, exceto a irmã do rei, que não gostou nada da aparência dele.

Mas a princesa foi conquistada e, deve-se dizer, o rei também. Eles realizaram um casamento luxuoso, cheio de dança, risos e música, mas a irmã do rei ainda estava desconfiada. Ela espalhou farinha no chão onde a noiva e o noivo passariam e se arrastou

atrás deles quando eles passaram. E ela viu que as pegadas do homem apontavam para o lado errado.

Ela soube imediatamente que o príncipe era o homem que tinha vindo tantos anos atrás, e ela sabia quem ele e suas irmãs esquisitas eram: As Pessoas Que Olham Para longe, o pior dos trapaceiros e espíritos, que se esgueiram pelas fendas do mundo para atrair as pessoas com suas barganhas.

Ela deu o alarme, e os guardas do castelo correram para a princesa e para a câmara nupcial de seu marido. Mas o homem se foi, e também suas irmãs - e a princesa também. Todos os soldados do rei procuraram de cidade em cidade e de reino em reino, mas a princesa nunca foi encontrada.

Meses depois, uma criança apareceu em frente aos portões do castelo. Uma menina. Ela parecia a princesa desaparecida, exceto por uma coisa: suas mãos estavam viradas para o lado errado, as palmas voltadas para fora em vez de para dentro.

A história acabou aí, sem outra palavra.

Eleanor havia lido as antigas versões de muitos contos de fadas. As versões em que bruxas dançavam com sapatos de ferro até morrer ou serem roladas de penhascos em barris. As versões onde até os finais felizes eram coisas cruéis cheias de vingança e sangue. Ela os achou interessantes, e às vezes mais divertidos, e às vezes horríveis - como quando você podia dizer que quem inventou a história não pensava muito bem nas meninas.

Mas nenhum deles acabou assim.

A ilustração na última página mostrava a irmã do rei se abaixando para olhar as pegadas na farinha. Ela ergueu algo contra o olho, como um cristal ou um pedaço de vidro, e estava olhando através dele. A legenda dizia *O truque revelado*. E logo abaixo, alguém havia escrito, com uma caneta esferográfica: *Sr. January*.

Quem é o Sr. January? ela se lembrava de ter perguntado à mãe.

Eu *não* sei, ela respondeu. Já *estava escrito lá quando eu o encontrei*.

Encontrei. Não *consegui* nem comprei, mas *encontrei*. Aqui na casa Ashford.

— January — disse Pip, passando o dedo na nota. Ela ainda estava deitada de bruços, enquanto Eleanor se sentava de pernas cruzadas ao lado dela na cama. — Como a Sociedade January.

— Isso não prova nada. — disse Otto, um tanto cético. Ele veio para ficar ao lado de Eleanor, inclinando-se um pouco, seus dedos remexendo como se ele quisesse pedir para segurar o livro, mas não tinha certeza se deveria.

— Eles são maus. — Pip respondeu teimosamente.

— Você continua falando sobre a Sociedade January, mas ainda não sei o que são. — disse Eleanor.

— É um grupo para os descendentes dos fundadores da cidade original. Eles são apenas um clube social. — disse Otto.

— Nuh-uh. Eles são maus, e minha mãe é o líder maligno secreto deles.

— Todo mundo pensa que seus pais são maus. — disse Otto.

Eleanor apertou os dedos com mais força, até que as unhas se cravaram nas palmas das mãos. *Sua mãe* não era má. Ela estava doente.

Mas ela supôs que seu pai poderia ser mau. Ela nunca o conheceu. Ela nem sabia o nome dele.

— Meus pais *são* realmente ruins. — disse Pip. Eleanor não sabia se ela estava falando sério ou brincando. Talvez ambos. Era mais seguro brincar, ela pensou. Era mais seguro fingir que não era real. — Eles se escondem e têm reuniões secretas e conversam em código. E eles têm todas essas coisas velhas e estranhas.

— As reuniões da Sociedade January não são secretas, são apenas privadas. E é uma organização chata de arrecadação de fundos. Além disso, se colecionar antiguidades o torna mau, minha tia-avó Prudence é *definitivamente* má. — disse Otto. Ele quase parecia que estava se divertindo agora. — Mas Pip está obcecado. Ela comprou todo esse 'equipamento de espionagem' online para que pudesse pegá-los invocando demônios ou algo assim, mas *misteriosamente* ela não encontrou nada.

— Não é verdade. Uma vez eu os peguei acendendo velas e segurando as mãos sobre uma mesa estranha. Como se fosse um altar. Como se estivessem lançando feitiços. — Pip continuou. — Eles estavam usando essas grandes túnicas pretas com capuzes.

— Você provavelmente estava sonhando. E de qualquer maneira, isso não o torna mau. A namorada da minha irmã é Wiccan e ela só faz feitiços para se sentir confiante e desejar sorte para as pessoas e outras coisas. — disse Otto.

— Ugh. Otto. Você pode apenas me deixar terminar? — Pip perguntou.

— Só estou brincando de Scully para o seu Mulder. — ele disse.

— Duplo ugh. Por que você tem que assistir programas tão antigos?

"— *Arquivo* X é clássico.

— Você é clássico.

— O que isso quer dizer? — Otto perguntou, rindo, e eles sorriram um para o outro.

Eleanor se descobriu sorrindo um pouco. Não porque fosse engraçado, e não porque ela gostasse da piada, mas porque eles obviamente gostavam muito um do outro e se conheciam muito bem. Ela não conseguia se lembrar da última vez que teve amigos assim. Era como cheirar comida e de repente perceber como você estava com fome.

A expressão de Pip ficou séria. — Eu sei que nós brincamos muito. — ela disse. — Mas Otto, estou falando sério. Eu não confio neles. E minha mãe está... Você sabe como ela é.

— Ela não pode ser má. — disse Otto. — Ela não é a pessoa mais legal do mundo, mas é sua *mãe*.

— É fácil para você dizer quando seus pais são tão perfeitos. — respondeu Pip.

— Eles não são perfeitos. — disse Otto, mas fez parecer que também não estavam longe de ser perfeitos.

— Bem, eu não sei nada sobre a Sociedade January. E não sabemos quem escreveu isso no livro. — disse Eleanor. — Mas acho que precisamos...

Houve um som de arranhar acima deles, e então um arranhão e outra coisa - um chocalho. Um som oco de estalo. Algo no telhado. Todos eles olharam para cima. Eleanor fechou o livro e puxou-o contra o peito como se quisesse protegê-lo. *Clackclackclack*. *Clackclackclack*.

Então houve um coaxar e um grande bater de asas, e o som áspero e estridente se afastou rapidamente.

— Espantalho — sussurrou Pip. — Acho que estamos sendo observados.

NOVE

Eles tentaram escutar o espantalho sonoro - se é que era isso - mas não ouviram mais nada. Eles se amontoaram no chão aos pés da cama e baixaram o volume de suas vozes para sussurros.

— Precisamos criar um plano. — disse Eleanor.

— Precisamos saber o que estamos enfrentando. — respondeu Pip. — E o que a Sociedade January está fazendo. Devíamos voltar para minha casa. Eu tenho um monte de equipamentos de espionagem.

— Eu não sei. A resposta tem que estar no livro. — disse Eleanor. — Devíamos ler todas as histórias. E olhar as imagens também. Há pistas lá, eu sei disso.

— Talvez devêssemos... — Otto começou, mas então houve uma batida na porta. Todos pularam de susto, e Eleanor empurrou o livro para debaixo da cama antes de a porta se abrir, e Ben colocou a cabeça para dentro do quarto.

— Oh, olá. — disse ele, parecendo agradavelmente surpreso ao encontrá-los ali, embora Jenny deva ter lhe contado onde eles estavam. Ben era um homem corpulento com uma barba espessa, e um cabelo que estava ficando um pouco ralo no topo, apesar de ele não ser muito velho. Ele era um escritor, mas não isso pagava muito bem, então ele também trabalhava com construção civil na cidade e fazia bicos. Muitos bicos agora, já que eles estavam tentando economizar para o bebê.

— Oi, Tio Ben. — ela disse. — Esses são...

— Pip e Otto. — disse ele, fazendo armas com os dedos e apontando para cada um deles. — Sua tia me contou. Enfim, o jantar

está pronto se vocês estiverem com fome.

— Jantar? Mas é só... — Eleanor deu um pulo quando o relógio no corredor soou uma hora. Seis horas. Ela havia perdido a noção do tempo.

— Claramente vocês estavam se divertindo muito. — disse Ben. — Vocês podem ir comer logo, e então, sua mãe virá buscá-la, Pip.

— Minha mãe? — Pip disse, a voz esganiçada.

— A menos que eu tenha falado com uma impostora. — ele disse com uma risada, e então franziu a testa quando nenhum deles esboçou um sorriso. — De qualquer forma, a comida está lá embaixo.

Pip olhou para cada um deles. Eleanor deu de ombros. O que eles podiam fazer? E Otto estava certo - eles não tinham provas de que a mãe de Pip era malvada, ou que a Sociedade January era outra coisa senão uma organização de caridade. Mas ainda...

— Tio Ben, Otto e Pip podem passar a noite aqui?

— Oh. Hum. — Ele coçou o queixo. — Avançando na minha esperada tomada de decisão paterna em uma década ou mais aqui, mas vamos ver. — Ele pensou sobre o assunto, e então balançou a cabeça. — Não, eu não posso fazer isso. Aula amanhã.

— Mas...

— Desculpa, criança, — ele disse. — Mas vamos marcar isso para sexta-feira?

Eleanor suspirou. Não havia como explicar de modo que ele entendesse. — Sexta-feira seria ótimo.

Ben bateu palmas. — Fantástico. Agora se apressem e desçam. Se esperarem demais, é capaz que eu coma a parte de vocês.

Ele se virou e caminhou pelo corredor, assobiando.

— Como sua mãe sabia que estávamos aqui? — Otto perguntou a Pip.

— Ela deve ter instalado outro daqueles aplicativos de rastreamento no meu telefone, — disse Pip. Poderia ter sido por maldade. Ou apenas uma maternidade superprotetora. Os três desceram penosamente as escadas.

Jenny havia feito macarrão, o que significava, principalmente, descongelar o molho que Ben havia feito algumas noites antes. Jenny não cozinhava muito, já que ela não conseguia mais alcançar todas as bocas do fogão.

— Então. Vocês três parecem bem próximos, — disse Jenny enquanto eles comiam. A Casa Ashford tinha uma sala de jantar, mas

a mesa era tão grande que você nem conseguia esticar o braço para passar a manteiga, então eles sempre comiam na cozinha. — O que vocês estavam fazendo lá em cima?

Os olhos de Otto se arregalaram um pouco, nervosismo irradiando dele, mas Eleanor respondeu imediatamente. — Lição de casa. — disse ela.

— Espero que não estejam te sobrecarregando de uma só vez. — disse Ben.

— Não, mas tenho que recuperar o atraso para saber o que está acontecendo. — Eleanor mentiu sem dificuldades. Pip lançou-lhe um olhar impressionado. Otto olhou fixamente para seu macarrão.

— É bom que você tenha ajuda, então. — disse Jenny. Ela sorriu para Pip e Otto, que fizeram o possível para parecerem honestos. — Então, Pip, você é filha da Delilah?

— Você conhece ela? — Pip disse.

— Mais ou menos. — disse Jenny. — Ela era mais amiga da minha irmã do que minha. Nós temos uma grande diferença de idade. Mas eu sabia que ela tinha uma filha da idade de Eleanor. Estou tão feliz que vocês três estejam passando um tempo juntos. — Ela não parecia apenas feliz - ela estava radiante. Ela estava tão preocupada com a possibilidade de Eleanor ter problemas para começar em uma nova escola no final do ano.

Quaisquer que sejam as suspeitas de Pip sobre seus pais, Jenny e Ben não tinham nada a ver com o que estava acontecendo. Eleanor tinha certeza disso. E ela tinha certeza de que eles ajudariam, se pudessem. Por mais espertas que três crianças de 12 anos fossem, eles precisavam da ajuda de um adulto.

— Tia Jenny, — ela disse cautelosamente, não querendo falar rápido demais. — Sempre houve um relógio no corredor do lado de fora do meu quarto?

Otto arregalou os olhos para ela. Pip balançou a cabeça em pequenos movimentos rápidos. Ben e Jenny se entreolharam, levemente intrigados. — Relógio? — Ben perguntou.

A boca de Eleanor estava seca, seus nervos inquietos, mas ela se forçou a soar apenas um pouco curiosa. — Sim. Um velho relógio de pêndulo. Muito chique, — disse Eleanor. Pip estava passando a mão sobre a garganta em um gesto de "pare agora", inclinando-se para trás para que Jenny e Ben não pudessem ver.

— Você tem certeza? — Jenny perguntou.

— Eu poderia mostrar para vocês. — disse Eleanor, embora ela não tivesse certeza de que poderia.

— Não, espere. Um relógio. Sim, — Ben disse, balançando a cabeça lentamente. — Claro. É... Era do seu pai, não era? — ele perguntou a Jenny.

— Certo, — Jenny disse, como se estivesse se lembrando. — Antiga herança de família. Meu Deus. Não acredito que esqueci que está lá em cima. Devo passar por ele o tempo todo para chegar aos quartos do andar de cima. Embora eu não tenha passado muito tempo no terceiro andar ultimamente. — Ela riu um pouco e deu um tapinha na barriga.

— É meio estranho, não é? — Eleanor pressionou. — A maneira como ele gira ao contrário?

— Ele—o quê? Gira ao contrário? — Jenny perguntou. Sua sobrancelha estava franzida.

— O relógio do lado de fora do meu quarto. — Eleanor continuou. Otto e Pip tinham olhares de horror absoluto estampados em seus rostos.

— Verdade. Estávamos conversando sobre isso agora pouco, — disse Jenny.

Ben parecia confuso. — Sim, estávamos. Não é? Me esqueci completamente.

— Bem. — disse Jenny. — Bem, eu, isso é estranho. — Ela estava franzindo a testa e mexendo a cabeça em um pequeno e estranho movimento, balançando para frente e para trás, para frente e para trás. Ben olhou para seu prato com uma grande carranca escondida parcialmente pela barba.

Pip bateu o garfo ruidosamente em seu prato. — Isso está delicioso! — ela declarou. — Irei repetir. Sra. Barton, você quer mais?

— Oh! Não, obrigada, querida, — disse Jenny, voltando a parecer alegre. — Não há muito espaço em meu estômago ultimamente. O diabinho está se mexendo bastante.

Eles não falaram sobre o relógio ou qualquer outra coisa pelo resto da refeição. Otto se ofereceu junto delas para lavar a louça, tarefa que Jenny ficou mais do que feliz em colocar sob a responsabilidade deles, para que ela pudesse se deitar novamente, enquanto Ben terminava de montar o berço no andar de cima. Com água corrente para ajudar a encobrir suas vozes, eles se inclinaram sobre a pia ensaboada.

— Você não pode contar às pessoas sobre as coisas erradas. — sussurrou Pip.

— Eles não são malvados. Eles poderiam nos ajudar. — disse Eleanor.

— Eles não podem. — disse Otto solenemente.

— Eles agiram de um jeito tão estranho. Por que a Tia Jenny entrou em pânico daquele jeito? Ela estava tremendo. — disse Eleanor.

— Porque ela não está acostumada com as coisas erradas. Seu cérebro aprendeu a não vê-las, se é que alguma vez as viu, — disse Otto. — Isso é parte da razão pela qual você nunca, nunca fala para as pessoas sobre as coisas erradas. Se eles não forem como nós, podem ficar muito estranhos. Até se machucarem.

— Tentei mostrar ao meu terapeuta que havia uma porta em seu teto e ele teve uma convulsão. — disse Pip com naturalidade. Eleanor enrubesceu. Ela não conhecia ninguém da sua idade que tivesse um terapeuta, além dela mesma. Mas Pip falou isso como se não fosse algo incomum.

Sua mãe odiava psicólogos e psiquiatras, mas agora Eleanor se perguntava se era porque ela estava com medo - medo do que eles poderiam fazer se descobrissem sobre as coisas que sua mãe via. As coisas que ela via também.

Pip continuou. — A maioria das pessoas simplesmente se esquecem logo depois. Mas se você realmente quer que eles vejam sem machucá-los, você tem que dar dicas. Meio que enganá-los para que vejam com o canto dos olhos e se preparem para isso. Mas geralmente não é uma boa ideia. E mesmo que você consiga, eles não se lembram por muito tempo.

— Fizemos muitos experimentos. — Otto assentiu.

— Mas então alguém decidiu que não era ético testar seres humanos sem supervisão de um conselho, — disse Pip revirando os olhos. — Como se houvesse um conselho científico das coisas erradas.

O telefone de Pip tocou, e todos pularam. Pip o tirou do bolso. Tinha que ser um telefone novo - era o modelo mais recente, que não tinha sido lançado há muito tempo - mas já havia uma rachadura no centro da tela. Ela tinha uma mensagem de um número listado como MÃEFERA: *Aviso de três minutos*.

— Acho que é isso. — disse Pip.

— Está tudo bem," disse Otto. — Podemos conversar mais amanhã. Entender tudo isso.

— Vou ler o livro esta noite, — disse Eleanor. — Até o fim. — Não era um grande sacrifício. Ficar acordada até tarde para ler, era a única coisa pela qual sempre valia a pena se meter em apuros.

— Mas o que o livro tem a ver conosco? — Otto perguntou. — O que ele tem a ver com *aqui*? Não acho que vamos encontrar tudo o que precisamos no livro.

— As coisas erradas acontecem com mais frequência em Eden Eld. E nós estamos todos aqui, — disse Eleanor. — Acho que precisamos saber mais sobre a cidade. O poema dizia '*uma barganha feita nos dias de outrora*'. Portanto, devemos pesquisar sobre a história de Eden Eld.

— Podemos dar uma olhada no arquivo da cidade, — disse Otto, como se tivesse acabado de declarar que iriam a uma confeitaria. — Está armazenado na biblioteca do colégio. Não precisamos nem sair do terreno da escola.

— Perfeito. — disse Eleanor. Eles olharam para Pip animadamente.

— Acho que é uma boa ideia pesquisar, — ela admitiu. — Mas, em algum momento, precisaremos realmente *fazer* algo. Temos que saber o que faremos se não conseguirmos encontrar as respostas a tempo. know what we’re going to do if we can’t find the answers in time.”

Nesse momento, a campainha tocou.

DEZ

Eles ouviram vozes na entrada e saíram para encontrar Jenny conversando com a Sra. Foster. Poderiam ter se passado horas, mas ela parecia tão elegante quanto em seu escritório. Mais ainda, na verdade, aqui na velha casa em condição um pouco precária.

Ela usava o terno e a saia azul de Eden Eld. Abotoaduras prateadas cintilavam nas mangas, mas Eleanor não conseguia distinguir o formato delas. Quando a Sra. Foster viu as crianças, ela se afastou de Ben e Jenny, seus dentes brancos perfeitos aparecendo entre os lábios em algo que não era exatamente um sorriso.

Pip, amor, — disse ela com uma voz doce. Os cabelos da nuca de Eleanor se arrepiaram, mas Ben e Jenny pareciam totalmente encantados. — E Otto. É sempre um prazer vê-lo. — Ela cruzou as mãos e se inclinou para trás como se estivesse analisando-os. — E, claro, nossa mais nova discípula. Estou tão feliz que vocês três já estão se tornando bons amigos. É sempre difícil mudar para uma nova *cidade*. Embora Eden Eld não seja uma cidade totalmente nova, não é, Eleanor? Você a tem em seu sangue.

A boca de Eleanor ficou seca. Ela queria encolher mais e mais até desaparecer, mas se manteve firme.

A Sra. Foster deu um passo à frente, estendendo a mão, e Eleanor utilizou-se de todo o controle que possuía para não recuar, enquanto ela colocava uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Então ela pegou as mãos de Eleanor nas suas, olhando em seus olhos. — Espero que em breve você se sinta em casa aqui. Você pertence a essa cidade. — disse ela.

A mãe de Pip tinha mãos frias e secas. Elas fizeram Eleanor pensar na vez em que teve a oportunidade de segurar uma píton. Você podia sentir todos os músculos dela, preparando-se para apertar. A Sra. Foster suspirou. — Você realmente é a cara da sua mãe.

O estômago de Eleanor embrulhou. As batidas de seu coração aceleraram e ela sentiu-as na garganta. Mas a Sra. Foster não a soltou, e nem ela o fez. — Sim, somos muito parecidas. — disse Eleanor. Ela sorriu. Fios de marionete nos cantos de sua boca. Rugas nos cantos de seus olhos.

— Bem. Nós realmente precisamos ir. — disse a Sra. Foster, e finalmente largou as mãos dela. Antes de fazer isso, Eleanor deu uma olhada nas abotoaduras. Cada uma delas tinha dois rostos barbudos apontando em direções opostas, unidos no centro como se fossem o mesmo homem, a mesma cabeça, mas olhando para os dois lados ao mesmo tempo.

Algo coçou no fundo de sua mente, mas ela não conseguia se lembrar.

— Você gostaria de uma carona para casa, Otto? — a Sra. Foster perguntou.

Ele empalideceu, mas então encontrou o olhar de Pip. Eleanor conseguia adivinhar o que eles estavam pensando. Se Otto aceitasse a carona, pelo menos eles teriam mais tempo juntos para cuidar um do outro. Pip teria menos tempo sozinha com a mãe. E mesmo que a Sra. Foster não fosse malvada - uma possibilidade que Eleanor estava começando a duvidar, independentemente do que Otto disse - Eleanor não imaginava que fosse divertido ser filha dela.

— Obrigado, Sra. Foster. Isso seria ótimo. — Otto disse animadamente. Ele se virou e, antes que Eleanor pudesse reagir, agarrou Eleanor em um abraço. Ele sussurrou em seu ouvido. — Leia o livro novamente. E tome cuidado. Cuidado com o cachorro e o espantalho sonoro.

— Tome cuidado também. — ela disse.

Pip acenou taciturnamente por trás das costas da mãe enquanto andavam pelo corredor. Nada aconteceria essa noite, Eleanor disse a si mesma. Otto e Pip estiveram seguros por quase treze anos em Eden Eld. Eles estariam seguros por mais uma noite.

Ela não acreditava mais em *segurança* - isso tinha ido para o mesmo lugar que a palavra *normal*. Mas ela também estava ficando muito boa em mentir para si mesma.

Quando a porta se fechou, Tia Jenny deu um sorriso entusiasmado para Eleanor. — Então. Já são amigos. — disse ela, tão satisfeita quanto Eleanor sabia que ela ficaria.

— Sim. — disse Eleanor, conseguindo soar animada. — Eles são ótimos.

Jenny franziu a testa. — Há algo errado, querida? — ela perguntou. — Você parece preocupada.

Eleanor hesitou. Eles a *ajudariam* se pudessem. Mas eles não podiam, não é? E havia o bebê - e se algo acontecesse com Jenny e o bebê, e fosse culpa dela? Ela precisava protegê-los. E se proteger por conta própria.

— Você pode nos contar qualquer coisa, sabe. — disse Jenny - e então ela estremeceu.

— Está começando de novo? — Ben perguntou. Seu rosto estava contorcido como se ele estivesse sentindo empatia e culpa por não poder sofrer parte do desconforto por ela, mas também como se estivesse muito aliviado por não ser aquele que tinha que fazer essa parte.

— Você trocará *tantas* fraldas. — ela resmungou para ele, enquanto se recostava na parede. Alguns segundos depois ela estava ofegante, mas relaxou novamente. — Ainda não são regulares. Está tudo bem. — ela lhe assegurou. — Pode levar dias.

— Pode levar dias. — ele repetiu. Ele olhou para Eleanor. — Perdão. Sobre o que estávamos falando?

Eleanor não podia colocá-los em perigo. Ainda mais com o bebê a caminho. — Nada. — disse ela. — Não é importante.

— OK. Se você diz. — Jenny disse. — Acho que vou direto para a cama.

— Precisa que eu vá massagear seus pés? — Ben perguntou.

— Se você não fizer isso, é possível que eles caiam completamente. — Jenny lhe disse, e ele colocou o braço sobre os ombros dela.

A maneira como se moviam, a maneira como se tocavam, era visível que eles se amavam mais do que qualquer coisa. E o faziam há muito tempo. Era um pouco como assistir Pip e Otto discutirem afetuosamente, mas diferente também. Eleanor não precisava fazer parte da intimidade deles. Mas era como ficar ao lado de um fogão em um dia de inverno. Aquilo te aquecia, somente pelo fato de estar próximo dela.

Eleanor foi para seu quarto, trancou a porta e sentou-se na poltrona perto da janela, abrindo o livro de contos. Ela recomeçou do início, com “As Pessoas Que Olham Para Longe”, e leu todas as linhas. Todas as páginas.

Quando ela terminou, voltou ao início e começou novamente.

• • •

ELA ESTAVA SONHANDO COM fumaça, e com as mãos da mãe em seus braços. *Independente do que você faça, não volte para Eden Eld, ela gritou. Treze - tudo são treze.*

Então sua mãe se foi. A fumaça e o fogo estavam ao seu redor, e ela não conseguia se mover. Ela estava com muito medo. Ela não conseguia respirar. Ela engasgou e tossiu. Além da fumaça, ela viu a forma de um homem - um homem em um terno antiquado, de costas para ela. Então, lentamente, ele começou a se virar.

Eleanor acordou assustada na poltrona, com o braço adormecido, comprimido sob ela, os óculos espremidos de maneira desconfortável onde sua bochecha estava apoiava na poltrona, e o relógio no corredor marcando dez horas. Era um som curioso e melancólico, especialmente no escuro, e era estranhamente alto. Ela demorou um pouco para perceber o porquê. A porta do quarto dela estava aberta.

Ela definitivamente tinha fechado. Ela definitivamente havia trancado. Então, como ela foi aberta? Ela se inclinou e acendeu a luz ao lado da cama. A escuridão pareceu fazê-la retroceder, e o quarto se iluminou apenas um pouco.

Havia marcas de patas no chão, cinzas e fuliginosas. As patas de um gato, mas grandes, maiores do que qualquer outra que ela já tinha visto. Elas cobriam o chão em direção à porta. Uma pegada acinzentada estava marcada no batente da porta, bem ao lado da fechadura, como se o gato tivesse se apoiado nas patas traseiras por um momento.

Eleanor havia adormecido lendo o livro. Estava aninhado ao lado do braço da poltrona. Ela caminhou até a cama e escondeu-o sob o travesseiro, e então seguiu as pegadas até o corredor, sua respiração rápida e superficial e os pelos da parte de trás de seus braços se arrepiando.

As pegadas seguiam direto para os degraus em espiral e desciam por eles. Ela desceu um degrau de cada vez, mantendo-se inclinada

sobre o corrimão para poder olhar ao redor. As pegadas continuavam. Nada mais se movia na casa.

Ela acendeu as luzes enquanto caminhava. Até o primeiro andar, pelo do corredor. As pegadas ficavam confusas aqui e ali, onde o gato havia espiado dentro dos quartos antes de recuar novamente, mas elas continuavam na mesma direção usual até chegarem à sala de estar. A sala de estar era devidamente chamada de *grande sala*. Havia também a sala de estar, onde Jenny pintava de manhã, e o recanto, onde Ben e Jenny geralmente relaxavam. A grande sala era grande e cavernosa demais para relaxar, embora fosse muito impressionante. Ela tinha prateleiras que tomavam conta três paredes, indo até a borda da enorme lareira. A lareira era grande o suficiente para entrar nela - até Ben podia entrar nela sem abaixar a cabeça. Havia uma grade no meio, mas tinha espaço de sobra para contornar a borda e chegar à escada, que se erguia inexplicavelmente atrás da lareira, levando a uma parede de pedra.

As pegadas seguiam direto para dentro da lareira.

Eleanor seguiu-as, pisando suavemente para não fazer barulho. As tábuas do chão rangeram de qualquer maneira, mas ela esperava que o assentamento e os estalidos da casa encobrissem o som.

Ela chegou à lareira e olhou para cima. As pegada subiam pela escada, até a parede - e paravam.

Não havia gato. Não havia nada. Apenas as impressões de patas no degrau superior.

Eleanor soltou um suspiro. Ela não tinha certeza se estava aliviada ou ainda mais inquieta ao encontrar o degrau superior vazio. Ela subiu os degraus e empurrou a parede. Pedra maciça. Ela pressionou o ouvido contra ela e bateu. O som era oco?

Ela não sabia dizer.

Ela se virou. As pegadas estavam saindo, desaparecendo como se estivessem sendo espalhadas pelo vento, mas não havia brisa alguma. Ela as seguiu de volta até o lugar de onde tinha partido. Quando chegou ao quarto, não havia sinal delas.

Ela fechou a porta. Trancou. E se virou.

O livro estava no meio de sua cama. Ele estava aberto em uma ilustração no meio do livro. O de “Jack e a Casa Faminta”. Ela mostrava Jack, sua indispensável bengala na mão. A garota com as mãos voltadas para trás, que havia aparecido em várias das histórias, podia ser vista na porta da casa, virada como se estivesse esperando

por ele. Ela segurava uma rosa na mão esquerda. Era a rosa que ela usou na história, para marcar as portas e corredores em movimento na casa faminta, deixando pétalas nos caminhos seguros para andar e espinhos para os que eram perigosos.

Havia uma figura que Eleanor não tinha notado antes. Uma figura minúscula e pálida, mais uma interrupção nas linhas que formavam o céu noturno, do que uma forma propriamente dita. Apenas algumas linhas fracas definiam o corpo da figura. Era um homem. Ele parecia estar vestindo um terno de estilo antiquado, e estava de costas para Jack.

Eleanor folheou o livro, suspeitando da situação. Também havia uma figura no desenho de "Pele Esfarrapada", em uma das janelas da cidade assombrada, de costas - uma mulher dessa vez, alta e pálida. E o homem estava no salão de baile em "A Menina que Dançou com a Lua". Duas delas apareciam em "O Amável Escuro", apenas sombras contra as estrelas, enquanto Jack e a garota com as mãos voltadas para trás corriam em direção ao nascer do sol.

O único lugar em que ela não conseguiu encontrar nenhuma das Pessoas Que Olham Para Longe foi na ilustração da primeira história, e as pegadas do homem - Sr. January? - estavam nela.

Essa ilustração estava na página 12. Na página 13, o número da página estava sublinhado a caneta. Eleanor franziu a testa e folheou o livro novamente. Três números estavam sublinhados. Página 3 e página 13. E então, a página 133 tinha apenas os dois primeiros números sublinhados. 3, 13, 13. Ela sussurrou os números para si mesma para ter certeza de que se lembraria deles.

Três, treze, treze. tudo são treze, ela pensou, e adormeceu.

Onze

Foi uma agonia esperar o café da manhã e a longa caminhada até a escola, e então dois períodos inteiros antes do sinal do almoço tocar para eles poderem correr para a biblioteca juntos. Pip abriu caminho passando a seção de ficção e chegando a uma pesada porta escrita ARQUIVOS..

— Não está trancado? — Eleanor perguntou.

— As portas *não* costumam ficar trancadas em Eden Eld —, disse Pip. — Ninguém nunca rouba nada.

A sala estava cheia de prateleiras de metal repletas de caixas de papelão, armários de vidro, escrivaninhas de madeira com longas gavetas e pilhas de jornais antigos. Um cheiro de mofo e poeira pairava no ar. Uma das luzes do fundo piscou algumas vezes antes de ligar com um zumbido, um diorama coberto com ilustrações de ervilhas estava pisoteado no chão.

— Este —, Pip declarou com um floreio — é o maior repositório do mundo de conhecimento relacionado a Eden Eld.

— É o único repositório do mundo de conhecimento relacionado a Eden Eld desde que a prefeitura inundou e eles moveram tudo o que não foi destruído para cá — Otto disse.

Eleanor sentiu um pequeno estremecimento de excitação. Ela amava livros velhos e registros antigos ou qualquer coisa que possa ser qualificada como um *artefato*. Ela sentiu como se estivesse parada no meio de centenas de pequenos mistérios, e ela teve que se lembrar que havia apenas uma coisa que importava agora. — Onde nós podemos começar? — ela perguntou.

Pip olhou para Otto. Otto olhou para Eleanor. Eleanor os olhou de volta ferozmente.

— Eu perguntei primeiro — ela disse.

— Acho que simplesmente escolhemos uma prateleira e começamos a ler —, disse Otto. — Nada muito científico para nós.

— Podemos restringir ainda mais —, disse Eleanor, com mais confiança do que sentia. — Vamos pensar sobre o que sabemos. Temos o poema e o livro. Aqui está o relógio. E todos nós temos a mesma marca de nascença.

— Somos todos de famílias fundadoras —, disse Pip.

— Sério? — Eleanor perguntou, surpresa.

— Barton, Foster e Ellis —, disse Pip, apontando para cada um deles.— Existem treze famílias fundadoras. Posso recitar todas, se quiser.

— Treze —, disse Eleanor. *Treze. Tudo são treze*. — Estou quase completando treze anos.

— Eu também —, disse Pip. — Otto também. Nós fazemos aniversário no mesmo dia.

As mãos de Eleanor ficaram frias. Não pode ser. — Não é... seu aniversário não é no Halloween, certo? — ela perguntou em um sussurro. Pip e Otto assentiram em uníssono. — Certo. *isso* é assustador.

— Véspera de Halloween —, disse Otto. — Temos a mesma marca de nascença e todos fazendo treze anos na véspera de Halloween? O que quer que esteja acontecendo, está acontecendo *amanhã*.

— Então precisamos começar rápido —, disse Eleanor. — Nos espalhar. Procure por qualquer coisa sobre o Halloween e a história da cidade.

— E a Sociedade January —, acrescentou Pip.

— E a Sociedade de January, — Eleanor concordou. — Isso deve restringir o suficiente.

Ela começou a separar jornais antigos, tentando encontrar alguns de outubro de anos atrás. Ela mal tinha pegado um — 26 de outubro de 1993 — quando Otto fez um barulho triunfante.

— Gente! Olhem isso —, disse ele com entusiasmo, e Eleanor teve um baque de decepção por não ter sido ela a encontrar algo. Mas empurrou o sentimento para longe. Otto estendeu uma revista e abriu em uma página no meio. — “A Maldição de Eden Eld” — Otto leu em um tom sinistro.

— Uma maldição? — Eleanor sussurrou. As pontas dos dedos dela estavam frias. Frias como gelo, assim como o resto de sua mão. Ela fechou os dedos, tentando mantê-los aquecidos dentro do punho. *É amaldiçoado, aquele lugar. Eu tentei mantê-la segura. Mas eu não consigo, não mais. Eu sinto muito. Sinto muito*. A voz de sua mãe disse em sua memória. — Que tipo de maldição?

— Está escrito... espere —, disse Otto, virando a revista de volta enquanto Pip e Eleanor se agruparam perto. — "Dizem que uma pacata cidade chamada Eden Eld abriga um terrível segredo. A cada treze anos, na noite de Halloween, três crianças desaparecem." — Otto engoliu em seco, mas continuou. — "Nenhum deles jamais foi encontrado."

— Isso não pode ser verdade —, objetou Pip. — Teríamos ouvido falar sobre isso. Estariam nas notícias.

— Estou apenas dizendo a você o que está escrito —, disse Otto exasperado, e empurrou a revista para elas. — Leia você mesma.

Parte da página estava ocupada com uma imagem claramente photoshopada de uma floresta com a lua cheia brilhando entre as árvores. Otto tinha pulado o título, mas era óbvio que o artigo era sobre histórias assustadoras de diferentes lugares. A primeira da página era sobre um lugar chamado Briar Glen em Massachusetts, e o último tinha apenas o cabeçalho e alguns frases sobre uma cidade na Flórida, mas a do meio era sobre Eden Eld. Após a introdução de uma linha, o artigo continuou.

> **"Eden Eld é uma pequena cidade em uma parte quase esquecida do Oregon. Não há muito para ver lá — uma escola particular com alguma reputação, pinheiros altos que mantem a indústria madeireira da cidade funcionando, e uma mina nas colinas que está há muito fechada. Mas mesmo Eden Eld tem suas histórias de fantasmas — e elas são mais estranhas e selvagens do que a maioria.**
>
> **A cidade é assombrada por um trio peculiar de espíritos — fantasmas, monstros, aparições, você me diz. Eles são vistos de vez em quando, mas principalmente no Halloween. Eles são chamados de as Pessoas que Olham Para Longe, e os principais entre eles é a figura conhecida como o Homem que Olha para Trás — ou, para alguns, Sr. January. Ele é alto e magro, e quando é avistado à distância, está sempre de costas para você,**

pois ele só mostra o rosto para aqueles a quem se quer enganar. E que trapaceiro ele é.

Dizem que o Sr. January estava lá quando Eden Eld foi fundada, e que ele fechou um acordo com os primeiros residentes da cidade. Ele iria se certificar que a cidade deles prosperasse, mas em troca, a cada treze anos ele buscava três de seus filhos. Não apenas qualquer criança — essas crianças foram marcadas, porque elas nasceram no dia dele. No Halloween. Ele faria isso treze vezes, e então o negócio seria cumprido.

Os colonos, que atravessaram um continente para reivindicar esta terra, e que havia sofrido e perdido ao longo do caminho, concordou com relutância. Eles começaram fazendo sua cidade. Treze anos depois, quando estavam formalmente estabilizados, três mortes acidentais foram registradas. Três crianças, exatamente com treze anos, varridas por uma inundação misteriosa. Nenhum corpo jamais foi recuperado.

Treze anos depois, nenhuma morte foi relatada. Revistas e registros, junto com aquelas poucas histórias que os moradores mais velhos estão dispostos a sussurrar, sugerem que a cidade simplesmente parou de falar sobre as Pessoas que Olham para Longe e o Sr. January.Eles criaram as crianças marcadas à distância, e quando as elas desapareceram, fingiram que nada aconteceu.

Com o tempo, esse fingimento cresceu e se tornou maligno, como um câncer. No quinto Halloween, não foi só porque os habitantes da cidade escolheram não ver — eles não conseguiam ver. Eles esqueceram. Eles inventaram histórias. Eles registravam mortes acidentais algumas vezes, colocavam datas erradas nas certidões de nascimento ou simplesmente pareciam... não perceber. E então, se você perguntar a alguém em Eden Eld porque tantas crianças desaparecem, eles vão te dizer, sem o menor sinal de engano, que crianças não desaparecem em Eden Eld.

Eles não estão mentindo. Mas eles não estão dizendo a verdade.

Se você visitar Eden Eld, tome cuidado com quem não se virar para você. E se um estranho astuto lhe oferecer um acordo, aqui vai um conselho: verifique as pegadas. Porque mesmo quando você pensa que vê o rosto dele, as pegadas das Pessoas que Olham para Longe são viradas

para o lado errado. E qualquer negócio que eles ofereçam não é um que você deseja aceitar.

E lembre-se dos números — 31313.

É assim que você verá a verdade.

DOZE

Eleanor ergueu os olhos da revista. — É igual ao conto de fadas. Digo... quase.

— Você já leu tudo? — Pip perguntou, as sobrancelhas levantadas.

— Sim? — Eleanor disse.

— Sério? Você lê rápido, — disse Pip, torcendo o nariz de uma forma que sugeria que ela não lia muito rápido e se sentia um pouco mal com isso. A garota voltou sua atenção para o artigo, franzindo a testa para a página por outro minuto antes de olhar para cima. — Então não somos os primeiros, — disse ela.

— O que quer que esteja acontecendo conosco, já aconteceu com outras crianças antes, — Eleanor concordou. — Muitos deles. E as pessoas simplesmente... esqueceram.

— Como eles se esquecem das coisas erradas, — acrescentou Otto.

Você pode ver. Você pode ver o que os outros não podem, contanto que você olhe. Isso não vai mantê-la segura, mas vai mantê-la esperta, sua mãe havia dito. Não naquela última noite, aquela noite horrível, mas antes. Quando as coisas estavam apenas começando a ficar mal.

— A Sociedade January é descendente dos fundadores. Eles estão mantendo o negócio com o Sr. January, — Eleanor disse lentamente. Algo estava incomodando-a novamente, coçando no fundo de seu cérebro. Algo sobre abotoaduras de prata. — E o que há com esses números? Eles foram sublinhados no livro também. Três, treze, treze.

— O livro tem treze histórias, — disse Pip. — E nós temos treze. E somos três.

Tudo são treze. A primeira parte do que sua mãe disse no sonho da noite passada tinha realmente acontecido — ela tinha feito Eleanor prometer tantas vezes que não voltaria para Eden Eld. Mas sobre treze? Ela nunca disse nada sobre isso. Não que Eleanor pudesse se lembrar. Mas ela disse tantas coisas estranhas perto do fim que Eleanor começou a não a ouvir.

— Então, três treze. Talvez seja sobre nós, — disse Pip.

— O que mais a revista diz? — Otto perguntou. Pip virou a página para frente, mas o artigo não tinha mais nada sobre Eden Eld.

— Espere — disse Eleanor, batendo o dedo contra a página anterior. — Olhem quem escreveu isso!

O artigo foi escrito pelo *professor Andrew Ashford*.

— Andy Ashford, — disse Eleanor. — Ele era o dono do livro. Ele deve ter sido aquele que sublinhou os números. Eles *têm* que significar alguma coisa. Então ela se engasgou. — Espere! Eu já os vi antes. Eles estão no monumento dos fundadores! — Ela procurou em sua mochila. Ela ainda tinha a planilha da aula de história, com a primeira resposta escrita em sua pequena e elegante caligrafia.

Eden Eld
Fundado em 1851
Desenhado em Frente
31313

— Três, treze, treze, — disse Otto triunfante.

— Três fazem treze a cada treze anos, — disse Eleanor. — Assim como a história diz.

— Ou... — Otto faz sinais de números com os dedos. Não 3-13-13, mas 31-3-13. — No dia trinta e um, três fazem treze. Funciona de qualquer jeito.

Funciona de qualquer jeito. Algo incomodou Eleanor, mas ela ainda não conseguia descobrir o quê. Ela mordeu a beirada dos lábios.

Ela leu todas as histórias pelo menos três vezes, mesmo as que não pareciam ter qualquer coisa a ver com Eden Eld. Pequenas coisas saltaram sobre ela, mas ela não sabia se eles eram importantes. Os Ladrões do Pomar colocam folhas na boca de poetas para impedi-los de falar. Jack nunca foi a lugar nenhum sem sua bengala. A menina com as mãos para trás carregava a rosa que Jack tinha roubado do

jardim do Rei Cerúleo, suas pétalas crescendo de volta sempre que ela os arrancava.

Elas entravam e saiam umas das outras, as histórias. O Espantalho Sonoro estava em mais de um e Jack foi o herói de “Pele Esfarrapada” e “A Monstruosa Erva-Daninha”, um personagem chamado Sebe trouxe um presente para a Garota do Coração de Vidro e depois fez os chinelos mágicos de “A Garota que Dançou com a Lua.” A menina com as mãos voltadas para trás apareceu muito com Jack e com Sebe, como se fossem amigos, embora nunca tenha explicado como eles se conheceram. Todas as histórias se entrelaçando, se repetindo e se enroscando, fazendo nós complicados que Eleanor não conseguia ver como desfazer.

Mas as Pessoas que Olham para Longe estavam em quase todas as histórias. Às vezes, eles estavam apenas em segundo plano. Às vezes eles eram realmente úteis — uma certa definição de útil que geralmente leva a um diferente tipo de problema que os heróis começaram. Mas na maior parte do tempo eles eram a razão pela qual as coisas deram errado.

Em “Jack e a Casa Faminta”, o homem da primeira história foi aquele que convenceu a mãe de Jack de que ele precisava ir embora e ganhar sua Fortuna. No final, quando Jack voltou para casa, descobriu que sua mãe havia partido e o homem que estava lá, Jack o perguntou quem ele era. Eleanor não conseguia se lembrar exatamente o que o homem disse, então ela pegou o livro e o abriu em seu colo, onde ela estava sentada de pernas cruzadas no chão.

Eu não sou ninguém e sou todos, disse o homem. De qualquer maneira que você me olhe, estou olhando para você. Ou estou desviando o olhar, mesmo quando estamos cara a cara? Eu sou o fim e o começo, o avante e o atrás. Ela parou e leu novamente, silenciosamente. — Huh, — disse ela.

— O que é isso? Você descobriu alguma coisa? — Pip perguntou.

— Parece que ele está falando sobre um palíndromo, — disse Eleanor.

— O que é isso? — Pip perguntou.

— É uma palavra ou frase que é igual se você ler de frente para trás ou de trás para frente — Eleanor explicou. — Como o número. 31313. É a mesma coisa independentemente da forma que você leu.

— É simétrico, — disse Otto. — Quando algo é o mesmo de ponta a ponta, tem simetria bilateral. Como um corpo humano. Um braço e

perna em cada lado, um olho de cada lado. Meu nome também é simétrico.

— Isso o torna um palíndromo —, disse Eleanor, assentindo. Então algo fez sentido. — Janus! — ela disse.

— O Deus? — Pip perguntou. Ao olhar confuso de Otto, ela explicou. — Ele é da mitologia grega. Ele é o deus dos começos e fins. Como janeiro, porque é o fim de um ano e o início do outro. Oh, além disso, ele tem duas faces, uma em cada direção.

— Sua mãe estava usando abotoaduras de Janus —, disse Eleanor.

— Meu pai comprou isso para ela, — disse Pip. — Eu pensei que era só porque ele gosta de mitologia grega. Ele me comprou um grande livro deles e... — Ela parou de falar. Otto apertou seu ombro, um gesto reconfortante.

— Um homem que olha para frente e para trás ao mesmo tempo. Isso soa muito como as Pessoas que Olham para Longe, — disse Otto.

— É como se os contos de fadas fossem uma forma furtiva de falar sobre o que está realmente acontecendo, — disse Eleanor. — Porque você não pode dizer isso abertamente. Você precisa de uma história para escondê-lo. Então, eles usam Janus, mas eles estão *realmente* falando sobre ele. É provavelmente por isso que o chamam de Sr. January. January vem de Janus!

— Espere. Pip é um palíndromo também, não é? — Otto perguntou.

— Mas não Philippa, — disse Pip.

— Mas seus pais sempre chamaram você de Pip —, disse Otto.

— Bem, Eleanor não é um palíndromo. Rona-el-e, — Pip disse. — Então talvez não signifique nada.

Eleanor respirou fundo. Suas mãos estavam ficando frias de novo. Ela as pressionou contra as páginas do livro, mas isso não as ofereceu nenhum calor. — Decidi ser chamada de Eleanor quando me mudei para cá, — disse ela. — Mas não era assim antes. Minha mãe sempre me chamava...

— Elle — Otto terminou por ela. Ela encontrou seus olhos e concordou com a cabeça uma vez.

— Nossos aniversários são uma coisa, — disse Eleanor. — Você *realmente* não controla em que dia você tem um bebê ou quando engravida. Mas nossos nomes? E se nossos nomes são parte disso...

— Nossos pais escolheram nossos nomes, — disse Pip, a compreensão surgindo.

— Vocês se lembram da história. As crianças que foram marcadas como dele, — Eleanor disse. — E se isso não significasse apenas que eles tinham o aniversário certo? E se as pessoas nos deram nomes especiais para que soubessem imediatamente que não era... que não deveriam se apegar? *"Marcado na carne e no nome." Isso é o que diz no poema*.

— Isso significaria que não eram apenas meus pais —, disse Pip. — Quero dizer, eu sabia que minha mãe era uma pessoa má. Ela diz todas as coisas boas e ela faz caçarolas quando as pessoas estão doentes e doa para instituições de caridade, mas ela é simplesmente *ruim* por dentro. Ela não me ama. Ela olha para mim e não me ama e eu sempre soube disso. Meu pai tudo bem, exceto que ele deve ser mau também, já que ele está na Sociedade January. Então talvez ele também não me ame. Não de verdade. Mas isso significa que os pais de Otto, seus pais... — O rosto de Pip era um emaranhado de emoções diferentes. Como se ela estivesse horrorizada e esperançosa ao mesmo tempo com a ideia de que ela não era a única com uma família perversa.

— Meus pais *me* amam, — Otto rebateu. — E se eles soubessem que eu seria sacrificado ou o que seja, eles tentariam me proteger. Eles não iriam ficar aqui, parados. E aposto que os pais de Eleanor também não eram maus. Eu aposto eles não sabiam mais do que os meus.

Eleanor engoliu em seco. Ela estava pressionando as mãos com tanta força contra o livro ela de repente teve medo de danificá-lo. Ela os puxou e em vez disso, fechou os punhos com força. — Minha mãe sabia — ela disse.

Otto pareceu surpreso. — O que?

— Eu menti. Meus pais não morreram em um acidente de carro. Eles não estão mortos. Ou podem estar. Eu não sei. Eu nem sei quem é meu pai. Minha mãe — Ela respirou fundo. Seu polegar traçou a cicatriz em forma de meia-lua em sua palma. — Minha mãe se mudou de Eden Eld logo depois que ela me teve. Meus avôs sempre tentaram fazer com que ela voltasse, mas ela não queria. E ela me fez prometer que nunca viria aqui também. Ela sempre foi... estranha. Mas, alguns meses atrás, ela começou a ser mais e mais assustadora. Dizendo coisas estranhas. Ela se levantava dez vezes durante a noite para verificar que todas as portas e janelas estavam trancadas, e ela

parou de me deixar ir para a escola. E então um dia ela incendiou nossa casa e desapareceu.

— Uau —, disse Pip. Ela colocou os braços em volta do corpo, os dedos mexendo na barra de sua blusa, inquieta.

— Ela estava tentando proteger você, — disse Otto.

— E depois ela tentou me matar, — Eleanor atirou de volta. — Então eu acho que ela era má depois de tudo. E talvez seus pais...

— Não —, disse Otto, balançando a cabeça. — Há alguma outra explicação, porque meus pais me amam, e eles são as pessoas mais normais no mundo. Minha mãe é uma bibliotecária infantil e ela nem mata aranhas. Meu pai é veterinário. Ele cuida de pequenos gatinhos com as próprias mãos. Ele poderia cobrar preços muito mais altos, mas ele trata toneladas de seus pacientes de graça porque eles não podem pagar e ele não quer mandar ninguém embora. Não tem como eles *serem* maus.

— Mas você *é* descendente de uma das famílias fundadoras —, Pip insistiu. — E você tem o tipo certo de nome.

— Talvez alguém tenha sugerido a eles — Eleanor interrompeu rapidamente, porque ela podia ver que Otto estava se preparando para realmente discutir e ela não queria que eles brigassem.

— O que eu não entendo é por que você esconderia tudo isso em um livro de contos de fadas, — Pip disse. — Se alguém queria te dizer como lutar contra as coisas erradas, por que não apenas fazer um livro de estudo ou algo assim?

Eleanor pensou. E então ela falou devagar. — É como você disse, tentando mostrar às pessoas as coisas erradas. Às vezes, é difícil ver a verdade quando está bem na sua frente —, disse ela. — Às vezes você só pode ver se você olha com o canto do olho. Ou se você contar uma história sobre isso. E se as pessoas não percebem ou não se lembram das coisas que acontecem aqui, você não poderia simplesmente avisá-los sobre isso. Mas talvez se você os colocar em histórias, histórias que não pareciam ser sobre Eden Eld, mas que dizem a você como se proteger...

— É como polvilhar a farinha no casamento, — disse Otto.

— E aquele cristal que a irmã do rei está segurando na ilustração —, Eleanor disse. — Não está na história, mas está na foto. Aposto que isso é importante.

— Então isso é como... um guia. Só que sorrateiro, — disse Pip.

— Exato. Então mesmo que sua mente esteja totalmente programada para ignorar as coisas erradas, história são difíceis de esquecer.

— Será que vai nos dizer como nos salvar? — Pip perguntou, mudando o peso das pernas.

— Não sei —, disse Eleanor. — Mas eu confio nos livros. E acho que podemos confiar neste. Além disso, não temos outras ideias.

Ela esperou que um deles insistisse que eles não precisavam do livro, que eles sabiam uma maneira de nos salvar, que tudo ficaria bem. Mas os dois pareciam sombrios.

— Não sei o que fazer —, disse Pip suavemente.

— Nós sabemos de uma coisa com certeza —, disse Eleanor, forçando cada pedaço de ferro que ela tinha em sua voz. — Precisamos sair de Eden Eld. E temos que fazer isso hoje.

TREZE

Eles não podiam sair imediatamente. Se perdessem as aulas, as pessoas iriam procurá-los. Além disso, eles precisariam obter suprimentos se quisessem se distanciar o suficiente. Até onde iriam, eles não sabiam.

— Vamos nos encontrar na Casa Ashford depois da escola — declarou Pip. — Fica bem na fronteira da cidade, então é o melhor lugar para começar. Nós iremos pela floresta. Só precisamos encontrar um lugar para nos esconder por tempo suficiente para esperar o Halloween

Todos concordaram. Parecia infalível. Algo ruim estava vindo para Eden Eld no Halloween – então, deixariam Eden Eld. Simples.

Assim Eleanor continuou dizendo a si mesma enquanto continuava o resto das aulas. Foi o que ela disse a si mesma na viagem de ônibus para casa, sentando-se ao lado do silencioso Otto, o que não era característico. Ao parar, ele se levantou e hesitou, a mochila pendurada no ombro.

— Isso vai funcionar, não é? — ele perguntou. — Estaremos seguros?

— Vai funcionar — disse ela. — Estou certa disso.

Mentir ficou muito fácil depois de um tempo.

Ele saltou do ônibus. Ela o viu descer uma longa estrada de cascalho, desaparecendo entre as árvores. Ela o veria novamente em breve, disse a si mesma, mas não conseguia pensar no que poderia acontecer depois disso.

Jenny estava cochilando quando ela chegou em casa, então ela vasculhou os armários da cozinha, encontrando comida suficiente para alguns dias e guardando-a em sua mochila. Roupas quentes vieram em seguida, e então ela se viu congelada no meio de seu quarto, tentando pensar no que levar, com medo de esquecer a única coisa que poderia salvá-los.

Ela pegou o livro e sentou-se na cama, colocando os pés embaixo do corpo. Ela virou as páginas, como se uma resposta fosse saltar para ela. Ela gostaria de ser tão corajosa quanto Jack, o herói em muitas das histórias, ou tão inteligente quanto a garota com as mãos para trás que partiu em várias de suas aventuras com ele. E havia também a bruxa de Hedge, que sempre parecia ter uma bebida mágica, ou um par de botas encantadas para salvar o dia - e que, tinha que ser dito, parecia ter algo com Jack, embora as histórias nunca vieram e disseram isso.

Ela não tinha uma bengala mágica como Jack, ou uma bolsa de poções como a bruxa da Hedge, ou uma rosa encantada como a garota com as mãos para trás. Mas eles eram três, e ela, Pip e Otto formavam três, e talvez isso bastasse. Talvez *eles* fossem suficientes.

Ela folheou até o final do livro, para algumas páginas em branco, onde deveria estar a décima terceira história. A primeira das páginas em branco tinha manchas - não, os fantasmas de palavras que ela ainda não conseguia ler. Ela apertou os olhos para o título.

O trez-—

Foi tudo o que ela conseguiu entender.

Clack!

Algo afiado atingiu a janela e Eleanor deu um pulo. Em seguida, outro acerto. *Clack*! Uma pedra. Sendo jogada de baixo.

— Pip — disse Eleanor com alívio, e correu para a janela. Pip e Otto estavam lá embaixo, as bicicletas ao lado e as mochilas cheias. Pip acenou freneticamente. Eleanor acenou de volta e ergueu um dedo de “espere um minuto”. Ela enfiou o livro na bolsa e correu para as escadas.

Seu caminho a fez passar pela cozinha. Jenny estava de pé, bebericando um copo d'água entre as longas e tensas respirações. — Ei, Elle — disse ela. —Para onde você vai?

A culpa atingiu Eleanor entre suas costelas. Mais uma mentira, ela pensou, e então ela não mentiria para Jenny e Ben nunca mais. — Só

estou saindo para explorar um pouco com Pip e Otto — disse ela. — Volto para o jantar.

— Divirta-se — disse Jenny, obviamente distraída com o estado de sua barriga.

Eleanor foi embora. Ela desceu a escada e contornou a lateral da casa, onde Pip e Otto esperavam.

— Aí está você — disse Pip, como se tivesse levado cinco horas e não cinco minutos. — Pronta para ir?

Eleanor assentiu.

— Vamos guardar as bicicletas nas árvores. Elas não são boas na floresta — disse Pip. — Mas foi a maneira mais rápida de chegar aqui.

Otto estremeceu. Nervosismo ou frio? Eleanor decidiu não perguntar. —Você sabe para onde estamos indo? — ela perguntou.

— Sim, mais ou menos — disse Pip. Ela apontou com a mão inteira, longe da casa e da estrada. — Além do pomar antigo, a floresta é super densa. Eu olhei para alguns mapas antigos, e não é realmente óbvio onde exatamente Eden Eld para, mas estamos definitivamente perto do limite agora. Portanto, não devemos ter que ir muito longe para sair. Se continuarmos andando até depois de escurecer, devemos conseguir passar alguns quilômetros além da fronteira. E amanhã podemos continuar. A próxima cidade fica a apenas seis milhas de distância, então devemos ser capazes de alcançá-la amanhã. Então, esperamos até primeiro de novembro e ligamos para casa para uma carona.

Tia Jenny e tio Ben ficariam preocupados, mas não havia como evitar isso. — Vamos embora — disse Eleanor.

Eles começaram a cruzar o pomar. As árvores eram todas macieiras, mas apenas alguns frutos espalhados cresciam, minúsculos e enrugados, quase sem qualquer cor na casca. Ben dizia que iria descobrir como cuidar da saúde do pomar - em todo o seu tempo livre. Então ele ria e suspirava.

Os galhos pareciam fazer barulho ao passar, embora não houvesse vento. Eles aumentaram o ritmo e logo chegaram ao fim das macieiras e ao início dos pinheiros, onde as sombras se juntaram em uma sólida tapeçaria preta. Lá eles diminuíram a velocidade, e Eleanor fingiu que era porque era difícil enxergar na penumbra e navegar nas raízes das árvores traiçoeiras, e não que eles estivessem com medo.

Os pinheiros bloqueavam o céu, exceto por fragmentos irregulares e pálidos aqui e ali. Na escuridão da floresta, nada se moveu, exceto os três, e o espesso tapete de agulhas de pinheiro silenciou seus passos.

— Em frente — murmurou Pip, mas Eleanor não sabia com quem ela estava falando. — Sempre em frente

Algo estremeceu nas árvores. Pip se engasgou e tropeçou. Eleanor agarrou a mão dela para firmá-la, e eles se seguraram e respiraram, esperando que o som viesse novamente.

— Só o vento — Otto ofereceu, mas então voltou. *Clackclackclack*. Aproximando-se cada vez mais.

— Corre! — Pip sussurrou sibilando, e eles dispararam mais para dentro da floresta. A bolsa de Eleanor bateu com força contra suas costas. Raízes agarraram seus pés, e parecia que ela mal tinha dado três passos antes de estar respirando ofegante por um peito frio e apertado. Pip era a mais rápida deles, mas ela não iria muito longe, saltando nervosamente quando tinha que desacelerar para acompanhar o ritmo deles.

Clackclackclack. *Clackclackclack*. Um grasnido áspero perseguiu os sons, e um gorgolejo quase como uma risada. Eleanor se atreveu a olhar para trás. Veio por entre as árvores, enormes asas feitas de sombra, voando de galho em galho. Seus olhos brilhavam em um amarelo-laranja oleoso *Clackclackclack*. *Clackclackclack*. — Tenha cuidado! — Otto gritou e agarrou Eleanor pelo ombro, detendo-a com tanta força que quase caíram juntos.

Uma forma escura se ergueu do chão da floresta, os olhos se abrindo, brilhando em vermelho. O cachorro do cemitério. Rosnou, caminhando em direção a eles.

— Deste lado! — Pip chamou e eles correram para a esquerda. O cachorro latiu e saltou, perseguindo-os.

Não havia como eles serem mais rápidos do que o cachorro, Eleanor pensou loucamente, e esperava a qualquer momento que seus dentes se fechassem em torno de sua perna. Ele rosnou e estalou atrás deles, nunca se aproximando, mas sempre mantendo o ritmo. E então Eleanor percebeu - estava pastoreando-os. Conduzindo-os de volta pelo caminho por onde vieram.

As figuras agitavam-se, guinchavam e estremeciam nas sombras, obrigando-os a girar e girar de novo, até que Eleanor não tivesse

ideia de para onde estavam indo. A luz estava diminuindo e ela não conseguia ver a direção do sol.

E então - eles saíram cambaleando. Fora das árvores. Eles surgiram perto da estrada, em frente à Casa Ashford.

— Não — disse Pip. Um pavor nauseante percorreu Eleanor.

Um carro parado na entrada da garagem, lustroso e vermelho como uma maçã envenenada. A Sra. Foster estava ao lado da porta do motorista, com as mãos cruzadas na frente dela, olhando diretamente para eles.

Os rosnados e chocalhos atrás deles silenciaram. Eleanor olhou para trás, amarelo-laranja e vermelho fumegante, os olhos das feras eram tudo o que ela conseguia ver da borda da floresta. Mas eles estavam assistindo. Esperando. Não havia como escapar de Eden Eld.

Mesmo à distância, ela podia ver o sorriso brilhante da Sra. Foster.

QUATORZE

Eleanor ficou em silêncio durante o jantar. Ela mal conseguia comer.

Pip e Otto foram para casa com a Sra. Foster. Não fazia sentido correr, não com as feras atrás deles e a Sra. Foster bem ali. Eles trocaram sussurros rápidos, remendando um plano no caminho entre as árvores e a garagem. Eles apenas teriam que escapar novamente esta noite. Eles podem não conseguir se afastar completamente de Eden Eld, mas se puderem ficar longe da Sociedade January, isso pode ser o suficiente.

Eles apenas teriam que esperar até que os adultos estivessem dormindo.

Eleanor observou os números brilhantes no micro-ondas e passou os dedos pela cicatriz na palma da mão. Não faltava muito agora. Não faltava muito mesmo.

— Devíamos fazer algo para o seu aniversário — Jenny disse de repente. Suas contrações tiveram uma pausa longa o suficiente para que ela pudesse comer com conforto, e ela parecia animada com o breve intervalo. — Estamos tão ocupados que não arrumamos nada, eu me sinto mal, talvez possamos receber alguns dos seus amigos? Pip e Otto?

Eleanor olhou para ela. Ela se sentia entorpecida. Como se ela não pudesse sentir *nada*. — Isso seria bom — ela disse estupidamente.

A testa de Ben franziu. — Você está bem aí, cara?

— Não me sinto muito bem — disse Eleanor. Pelo menos isso não era mentira. Mas ela não seria capaz de ficar sentada aqui por muito

mais tempo sem mentir sobre *algo*.

Pode haver uma maldição pronta para arrebatá-la à meia-noite, mas de repente ela estava com raiva acima de tudo por ter tirado Ben e Jenny dela. Ela não podia contar a verdade. Eles não podiam ajudá-la. Ela havia perdido a mãe e estava perdendo-os também, embora estivessem bem na sua frente.

— Tudo bem se eu apenas for para a cama? — ela perguntou. Ela iria olhar no livro novamente. Se ela lesse mais uma vez, talvez ela veria a solução, a maneira de salvar a todos e impedir que a maldição os levasse.

— Claro — disse Jenny. — Você precisa que nós tragamos algo para você? Chocolate quente? Chá?

Eleanor apenas balançou a cabeça. Ela saiu apressada, sentindo os olhos deles nela, desejando que eles pudessem ajudá-la, desejando que ela pudesse tranquilizá-los. Em seu quarto, ela subiu na cama e se encostou nos travesseiros, curvando-se sobre o livro.

Algo raspou fora de sua janela.

Ela se sentou ereta. Apenas um galho, ela pensou, mas não havia árvores tão perto desse lado da casa que fossem altas o suficiente para chegar ao terceiro andar. Ela se puxou de volta contra a cabeceira da cama.

Havia algo agachado no parapeito da janela - algo grande e preto, com dois olhos verdes brilhantes que a encaravam sem piscar. E então ele se levantou, e ela viu sua forma corretamente. Era uma gata. Uma gata enorme, com pelo espesso e longo.

A gata ficou de pé nas patas traseiras, colocando as grandes patas dianteiras no vidro da janela - e então deslizou para dentro. Ela saltou, suave e graciosa, e bateu levemente no chão. Ela se sacudiu um pouco, enviando manchas cinzentas em todas as direções. E então, com um único salto, ela pulou na ponta da cama e sentou-se ali, balançando a cauda e olhando para ela.

— Eu sei o que você é — disse Eleanor. Ela quis dizer isso com uma voz forte, mas saiu um sussurro.

— É mesmo? — perguntou a gata, sua voz feminina, sedosa e profunda. Sua boca não se moveu, mas Eleanor ouviu a voz plana e clara. — Então quem sou eu, bichinha?

— Você é a gata das cinzas — disse Eleanor.

— Eu sou mesmo — disse a gata. — Bom. Você está alguns passos à frente do último grupo, então. Você é inteligente, eu posso dizer. E

afiada. Duas das minhas coisas favoritas. Mas inteligente o suficiente? Afiada o suficiente? Hm. — Ela sacudiu o rabo na colcha, deixando um rastro de cinzas. Ela cheirava a coisas queimadas, como fumaça de lenha e carvão.

— O último grupo? Qual último grupo?

— Oh céus. Não tão longe quanto eu esperava — disse a gata. A gata se levantou e deu vários passos em sua direção. Seu peso puxou os cobertores com mais força sobre as pernas de Eleanor. Ela parou com uma pata levantada enquanto Eleanor se pressionava mais contra a cabeceira da cama. — Assustada, não é? Você não precisa ficar. Ninguém pode tocar em você, exceto na Véspera de Todos os Santos. Meia-noite à meia-noite. E agora...

O relógio do corredor bateu as horas.

Oito.

A orelha do gato girou na direção do barulho, depois voltou novamente. — Resta um pouco de tempo antes do início dos jogos.

— Quais jogos? — Eleanor sussurrou.

— Isso depende de você, alguns anos não são nem um pouco esportivos — disse a gata. — E às vezes é algo próximo disso, de fato. As equipes estão um pouco complicadas, é claro, e apenas um lado venceu até agora, mas isso sempre pode mudar. Pessoalmente, eu sempre torço por vocês, crianças. Eu sou uma idiota pela história do azarão. — Ela riu, baixa e gutural, e piscou seus grandes olhos verdes. — Eles virão atrás de você, pequena besta, e colocarão você na porta para o cinza, e então você pertencerá a ele e às irmãs dele. É assim que funciona. Esse é o acordo que foi fechado. A menos que você consiga se safar, o que eu espero que você consiga.

— Mas você trabalha para eles. Para ele. Sr. January. — Eleanor disse o nome com uma confiança que não sentia, mas a gata das cinzas não a contradisse.

— Gatos não *trabalham* — disse ela com desdém. — Mas permito que minhas atividades o sirvam. Eu odeio o homem, mas não tenho muita escolha nisso, eu temo. Ainda assim, posso me infiltrar em uma pequena rebelião aqui e ali. Eu não seria capaz de me chamar de gata se não pudesse.

— Você é prisioneira dele? — Eleanor perguntou. — Podemos libertar você? Poderia-

— Agora, agora. Isso não vai te levar a lugar nenhum. Meus problemas não podem ser resolvidos rápido o suficiente para te fazer

bem, e mesmo que você tenha quebrado minhas amarras, querida, eu sou uma gata. Não somos conhecidos por nossa constância. Eu provavelmente iria me perder e esquecer de ajudar.

Eleanor não sabia se a gata estava zombando dela, mas ela estava cada vez menos com medo. Da gata, pelo menos. — Você disse que eles estão vindo atrás de nós. Quem?

— Oh céus. Se você não consegue descobrir isso, você está condenada com certeza.

— Mas *alguém* está vindo atrás de nós. De mim, Otto e Pip

— Isso mesmo, pequena besta — disse a gata. — Vocês são os ratos nesta armadilha, e ela está se fechando rapidamente.

— Você pode nos ajudar agora? Você deve saber como podemos nos salvar, mesmo apenas uma pequena dica.

— Há coisas que não posso dizer, e coisas que não deveria dizer, e coisas que não me importo de dizer — disse a gata. — Mas, pessoalmente, nunca gostei de *não poder*. Eu vou te dar isso, e então você está por conta própria. Bartimaeus Ashford tem um ego maior do que a casa que construiu para satisfazê-lo, e é quase tão inteligente quanto acredita ser. Este lugar ainda está cheio de seus truques, se você souber onde procurar, e alguns deles podem ser úteis

— Onde? — Eleanor perguntou.

— Tsk-tsk. Se você precisa que eu lhe conte tudo, não vejo como você tem chance de sobreviver — disse a gata das cinzas. Ela se espreguiçou, as unhas arranhando a colcha e deixando marcas de queimadura. — Eu já trouxe o livro para você, e isso é mais do que qualquer um dos outros recebeu. Mas porque sua mãe é uma mulher tão legal e sempre coça aquele ponto atrás da minha orelha, vou lhe dizer mais uma coisa: tudo nesta casa tem um propósito. Tudo.

Com isso, ela saltou para o chão.

— Espere! Você conhece minha mãe? Onde ela está? — Eleanor exigiu, jogando fora as cobertas e pulando no chão ela mesma. Mas a gata das cinzas já estava pulando para o peitoril da janela. Ela parou deste lado do vidro e chicoteou o rabo uma última vez.

— *Isso* eu não posso te dizer, mas tenho certeza de que você vai descobrir por conta própria. Agora lembre-se, pequena besta, entre meia-noite e meia-noite, você está vulnerável. E da próxima vez que nos vermos, você faria bem em ficar com medo.

— Se você não pode me dizer onde minha mãe está, pode me dizer por que ela tentou me matar? — Eleanor exigiu.

Os olhos da gata se arregalaram. — Agora, quem te disse uma coisa *dessas*? — ela perguntou. Sua cauda balançou. Então, a gata das cinzas saltou do parapeito da janela e sumiu de vista.

Eleanor cambaleou atrás dela, correndo para a janela, mas não havia sinal da gata. O coração de Eleanor bateu forte em seu peito. Claro que sua mãe havia causado o incêndio. Não havia mais ninguém na casa para fazer isso.

Não era?

Eleanor passou o polegar pela parte brilhante da palma da mão, a cicatriz que a maçaneta escaldante havia deixado. Por que ela avisaria Eleanor para ficar longe de Eden Eld antes de colocar fogo na casa?

E se ela não o tivesse configurado? E se ela não tivesse fugido?

E se ela tivesse sido levada?

O pensamento era pesado como uma pedra e arrastou Eleanor para o chão, agachada. Ela colocou os braços em volta dos joelhos, e se sua mãe não fosse má e ela precisasse da ajuda de Eleanor?

Ela queria sair correndo e encontrá-la imediatamente, mas não tinha ideia para onde ir - e ela não podia deixar Eden Eld. E mesmo que conseguisse isso, ela não poderia salvar sua mãe - se ela realmente precisasse ser salva - até que ela se salvasse. E Pip. E Otto.

Meia-noite à meia-noite. Eles tinham menos de quatro horas restantes. Ela ouviu o tique-taque do relógio e esperou.

QUINZE

Às dez e quarenta e cinco, trinta minutos depois de Ben e Jenny terem ido para a cama, Eleanor enfiou o livro na mochila. Ela segurou os sapatos com uma das mãos e desceu correndo os degraus usando suas meias para ficar em silêncio e ainda conseguiu se esquivar das tábuas do piso mais rangentes. Quando ela estava quase na porta dos fundos, ela parou e voltou atrás. Ela mergulhou na sala de estar, onde ficava a lareira gigante, a escada levando às sombras na parte de trás dela. Um pesado conjunto de ferramentas de fogo de ferro estava ao lado da lareira, intocado por anos. As crianças em "The Graveyard Dog" usaram uma pá de ferro para afugentar o cachorro. Esperançosamente, um atiçador de fogo de ferro serviria tão bem.

Ela o enfiou na mochila, fechando o zíper ao redor para mantê-lo no lugar, e correu para a porta dos fundos.

Não havia ônibus para levá-la até a casa de Otto. Ela não poderia correr tão longe, e mesmo que soubesse dirigir, ela pensou que roubar o carro de Ben e Jenny *provavelmente* os acordaria. Mas ela viu algumas bicicletas velhas no galpão, então ela correu pela grama rasteira, ignorando o quão assustador o pomar parecia à noite.

Ela abriu a porta. Ela gemeu e gemeu, mas cedeu. O carro velho estava sob um pano para proteger a poeira. As bicicletas empurradas contra a parede ao lado não recebiam a mesma proteção e eram praticamente uma grande teia de aranha. Eleanor escolheu a menor das duas e a puxou para fora. Ela balançou um pouco, e a roda fez um barulho próprio, mas ela não teve tempo de lubrificar. Ela fez o

possível para tirar a poeira do guidão e do assento, depois jogou a perna por cima.

Os pedais estavam rígidos no início, e enquanto ela subia pela trilha de terra até a estrada, ela pensou que teria ido mais rápido com uma caminhada rápida. Mas eles se soltaram conforme ela pedalava, e o esforço a manteve aquecida, embora ela tivesse esquecido um casaco. Logo ela estava navegando pela estrada no escuro.

O vento a atingiu, mas valeu a pena pela velocidade. Ela pedalou o mais rápido que pôde, com as pernas já doendo. Ela tinha que chegar até os outros. Era tudo o que ela pensava. Seu plano, sua lista: chegar até Pip. Chegar até o Otto. Fique segura. Fique livre. Encontre a resposta.

Ela estava ofegante quando viu as luzes no final da estrada de Otto - e o carro preto estacionado no fim da estrada, com as luzes apagadas, mas uma figura no banco do motorista. Ela puxou a bicicleta para o lado, cambaleando para fora da estrada antes que pudessem localizá-la, e puxou a si mesma e a bicicleta para trás de um grande pinheiro. Ela olhou ao redor do porta-malas, esperando não ter sido vista. O carro não se moveu. Nem a pessoa nele. Pela forma como a cabeça deles estava inclinada para baixo, ela pensou que eles poderiam estar dormindo.

Sr. January? O Sr. January dirigia um carro? Não...tinha que ser alguém da Sociedade January. Ela não conseguia distinguir as feições da pessoa, ou mesmo se era um homem ou uma mulher, e ela não queria ficar por perto para descobrir. Ela não conseguia andar de bicicleta por entre as árvores, então caminhou com ela ao seu lado, ficando abaixada sobre o guidão na esperança de não ser vista.

Ela realmente não sabia para onde estava indo, mas a velha caminhonete onde eles concordaram em se encontrar era fácil de achar, mesmo no escuro, um farol branco. Foi estranho - ela tinha visto muitos carros e caminhonetes abandonados antes, mas nunca um que parecesse tão perfeito. Não havia um único lascado na pintura ou rachadura no para-brisa, e os pneus pareciam em perfeitas condições. Ela teria pensado que o caminhão era novo se não fosse antiquado - e se uma árvore não tivesse começado a crescer ao redor do para-choque traseiro.

— Ei — Otto sussurrou, saindo de trás da caminhonete. — Você conseguiu. — Ele saltou de um pé para o outro com uma energia nervosa.

— Há alguém em um carro perto da sua garagem, — disse ela.
— Eu sei. Ele está lá há cerca de uma hora, — Otto respondeu.
— O que há com a caminhonete? — ela perguntou.
— Hã? — Otto parecia confuso.
— Como fica tão bem conservada?
Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Ela esteve lá durante toda a minha vida.
— Então, não deveria estar tudo enferrujada e tudo mais?
— Eu acho que sim, mas...
— As coisas não enferrujam no Eden Eld, — adivinhou Eleanor. Ele assentiu. — É o negócio. Tudo é tão perfeito por causa do negócio. E ninguém acha que é estranho, pela mesma razão que eles não percebem as coisas erradas.
— Acho que isso explica por que nunca preciso cortar a grama, — disse Otto. O telefone de Otto tocou em seu bolso.
— Põe no silencioso! — Eleanor repreendeu quando ele o pegou.
— Desculpe. É Pip. — Ele mostrou a ela a tela e a mensagem exibida nela.

SOS JAN TÁ NA CASA

JAN tinha que significar a Sociedade January. — Eles estão na casa dela, — disse Eleanor. — Ou ela está presa em casa?
— De qualquer maneira, temos que ir buscá-la, — disse Otto, dados e cautela deixados de lado com sua amiga em perigo.
— Não podemos pegar as estradas se a Sociedade estiver fora. Eles podem nos ver, — disse Eleanor.
— Há um caminho de volta. Um caminho pela floresta. É um pouco difícil, mas as bicicletas devem ficar bem.
Não havia tempo a perder. Eles partiram em suas bicicletas, tropeçando no terreno irregular.
Os dormitórios para os alunos residentes ficavam do outro lado dos campos de atletismo, mas Pip ficou na casa de sua família e *isso* ficava um pouco mais longe. Descendo uma estrada por entre as árvores, localizada bem fora de vista.
Quando ainda estavam um pouco afastados, esconderam as bicicletas e avançaram a pé, ficando bem longe da estrada.
As luzes do andar térreo estavam acesas, mas as cortinas estavam fechadas. Havia uma pequena lacuna por onde a luz vazava e Eleanor

apontou para ela. — Vou dar uma olhada lá dentro, — ela sussurrou.

— Cuidado — Otto a alertou.

Cuidado tinha ido embora pela janela quando ela deixou a Casa Ashford, ela pensou, mas ela permaneceu baixa e lenta enquanto se aproximava. Ela se arrastou até os canteiros de flores na frente - cheios de flores roxas, tão grossas que ela mal conseguia encontrar um lugar claro para pisar - e ouviu. Havia vozes lá dentro. Sra. Foster e outra pessoa - Sr. Foster, ela presumiu.

— Dezessete minutos, — disse Sra. Foster.

— Você não pode fazer o tempo passar mais rápido olhando seu relógio, — respondeu o Sr. Foster.

Um suspiro e o clique de saltos no chão conforme a Sra. Foster caminhava. — Eu só quero acabar com isso. Os outros estão em posição?

— Ou perto disso. Não precisa ser na hora, Delilah. As crianças estão dormindo. Philippa está trancada em seu quarto. Meia noite e um ou meia noite e quinze não fazem muita diferença. — Ele parecia um pouco exasperado.

— E Jennifer Barton e aquele grande idiota com quem ela se casou não serão um problema? Ela está tendo contrações. Ela não vai dormir bem.

— É uma casa grande, e a menina está no terceiro andar. Tenho certeza de que a equipe pode lidar com a extração, — respondeu ele.

Eleanor respirou fundo entre os dentes cerrados. Pip estava certa, então. Seus pais *eram* maus. Mas pelo menos Ben e Jenny não sabiam. Ela esperava que o pai de Pip estivesse certo e eles não acordassem. Eles estariam seguros, contanto que continuassem dormindo..

Ela voltou para Otto e contou o que tinha ouvido. Ele parecia enjoado. — Eu peguei tão pesado com ela, — disse ele. — Eu realmente nunca acreditei nela. Achei que a mãe dela era apenas *má*. Quem sacrificaria sua própria filha?

Eleanor não tinha uma resposta para ele. — Onde fica o quarto de Pip? — ela perguntou ao invés.

— Por aqui.

Eles contornaram a lateral da casa. Os quartos ficavam no segundo andar. Eleanor olhou para cima. Havia três janelas, e ela poderia dizer qual era a de Pip sem a ajuda de Otto. O da extrema esquerda tinha troféus esportivos alinhados no parapeito da janela.

Futebol, hóquei em campo, equitação. Uma treliça coberta de videiras, murchando com o outono, estava encostada na parede ao lado dela. Eleanor testou. Ela não pesava muito. Provavelmente a seguraria. Ou iria quebrar e jogá-la no chão e fazer muito barulho, mas eles não tinham tempo para cautela.

— Eu vou subir. Fique de olho — disse Eleanor. Otto assentiu. Entre os dois, ela era um pouco mais atlética, mas isso não dizia muito. Eles realmente poderiam ter usado Pip agora. Mas então eles não precisariam resgatar Pip, ela supôs.

Ela subiu um degrau de cada vez até que pudesse se inclinar e bater na janela.

Nada. Ela bateu novamente.

O rosto de Pip apareceu na janela, pálido e confuso. Quando ela viu Eleanor, seus olhos se arregalaram. Eleanor gesticulou freneticamente. Pip abriu uma fresta na janela. — Você veio! Onde está Otto? — ela sussurrou. — Ele está bem?

— Ele está logo abaixo de nós, — respondeu Eleanor. — Eu ouvi seus pais conversando. Você está presa? — Ela cambaleou na treliça.

— E eles pegaram meu telefone. Consegui deletar a mensagem primeiro, pelo menos, — disse Pip.

— Precisamos tirar você daqui.

— A janela não abre mais. Está presa, — disse Pip.

Eleanor olhou para ela. Havia pregos cravados na moldura, impedindo a janela de abrir mais de alguns centímetros. Eles foram pintados algumas vezes - eles deviam estar lá há anos. Eleanor estremeceu, e não de frio. Os Fosters vinham planejando isso há muito tempo. — Se eu conseguir tirar esses pregos, talvez possamos abrir a janela, — disse ela.

— Pregos? Espere, — disse Pip. Ela voltou para dentro. Eleanor se inclinou mais para observar. O quarto de Pip estava uma bagunça, coberto de roupas e projetos de arte incompletos. Pip enfiou algumas coisas em sua mochila às pressas. Escadas rangeram em algum lugar mais profundo da casa, e ela fechou o zíper, em seguida, pegou algo de uma gaveta. Ela o entregou pela abertura. Alicates.

— Fase de fabricação de joias, — explicou ela.

Demorou vários minutos de forçar e puxar e isso deixou seus dedos com cãibras, mas Eleanor conseguiu arrancar ambos os pregos. A janela estava rígida e as duas precisaram forçar para abri-la, mas ela abriu completamente. Eleanor desceu pela treliça.

Com a mochila pendurada no ombro, Pip se jogou no parapeito da janela, equilibrou-se por um momento com os pés balançando, e então deu um chute e caiu.

Ela pousou com um grunhido e um baque, mas a sujeira macia absorveu a maior parte do barulho. Ela se agachou ao lado de Eleanor, ofegando um pouco, e ela e Otto se cumprimentaram rapidamente.

— Eu sabia que vocês viriam atrás de mim, — disse Pip. — Como vocês chegaram aqui?

— Bicicletas, — Otto respondeu.

Pip concordou. — A minha está na garagem. Rápido!

Eles correram pela parte de trás da casa e dispararam pela grama até a garagem, que ficava separada do resto da casa. No espaço entre eles havia uma bicicleta azul brilhante. Parecia caro. Mais importante, parecia rápida.

Uma luz se acendeu no andar de cima da casa. E então a Sra. Foster gritou, as palavras indistintas, mas o tom furioso.

— Corre! — Pip disse, mas Eleanor agarrou seu braço.

— Não! Devagar. Com cuidado, — ela disse. Ela puxou Pip pela lateral da casa, Otto seguindo de perto, e entrou na floresta, mais nas sombras, onde não podiam ser vistos da casa. Pip e Otto caminharam na bicicleta entre elas, permanecendo agachados o mais baixo possível, enquanto todas as outras luzes se acendiam uma a uma.

Eles chegaram ao local onde Eleanor e Otto haviam escondido suas bicicletas quando um motor rugiu para a vida. Eles congelaram. Eles se jogaram no chão ao mesmo tempo. Eleanor agarrou a mochila azul escura de Pip e puxou-a para cobrir seu cabelo ruivo brilhante, em seguida, pressionou o próprio rosto no chão quando os faróis do carro os alcançaram. O carro avançou lentamente, como se quem estivesse dirigindo vasculhasse as árvores. Eleanor contou suas respirações e se obrigou a mantê-las lentas.

Finalmente, as luzes passaram por eles. Eleanor manteve a cabeça baixa até que o som do motor diminuiu. Então ela se sentou cautelosamente.

— Eles não nos viram, — disse Otto.

— Acho que estamos limpos por enquanto, — concordou Eleanor. Pip concordou. Sua bochecha estava manchada de sujeira e havia marcas de lágrimas correndo por ela. — Você está bem?

— Eu esperava estar errada, — disse Pip, e começou a chorar.

Eleanor abraçou Pip e Otto fez o mesmo do outro lado. Pip colocou a cabeça no ombro de Eleanor e soltou grandes soluços que sacudiram todo o seu corpo. Eleanor apenas fez ruídos suaves e afagou suas costas, encontrando os olhos de Otto e se sentindo tão impotente quanto Jenny e Ben devem ter se sentido o tempo todo desde que a acolheram.— Ei, — ela disse. — Ei, agora. — Você não poderia conter uma tristeza assim. Isso te deixou doente. Mas Eleanor só chorava quando ninguém conseguia ver.

Ela estava feliz que Pip, pelo menos, não estava sozinha.

Pip se endireitou, esfregando o nariz escorrendo. Mesmo no escuro, Eleanor podia ver suas bochechas manchadas. Pip respirou fundo e colocou o cabelo atrás das orelhas. Emaranhava em uma confusão desgrenhada em torno de seu rosto, mas combinava com Pip. — Você não vai dizer que tudo vai ficar bem ou algo assim? — Pip perguntou.

— Não, — disse Eleanor. — As pessoas falam muito isso para mim e nunca ajuda. Isso só me deixa louca. Porque nem tudo está bem. Mesmo que no final acabe sendo melhor, nunca vai ficar tudo bem que isso tenha acontecido.

— Só não disse nada porque não tenho ideia do que dizer, — confessou Otto.

— Essa é a primeira vez, — disse Pip, e bateu o ombro dela contra o dele. Ele bateu nas costas dela. Pip respirou fundo. — Chega de chorar. Vamos indo, — ela declarou, e se levantou

O telefone de Otto tocou. — Ah, — disse ele — Esse é o alarme. Falta um minuto para a meia-noite.

O ar ficou mais frio ao redor deles. O vento soprou nas árvores. E Eleanor ouviu: o tique-taque de um relógio. *O* relógio, embora estivessem a quilômetros de distância, embora estivesse escondido dentro dos corredores da Casa Ashford.

Trinta segundos. O vento uivou, espalhando folhas furiosamente ao redor deles, chicoteando seus cabelos e suas roupas. Otto gritou em alarme. E então - tudo parou. O vento parou. Os galhos pararam de estalar. As folhas se acomodaram.

Dez segundos. Havia apenas suas respirações e aquele constante *tique taque tique taque*.

Tique...

Taque....

E então o badalar do relógio. Um. Dois. Três. Eleanor sussurrou, contando cada um deles. Nove. Dez. Onze.

Doze.

Um vento suave suspirou por entre as árvores, fazendo tudo estremecer. E a cor sumiu do mundo.

Aconteceu lentamente no início, e depois com pressa, com o cabelo de Pip perdendo seu brilho acobreado, a jaqueta azul de Otto afundando em um cinza fosco, até mesmo a luz do telefone em sua mão ficando espectral e pálida.

As folhas laranja-avermelhadas do outono: cinza.

A lua amarelada: cinza e brilhante..

Os ramos verdes do pinheiro acima deles: um cinza tão escuro que era preto, fundindo-se com a escuridão do céu.

— Feliz Halloween, — Otto sussurrou

— E um grande feliz aniversário — Pip respondeu, a voz vacilando com uma tentativa pobre de humor.

Nenhum deles riu.

DEZESSEIS

Eles voltaram pelo mesmo caminho que Eleanor e Otto tinham vindo, ao longo de trilhas que ziguezagueavam e ziguezagueavam e subiam e desciam. As bicicletas de Otto e Pip foram feitas para esse tipo de passeio, mas a de Eleanor não, e a viagem para a casa de Pip tinha deixado algo solto na roda dianteira, fazendo-a chacoalhar sempre que ela descia e gemer sempre que subia. Às vezes, ela tinha que parar e empurrar aquela coisa velha e instável, o que atrasava todos eles.

— Estamos perto, — disse Otto por fim, enquanto pedalavam por uma trilha lisa entre as árvores. Ele prometeu que o lugar que tinha em mente seria um bom lugar para se esconder, pelo menos enquanto eles descansavam - todos eles estavam exaustos. Os pulmões de Eleanor doíam e ela ofegava, o ar frio ardendo em sua garganta. Pip parecia que poderia continuar cavalgando a noite toda.
— É bem ali...

— Cuidado! — Otto gritou, enquanto faziam uma curva nas árvores.

O cachorro surgiu da escuridão, seus olhos vermelhos brilhantes eram a única cor desde que o cinza se infiltrou. Eles pararam muito rápido, Eleanor mal pulou da bicicleta quando ela tombou e derrapou, parando na frente do cachorro. Ele olhou para a bicicleta e soltou um rosnado estrondoso, então voltou seu olhar para eles.

De perto, o cachorro era enorme. Maior do que o maior cachorro que Eleanor já vira. Sua cabeça estava no nível de seu peito, sua testa franzida, seu pelo curto e brilhante. Ele simplesmente pisou em cima

da bicicleta e caminhou na direção deles. Eles recuaram, Eleanor agarrou o atiçador de fogo. Ele prendeu brevemente no zíper antes de se soltar. Ela o brandiu na frente dela.

— Fique atrás! — ela disse.

O cachorro parou, mas não parecia terrivelmente preocupado. Sua respiração embaçou o ar.

Mas não era névoa. Estava exalando fumaça. Eleanor engoliu em seco. — Nos deixe passar, — disse ela.

— Não, — respondeu o cachorro com uma voz masculina profunda. Otto guinchou de surpresa, e Eleanor percebeu que ela não havia se dado ao trabalho de explicar sobre o gato das cinzas ou toda a coisa de "bestas falantes".

— O ferro machuca você, — disse Eleanor com confiança. O livro havia dito isso a eles.

Em vez de responder, o cachorro saltou sobre ela. Eleanor gritou e cambaleou para trás de surpresa. Ela tentou balançar o atiçador de fogo, mas as enormes patas do cachorro a acertaram no peito e ela voou para trás, o atiçador escapando de sua mão. Ela bateu no chão com força. A visão dela se encheu de faíscas e, quando clareou, o cachorro pairou sobre ela, a fumaça saindo de seus dentes amarelos, os olhos vermelhos fixos nos dela. Uma enorme pata pressionou seu peito, prendendo-a.

— Pequena besta, — disse em um estrondo baixo de voz. — Você não é nada. Você é pequena. Você está com medo.

— Saia de cima dela! — Pip gritou. Ela tinha o atiçador com as duas mãos e o girou em um arco feroz.

Atingiu o cão e continuou avançando, passando direto por ele e enviando uma nuvem de manchas pretas e faíscas brilhantes para o ar. Ele uivou e saltou para trás, sacudindo-se e espalhando mais fagulhas e cinzas. Uma linha vermelha brilhou em seu lado onde o ferro havia passado por ele. Parecia uma brasa quando você soprava sobre ela.

Pip ficou com as pernas plantadas e o atiçador agarrado com força. — Hóquei em campo, — disse ela. — Afaste-se, amigo.

O cachorro soltou um rosnado. Ele afundou de volta em seus quadris e então girou, lançando-se entre as árvores. Ele bateu contra troncos aqui e ali, deixando a casca brilhando e fumegando, mas então ele se foi.

Pip estendeu a mão para ajudar Eleanor a se levantar.

— Obrigada, — disse Eleanor. — Isso foi muito corajoso.

— Isso foi *incrível*, — Otto concordou.

— Não se preocupe com isso. Eu realmente queria bater em alguma coisa, de qualquer maneira — Pip disse, mostrando a língua. — Agora, vamos! Devemos sair daqui antes que ele volte.

Eles pedalaram no último trecho da pista, que passava direto pelo quintal de Otto. O onipresente cinza dava a ele uma aparência sinistra: o balanço se erguia, a casa da árvore agachada entre os galhos como um animal faminto. Havia brinquedos espalhados pelo gramado, mas eles eram estranhamente organizados, todos alinhados e virados na mesma direção. A própria casa parecia em uma batalha entre o abandono e a perfeição da cidade, tudo por um fio de cabelo e dando a impressão de alguém extremamente estressado e mal se controlando.

Sua posição privilegiada lhes dava uma boa visão da estrada em frente e dos três carros estacionados ali - um Honda vermelho surrado na garagem e dois carros pretos elegantes estacionados na rua. Um deles era o carro que Eleanor vira antes. Os carros pretos definitivamente não combinavam com a casa com corações pintados na porta traseira.

— Parece que foi uma boa ideia sair de casa cedo, — Otto sussurrou.

Só então, a porta da frente se abriu. Três figuras em ternos pretos e brancos, dois homens e uma mulher, marcharam para os carros. A mulher sentou-se no banco do passageiro de um deles, os homens sentaram-se nos bancos do motorista e partiram.

— Não vamos ficar por aqui, — Pip sugeriu. Otto os levou embora, serpenteando por entre as árvores, até que chegaram a uma saliência, como uma caverna rasa. Otto o separou com galhos e uma placa que dizia LUGAR'DOOTTO (FIQUE LONGE!ESPECIALMENTE EMILY!). Dentro, ele guardou uma caixa de plástico com alguns gibis, barras de granola e um saco de dormir.

— Devemos estar seguros aqui, — disse Otto. Ele estremeceu.

— Nenhum lugar é seguro, — disse Pip. — As *cores* se foram - algo está acontecendo.— Ela parecia tão assustada quanto Eleanor se sentia. Parecia que as coisas ficando cinzentas deveriam ser o menor dos problemas deles, mas em vez de se acostumar com isso, ela estava ficando cada vez mais inquieta. Como se o mundo inteiro

tivesse se tornado perigoso e posto seus olhos famintos neles. Ela estremeceu e pegou Otto fazendo o mesmo.

— Alguém sabe que este lugar é aqui? — Eleanor perguntou.

— Só Emily, e ela está na faculdade, — disse Otto. — Acho que devemos ficar bem por um tempo, pelo menos.

— A Gata-de-Cinzas disse que estaríamos em perigo da meia-noite à meia-noite, — disse Eleanor. Eles deram a ela olhares confusos. Certo. Ela ainda não havia contado a eles sobre a visita da gata. Ela explicou o mais rápido que pôde, o que ainda demorou um pouco, com os dois interrompendo com perguntas e exclamações.

— Então, estamos em perigo até meia-noite? — Pip disse quando ela terminou.

— Você acha que podemos ficar escondidos por tanto tempo? — Eleanor perguntou.

— Duvido, — Otto respondeu. — O cão do cemitério poderia rastrear nosso cheiro. E o espantalho sonoro pode voar. Provavelmente pode nos encontrar voando por aí.

— Então, não podemos simplesmente esperar, — disse Eleanor, com um pequeno vislumbre de esperança se esvaindo.

— O livro nos disse como lutar contra o cão do cemitério, — disse Pip. — O ferro funcionou. Tem que haver algo mais lá, certo?

— Já olhei mais de cem vezes, — disse Eleanor tristemente. — Existem algumas coisas sobre os animais, mas não há nada sobre como vencer a maldição ou as Pessoas que Olham Para Longe. — Ainda assim, ela puxou o livro da bolsa e o abriu no início, deixando seu olhar vagar pela lista de títulos enquanto Otto apontava a lanterna do telefone para ela.

Os títulos familiares estavam todos lá.

Mas havia outro.

— A Décima Terceira Chave, — leu Eleanor.

— Bem, — disse Otto, — *isso* não estava lá antes.

— É sobre Jack, — disse Eleanor, passando os olhos rapidamente. — E a garota com as mãos para trás, e a sebe. "*Os três heróis*." Eles voltam ao reino desde a primeira história, mas já se passaram cento e cinquenta anos. Escutem. "*O reino estava tão perfeito como no dia em que a princesa foi levada, nem uma folha fora do lugar, nem uma flor murcha. No entanto, era cinza - incolor e quebradiço, cheio de sorrisos, mas sem alegria. Seu povo era como marionetes, movendo-se em suas vidas puxado pelos fios do hábito. Pois o*

estranho que os havia abençoado e amaldiçoado havia feito de sua alegria doze chaves. Quase toda a sua alegria foi roubada dessa forma, mas havia um pouco sobrando e mais uma chave para fazer. E se essa chave fosse forjada, uma porta se abriria, e o que estava do outro lado era mais assustador do que qualquer besta ou calamidade que o mundo já conheceu. '"

Ela continuou a ler. Os três heróis abriram caminho através do tipo de provações que os contos de fadas costumam realizar - enigmas, feras e coisas do gênero. — *"E então eles buscaram uma audiência com o Contador de Histórias. Ele permitiu três perguntas, e cada um fez uma, mas nenhuma era a certa. Eles não sabiam como fechar a porta para sempre, mas ainda assim eles tinham que fazer algo, então eles começaram a destruir as chaves..."*

Os heróis tiveram sucesso. Eles quebraram as chaves e impediram a porta de abrir, mas não foi um final feliz. Algumas pessoas deixaram o reino e sua cor voltou, e eles aprenderam a alegria novamente. Mas mais permaneceram e permaneceram cinzentos, e o reino era perfeito e sem alegria, e os heróis nunca derrotaram as Pessoas que Olham Para Longe. — *"E eles sabiam", — Eleanor concluiu, — "que em algum outro lugar, em algum outro reino, um estranho estava diante de um rei, uma rainha ou um imperador e fazendo-lhes uma promessa."*

— É uma história horrível, — disse Pip. — É triste.

— Eles impediram a pessoa, no entanto, — Otto observou.

— E todos ainda estavam infelizes. E isso não impediu os bandidos, — disse Pip. — Não é um final adequado se você não derrota os bandidos.

— Talvez sim, se tivessem feito as perguntas certas, — disse Eleanor.

— Bem, quais *são* as perguntas certas? — Pip exigiu. — E a quem perguntamos? O que devemos *fazer*?

Eleanor esfregou os olhos. A adrenalina a manteve acordada, mas agora seu cérebro parecia estar envolto em algodão. Por um momento, a imensidão de tudo o que estava acontecendo se ergueu sobre Eleanor como um maremoto, prestes a desabar. Mas ela se forçou a respirar fundo. Tudo o que eles precisavam era de uma lista. Um plano. — Primeiro, — ela começou. Ela fez uma pausa, pensando. — Primeiro, devemos dormir um pouco.

— Dormir? — Pip disse. — Você acha que deveríamos dormir em uma hora como esta?

— Sim, — disse Eleanor. — Acho que precisamos dormir, se temos alguma esperança de ficar à frente da Sociedade January e descobrir tudo isso. Portanto, primeiro descansamos. Em segundo lugar, vamos voltar para Casa Ashford. A Gata-de-Cinzas disse que havia algo importante ali. Ela disse - *tudo nesta casa tem um propósito*. E o livro e o artigo eram ambos de Andy Ashford. É o melhor lugar para procurar mais pistas. E então - e então descobrimos como chegar à meia-noite. — Da meia-noite à meia-noite, foi o que a Gata-das-Cinzas disse. Se eles pudessem aguentar tanto tempo, eles estariam seguros.

Ela esperava.

O resto do plano - a parte de *como* aguentar tanto tempo - teria que esperar até que soubessem mais. *Faça o resto do plano, acrescentou ela ao final da lista em sua cabeça, e se sentiu um pouco melhor.*

Mas não muito.

DEZESSETE

Quando eles chegaram a Casa Ashford, a entrada da garagem estava vazia. Um carro escuro estava estacionado do outro lado da rua e um homem estava sentado nele, mas sua cabeça estava inclinada para trás e ele não se mexeu quando eles se agacharam nas árvores, observando-o. Estava adormecido.

Algumas luzes brilharam no andar térreo, mas ninguém se moveu nas janelas. Eles se esgueiraram pelos fundos, apenas no caso de o homem na frente acordar, então encostaram as bicicletas na casa para que pudessem passar pela porta da cozinha. Eleanor fechou a porta com um clique suave e eles se moveram pelo corredor em silêncio, exceto pelo rangido das tábuas do assoalho. Isso podia denunciá-los, mas pelo menos eles também iriam ouvir se alguém estivesse vindo.

— Não acho que a Sociedade January esteja lá dentro. — Sussurrou Otto. — Eles não devem esperar que nós voltemos, se eles simplesmente colocaram um guarda lá na frente.

— Parece *muito* arriscado da nossa parte. — Admitiu Eleanor, esperando que isso significasse que era realmente inesperado e inteligente.

Então ela percebeu que não havia ninguém ali. Era hora do café da manhã, e Jenny e Ben deveriam estar na cozinha, mas embora as luzes estivessem acesas, ela estava vazia. Eleanor sentiu o coração bater por todo o seu corpo, da cabeça até a ponta dos pés. E se eles tivessem se ferido? E se eles tivessem sido levados?

Havia um bilhete no balcão da cozinha. A escrita era grande e desleixada.

Indo para o hospital. Tudo ok.
HORA DO BEBÊ NASCER

—Be

Ele estava com tanta pressa que não havia acabado de escrever seu nome; apenas terminava em uma linha plana com uma pequena protuberância. Eleanor soltou um suspiro de alívio. Eles provavelmente saíram correndo sem pensar em acordá-la. Eles devem ter saído antes da Sociedade January aparecer. Ainda bem. Eles estariam mais seguros no hospital.

— Eles devem estar seguros lá. — Disse Otto, ecoando seus pensamentos enquanto lia por cima do ombro. Ela assentiu, feliz por ele entender o que ela estava pensando. — Por onde devemos começar?

— De volta ao relógio? — Eleanor sugeriu.

Eles subiram as escadas, Pip carregando uma braçada de salgadinhos que ela tirou da cozinha.

O relógio estava exatamente onde o haviam deixado, o que não era tão surpreendente, supôs Eleanor. Porém, algo havia mudado.

Os ponteiros do relógio agora funcionavam da forma usual. Ele exibia a hora correta, e o ponteiro dos segundos a frente, fazia tique-taque no sentido horário. Enquanto eles observavam, o ponteiro dos minutos *avançou*.

— Nunca pensei que um relógio funcionando normalmente seria tão assustador. — Disse Otto, e os outros fizeram um barulhinho em concordância.

Tique-taque-tique, dizia o relógio.

— O que a Gata-de-Cinzas disse exatamente? — Otto perguntou.

— Algo sobre Bartimaeus Ashford ter um ego enorme, e esconder coisas por toda parte. E ela disse que tudo na casa tem um propósito. — Disse Eleanor.

— Huh, — Otto replicou em reconhecimento ao que Eleanor havia acabado de dizer. — Vamos dar uma olhada na casa. Tem que haver algo que possa nos ajudar.

Eles começaram a trabalhar. Eles examinaram um por um dos quartos ao longo do corredor, abrindo todas as gavetas, espiando por trás das portas, e até mesmo verificando atrás das pinturas e espelhos. Panos cobriam a maior parte da mobília, transformando sofás, cômodas e cadeiras em fantasmas protuberantes, e uma espessa camada de poeira cobria tudo o mais. Jenny e Ben não podiam pagar uma equipe para manter toda a casa enorme limpa, então eles deixaram a maior parte dela fechada. Hibernando.

Eles encontraram livros e roupas velhas, um jogo de dardos e um antigo jogo de parole, mas nada que parecesse servir ao seu propósito. Eles desceram para o segundo andar, onde ficava o quarto de Ben e Jenny, e depois novamente para o primeiro andar. Na grande sala, Otto leu as lombadas de todos os livros das estantes. Cerca de metade deles eram de Ben e Jenny. A outra metade viera com a casa e tinha títulos como *Dissertação sobre os Usos da Flora Mortal em Remédios Populares, Micologia Prática e Pássaros Raros e Onde Encontrá-los*.

Pip desabou na grande poltrona perto da lareira e apoiou os pés na poltrona. — Isso é inútil. — Disse ela, puxando um fio solto no braço da cadeira. — Este lugar é muito grande e não temos ideia do que estamos procurando.

Eleanor parou em frente à lareira. A lareira de pedra enorme, grande o suficiente para andar dentro dela, e da escada atrás dela. Uma escada que conduzia a nada. — Tudo nesta casa tem um propósito. — disse ela. — Mas qual é o propósito de uma escada que leva apenas a uma parede?

Ela liderou o caminho através do espaço vazio onde o fogo deveria ser aceso e subiu o curto lance de degraus de pedra cinza. Eles não eram altos o suficiente para chegar ao segundo andar da casa; se eles tivessem se conectado a alguma coisa, seria a meio caminho entre o primeiro andar e o segundo, mas eles terminaram em uma parede de pedra em branco.

— Há alguma coisa do outro lado? — Otto perguntou, batendo na pedra com a orelha encostada nela.

— Não. Há um pequeno cômodo do outro lado, no andar térreo, e um dos quartos do segundo andar acima dele, e no meio há apenas uma quantidade normal de parede. Não há *espaço* para mais nada. — Disse Eleanor.

— Mas deve haver algo aqui. Do contrário, não tem um propósito. — Otto respondeu, e começou a tatear cuidadosamente ao longo da parede, pedra por pedra. — Espere um pouco. O que é isso? — Otto encaixou os dedos em uma ranhura na borda de uma pedra e puxou. Revelando minúsculas dobradiças ocultas.

A pedra falsa escondeu um buraco de fechadura. Era um buraco de fechadura grande, quase treze centímetros no total. Você precisaria de uma chave muito, muito grande para encaixá-la.

Eleanor se abaixou e olhou pelo buraco da fechadura. Ela podia ver uma sala do outro lado. A luz não ia muito longe, mas ela podia ver as formas escuras das prateleiras e outros móveis e tábuas do chão que combinavam com o resto da casa.

— Isso não faz sentido. — Ela sussurrou. — Não há espaço para um quarto. E esse é enorme.

— A física e a geometria normais são apenas sugestões no Eden Eld. — disse Otto, parecendo aflito.

— Como entramos? — Pip perguntou.

— Com uma chave. — Disse Eleanor. — Uma chave muito grande. — Ela se lembrou do que pensou na primeira vez que viu o relógio. O pêndulo parecia o fim de uma chave sofisticada. — Eu tenho uma ideia. Esperem aqui.

• • •

ELEANOR ABRIU A porta de vidro e observou o pêndulo balançar para frente e para trás. Ela não gostou da ideia de pará-lo; isso fez sua pele formigar, como se o relógio fosse tudo o que fazia o dia avançar, da meia-noite à meia-noite. Mas ela respirou fundo e estendeu a mão.

O pêndulo atingiu sua palma e parou imediatamente. O relógio ficou em silêncio. Ela esperou que algo horrível acontecesse, mas a casa estava tão silenciosa como sempre. Mais silencioso, sem o tique-taque do relógio.

Ela envolveu o pêndulo com os dedos. Ela mexeu nele. Agitou-o levemente. Moveu-se para cima e para baixo mais do que ela esperava, e cuidadosamente ela começou a movê-lo para frente e para trás e para cima e para baixo. O mecanismo estava definitivamente preso a alguma coisa, mas era como se estivesse preso ali, não como se estivesse preso por pregos ou parafusos.

Algo clicou nas profundezas do relógio e o pêndulo deslizou livremente para suas mãos. Ela sorriu.

A ponta do pêndulo foi esculpida como uma chave.

A coisa toda tinha cerca de um metro de comprimento e era feita de algum tipo de madeira clara. Os dentes da chave, cinco deles, eram esculpidos com padrões como amoreiras e flores, dando-lhes uma textura selvagem e rendada.

Otto e Pip estavam esperando lá embaixo, mas Eleanor não voltou correndo de imediato. Ela ficou com a chave em suas mãos, equilibrada em suas palmas, e saboreou o momento. Ela havia descoberto. Ela era inteligente, como disse a Gata-de-Cinzas. Ela poderia ganhar isso. Ela poderia vencer isso. Ela poderia salvá-los.

A chave estava quente em suas mãos. Ela desejava, mais do que tudo, que sua mãe estivesse aqui para vê-la e saber o que ela tinha feito. O que ela descobriu.

Seu sorriso vacilou. Ela apertou a chave e deu um aceno severo.

Ela não precisava de ninguém para vê-la e se orgulhar dela. Tudo o que importava era salvar seus amigos.

Ela desceu as escadas com passos pesados. Enquanto ela caminhava em direção à sala de estar, ela ficava cada vez mais rápida, sentindo-se cada vez mais leve. Quando alcançou Otto e Pip no topo da escada, estava sorrindo de novo.

— Você conseguiu? — Otto perguntou.

— Consegui. — Respondeu Eleanor. Ela ergueu a chave gigante da fechadura.

Ela deslizou com um *clique* satisfatório.

DEZOITO

Uma seção da parede mergulhou para dentro quando eles empurraram. O aposento a frente estava escuro como breu; a luz não subia pela escada. Eleanor procurou um interruptor de luz. Seus dedos se fecharam em torno de um pequeno botão na parede. Ela tentou torcê-lo e ouviu-se um zumbido na sala.

As luzes acenderam gradualmente. Eles estavam pendurados em duas linhas ao longo de cada parede da sala, com fios amarrados entre eles. Eles zumbiam um pouco e eram mais amarelos do que as luzes modernas com as quais ela estava acostumada, mas serviam para iluminar a sala.

A cor estava apagada. Eleanor piscou, mas a visão não mudou. Tudo fora da sala estava cinza. Mas dentro da sala, todas as cores haviam retornado. Estava protegido de alguma forma? Esta devia ser a sala que a Gata-de-Cinzas queria que ela encontrasse.

A sala que não deveria estar lá era longa e estreita. Prateleiras fundas de madeira alinhavam-se nas paredes e caixas de vidro ocupavam o meio da sala como em um museu. Contra a parede do fundo havia uma mesa longa e pesada e, ao lado, uma única janela - um círculo dividido em quatro partes.

Não havia uma janela redonda naquele lado da casa. Eleanor tinha certeza disso. E, no entanto, aqui estava.

Eles largaram as mochilas perto da porta. Eleanor apoiou a chave ao lado delas e eles caminharam lentamente pela sala. Muitas das prateleiras e caixas estavam vazias, como se esperando para serem preenchidas, mas o resto continha uma variedade de objetos

aparentemente aleatórios. Um baralho de cartas estranhas, um escaravelho esculpido em pedra negra, um espelho de mão rachado, uma moeda tão velha que tinha ficado verde. Ela pegou a moeda, tentando distinguir os detalhes em sua superfície, mas era irregular e ilegível. Sem pensar, ela a colocou no bolso e seguiu em frente.

Eleanor parou em frente a uma prateleira que continha apenas um item: uma pequena caixa de latão com oito lados. A tampa estava aberta. O interior já fora forrado com seda verde, mas estava quase todo desbotado para o cinza e bastante esfarrapado. Um pedaço de cristal aninhado na seda arruinada, claro como vidro. Era exatamente como o da ilustração - aquele que a irmã do rei usou para olhar as pegadas do homem misterioso. Eleanor o pegou com cuidado e o levou ao olho.

O quarto parecia o mesmo - na maior parte. Mas alguns dos objetos na sala brilhavam com um fraco brilho dourado que oscilava em torno de suas bordas.

— Uau. Olhe isso. — Disse Otto. Ele estava parado na janela. Eleanor enfiou o cristal no bolso da calça jeans e se aproximou. A vista do lado de fora da janela deveria ser a lateral da casa.

O galpão, a grama rasteira, os pinheiros. Em vez disso, um oceano rolou e se projetou além do vidro. Ele se estendeu em todas as direções; nem mesmo a menor sombra de terra interrompia o horizonte. A lua estava cheia e pesada, refletindo na água.

Eleanor estendeu a mão e tocou a janela com admiração. A imagem ondulou e mudou. As ondulações se estabilizaram em uma floresta exuberante e enevoada - não a de fora, mas uma muito mais velha e selvagem. Algo enorme e sombrio se movia entre as árvores, muito longe. Era tão alto quanto as próprias árvores e, em sua cabeça, enormes chifres ramificados. Ele se virou na direção deles e...

Pip passou o dedo no vidro e a imagem se dissipou antes que aquilo pudesse vê-los. Eleanor lançou-lhe um olhar assustado. — Isso provavelmente foi inteligente. — Disse ela.

— Não sou boa apenas em bater nas coisas. — Disse Pip.

Agora a janela mostrava uma encruzilhada, duas trilhas para caminhada se cruzando no meio de um amplo campo gramado. Uma mulher desceu por uma das trilhas, aproximando-se deles. A escuridão tornava difícil ver, mas havia algo na silhueta da mulher que parecia familiar.

Ela alcançou a encruzilhada e hesitou, olhando para a frente e para trás. E então ela olhou para a estrada que levava a eles e Eleanor viu seu rosto. Seu cabelo escuro, preso em um rabo de cavalo. Seu nariz pontudo e olhos grandes e escuros.

— Mãe?

Sua mãe não a ouviu. Ela pareceu tomar uma decisão e se voltou para a estrada que saía da janela.

— Mãe! — Eleanor gritou. — Mãe, sou eu! Mãe! Ela bateu no vidro sem pensar - e a imagem ondulou, e eles estavam olhando para a encosta de uma montanha, caindo na escuridão. Eleanor pressionou a mão contra a boca, sufocando um soluço.

Pip e Otto olharam para ela com olhos arregalados. — Essa era sua mãe?

Eleanor não conseguia falar. Ela mal conseguia assentir.

— Sua mãe foi quem acendeu o fogo. — Disse Otto lentamente.

— Acho que talvez não. — Disse Eleanor. Ela acreditava cada vez menos nessa história. Sua mãe não tinha alucinado as coisas que viu. Isso não significava que ela não estava doente - o modo como seu medo a dominou *era* uma doença, mas as coisas que ela viu eram reais. Ela havia tentado, se esforçado tanto, tentando alertar Eleanor sobre Eden Eld e o que estava por vir. Ela não queria que Eleanor fosse levada. Ela não poderia querer que ela morresse. — Eu não acho que ela pretendia me deixar.

— Claro. — Disse Pip. — Por que sua mãe seria má também? Meus pais são os únicos realmente maus. Claro. — Ela se virou, os braços cruzados, e pisou forte pelo quarto.

— Pip... — Disse Eleanor. Otto colocou a mão em seu braço.

— Não faça isso. — Disse ele. — Ela precisa ficar brava um pouco. Ela vai voltar.

— Vocês se conhecem há muito tempo, hein? — Eleanor perguntou.

— Desde que nascemos. Literalmente. Nossas mães estavam no mesmo quarto de hospital. — Disse Otto. Ele mordeu o lábio. — Tenho pensado em tudo isso. Eu estava bravo com a cidade no começo. Eu queria fugir disso. Mas eu não acho isso certo. Eu não acho que devemos querer fugir. Nossos ancestrais - alguns deles, pelo menos - cometeram um erro. Não. Não foi um erro. *Erro* faz parecer que foi um acidente. Eles tomaram uma *decisão*, e foi uma decisão do mal. E é por isso que a cidade é como é. Perigosa de uma

maneira que ninguém vai falar ou mesmo ver. Mas nós podemos ver isso. Então, talvez isso signifique que nós devemos parar isso.

Eleanor não respondeu. Ela estava pensando em como sua mãe havia trabalhado duro para tentar tirá-la de Eden Eld. Essa foi a decisão errada? E se foi, estava errado apenas porque não funcionou? Não importa o quanto ela tentasse escapar, ela não conseguia se afastar de Eden Eld. Isso já foi uma possibilidade? A luta de sua mãe teve alguma importância ou ela sempre esteve destinada a acabar por aqui?

— Não deveria ser nosso trabalho. — Disse Eleanor. — Somos apenas crianças. E não concordamos com a maldição.

— É nosso trabalho porque podemos fazer algo a respeito, no entanto. E porque estamos dispostos a isso. — Disse Otto. — Caso contrário, ninguém faria isso.

Pip pegou uma bengala que estava encostada na parede e a balançou como uma espada. Ela bateu-a no chão e se virou para eles.

— Uma bengala. — Disse ela. — Como Jack tem nas histórias. Certo? Então, o que vocês encontraram? Ou vocês só ficaram parados aí falando o tempo todo? — Ela ergueu uma sobrancelha para eles. Era o tom de voz que ela usava quando discutia com Otto daquele jeito "nós somos amigos", mas era direcionado a ambos.

— Achei isso. — Disse Eleanor, tirando o cristal do bolso. — Fez algumas coisas na sala brilharem. Mas não sei por quê. — Elas olharam com expectativa para Otto.

— Hum. Vamos ver. — Disse ele, virando-se lentamente e parecendo um pouco confuso.

— As cartas são como as que a cartomante usou em 'A Menina do Coração de Vidro'. — Disse Eleanor, apontando. Ela deu um passo para a próxima prateleira. — Hm. Este chapéu de pele pode ser de ‘Pele Esfarrapada’. Ou...

Mas Otto estava olhando para uma das caixas de vidro. — E isso aqui? — Ele perguntou. Ele apontou para uma bússola sofisticada em uma caixa de prata. Era do tamanho de um relógio de bolso e pendurado em uma corrente como um também. Em vez de direções como norte e sul, as bordas eram pintadas com videiras. No topo do círculo havia uma delicada flor azul. No lado oposto estava um trio de espinhos pontiagudos.

— Não me lembro disso de nenhuma das histórias. — Disse Eleanor.

— Eu gostei. — Disse Otto. — Talvez nem tudo de que precisamos esteja nas histórias.

— Talvez. — Disse Eleanor em dúvida. — Mas eu realmente acho que você deveria escolher outra coisa.

Otto abriu a caixa e tirou a bússola sem responder. — Não acho que esteja apontando para o Norte. — Disse ele. — O Norte deveria ser... — Ele se virou, batendo na testa, até estar encarando a parede. — Dessa maneira. E está apontando para a janela. Mas então, esta sala não deveria estar aqui. E quem sabe onde *aqui* fica. — Ele acenou para a janela. — Não podemos esperar que esta sala obedeça às leis normais de magnetismo e direção. Devo verificar nas escadas e ver se funciona normalmente fora da sala.

— Vou continuar procurando aqui. — Disse Eleanor. Ela ainda não estava convencida de que ele deveria pegar algo que não estava em uma das histórias. Ela iria encontrar outra coisa para ele. Algo melhor.

Pip estava fazendo seus movimentos de luta com a espada novamente, então Otto deu de ombros e desceu as escadas trotando sozinho. Eleanor olhou através do cristal. A bengala estava definitivamente brilhando. O baralho de cartas também. Ela queria ligar de volta para Otto e ver se a bússola estava brilhando, mas ele parecia um pouco irritado com ela por não concordar com ele.

— Sinto muito pelo que eu disse. — Pip disse a ela, parando de balançar. Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto com uma baforada. — Estou feliz que sua mãe não seja má.

— Lamento que seus pais sejam.

— Sim. Mas pelo menos isso significa que eu estava certa. — Disse Pip. — E eu gosto de estar certa.

Eleanor riu. — Eu também. — Ela confessou.

Do lado de fora da sala, Otto gritou de medo.

DEZENOVE

Outras vozes se ergueram, agudas e raivosas.

— Mãe — sussurrou Pip. Eles correram de volta para o topo da escada, tentando não fazer nenhum barulho. Otto havia fechado a porta quase completamente quando ele saiu, para que eles pudessem espiar pela fresta juntos. Tudo o que podiam ver daquele ângulo eram pés, e apenas porque as pessoas estavam bem em frente à enorme lareira, mas isso era o suficiente para ver o que estava acontecendo. Os saltos afiados da Sra. Foster ficaram na frente dos tênis surrados e sujos de Otto e um par de sapatos masculinos pretos polidos. Parecia que o homem segurava Otto pelos braços.

— Otto, querido — disse a Sra. Foster. — Nós estivemos procurando por você. Você nos deixou bastante preocupados. Praticamente fora de nós mesmos.

— Nós sabemos o que você está fazendo — disse Otto. — Nós vamos pará-la.

— Sim, — disse Foster, despreocupada. — *Nós*. Onde está minha filha? E a encantadora Eleanor Barton?

— Você nunca as encontrará — disse Otto.

— Veremos sobre isso, — respondeu a Sra. Foster. Mais passos se aproximaram. Mais dois homens. — Leve-o para o carro. E vasculhe esta casa. De cima a baixo.

As mãos de Pip apertaram a bengala, mas Eleanor balançou a cabeça. Não havia como eles lutarem contra um bando de adultos. Elas simplesmente seriam capturadas.

Pip olhou para ela, mas ela sabia que Pip não estava realmente com raiva. Ela estava com raiva dos homens abaixo.

— Elas estão tão bem escondidas que você poderia olhar o dia todo e nunca encontrá-las! — Otto gritou enquanto o arrastavam. Ele estava dizendo a elas para ficarem parados. E Eleanor não via o que mais elas podiam fazer.

A Sra. Foster ficou para trás. Ela se virou em um círculo, como se estivesse olhando ao redor da sala. Havia pequenas adagas pintadas atrás de seus sapatos de salto alto.

— Inaceitável, — ela murmurou. — Simplesmente inaceitável. — suspirou. — Tudo vai dar certo. Você se planejou para cada eventualidade. Você tem tudo sob controle.

Eleanor e Pip trocaram olhares perplexos. Eleanor supôs que era um bom sinal a Sra. Foster ter que se dar um discurso estimulante. Ela só queria que a mulher não parecesse tão animada com isso. Pip deu de ombros como se dissesse *ela é sempre assim*.

— E, é claro, a filha de Claire seria a única a causar tantos problemas — ela continuou. — Sempre tão encrenqueira, escapando com aquele garoto dela. Eu me pergunto se a garota mostra algum... Não que isso importe, não depois desta noite.

Eleanor pensou que ela estava falando sozinha, mas então uma tábua do assoalho rangeu e uma nova voz falou. — Por que tenho a sensação de que você está dando desculpas? — um homem perguntou. Eleanor estremeceu de medo ao ouvir a primeira palavra. Pip sufocou um suspiro e elas agarraram as mãos uma da outra com força. O homem tinha uma voz estranha. Como mel e vinagre. Eleanor não conseguia ver seus pés, ou qualquer parte dele. — Você não precisa dar desculpas, Delilah. Eles não importam nem um pouco para mim ou para minhas irmãs. Ou você traz as crianças para a porta depois de escurecer, ou não. Estaremos bem de qualquer maneira. Você, por outro lado... — Ele deu uma risadinha. — Você sabe o acordo. Veremos você após o pôr do sol, no lugar onde tudo começou.

As tábuas do assoalho rangeram. A Sra. Foster soltou um suspiro. — Que homem horrível — ela murmurou, e então se afastou também, seus saltos fazendo barulhos no chão.

Eleanor fechou a porta.

— O que você está fazendo? — Pip sussurrou.

— Eles vão dar uma olhada em toda a casa. Portanto, precisamos nos esconder aqui até que eles tenham partido — disse Eleanor. — Então iremos atrás de Otto.

— Não podemos deixar que o levem. Quem sabe o que farão com ele? — Pip respondeu, quase esquecendo de sussurrar em sua agitação. — Eles não sabem que estamos aqui. Podemos nos esgueirar por trás deles e...

— E o quê? Bater neles com um pedaço de pau? E *então* o quê? — Eleanor exigiu. — Não podemos simplesmente acusá-los!

— E se eles o machucarem? Nós temos que...

— Você o ouviu. Sr. January. Ele disse que eles tinham que nos levar até a porta depois de escurecer. Eles não têm nenhum motivo para machucar Otto até então.

— E então, não fazemos nada?

Eleanor cerrou os punhos. Ela estava certa. Ela sabia que estava certa. Mas Pip também. Agachar-se aqui até escurecer não resolveria nada. Elas precisavam de um plano, mas não conseguia pensar em um. Havia muitas peças faltando. — O que Otto diria? — ela perguntou.

— Precisamos coletar mais dados — disse Pip em uma versão exagerada da voz hiper-rápida usual de Otto.

— Acho que Otto estaria certo, — disse Eleanor. — Acusá-los não é a resposta, nem ficar sentado sem fazer nada. Ainda há coisas que não entendemos. Vamos dar uma olhada aqui primeiro. Não podemos ir a outro lugar agora, de todo modo. Não com a Sociedade revistando a casa.

Pip assentiu com relutância, embora suas mãos estivessem apertadas ao redor da bengala, e Eleanor percebido que ela estava pensando em como seria bater em um dos capangas da Sociedade de January com ela.

— Isso é como um museu — disse Pip, falando cada palavra lentamente enquanto pensava. — Então, não deveria haver algum tipo de... registro ou algo assim? Uma lista do que está aqui e para que serve?

Eleanor se animou. — A mesa nos fundos, talvez?

Pip estendeu a mão e Eleanor a pegou, sem saber qual delas mais precisava de contato e segurança. Pip as puxou para o fundo da sala.

A mesa parecia familiar, e Eleanor olhou para ela por vários segundos antes de perceber onde havia visto uma igual antes. —

Parece a mesa da sua mãe — disse ela.

— Era isso que eu estava pensando — exclamou Pip. As pernas eram esculpidas com o mesmo tipo de tronco de árvore nodoso. Não era exatamente o mesmo - os cantos eram curvos em vez de retos, e a madeira era de uma cor diferente - mas pode ter sido feita pela mesma pessoa. — A mesa dela foi feita por Bartimaeus Ashford. Ele fez produtos para todas as famílias fundadoras. As pessoas estão sempre se gabando de "ter um Bartimeu". — Ela revirou os olhos.

A mesa continha apenas alguns objetos: um abridor de cartas prateado, a alça em forma de uma coruja alongada; um tinteiro; uma caneta de imersão antiquada; e uma única folha de papel velho e quebradiço, arrumada como se estivesse pronta para ser escrita.

— Não há nada nas gavetas — disse Pip ao terminar seu exame rápido. — Talvez um deles tenha fundo falso?

Eleanor franziu o cenho para o papel. Isso a lembrou do papel no livro de contos, e aquelas páginas também estavam em branco. Até que não estiveram mais. Se houvesse algo escrito escondido nele, haveria uma maneira de ver?

Ela tirou a lente de cristal do bolso. As coisas haviam parecido diferentes uma vez, talvez parecessem de novo. Ela o segurou perto dos óculos e fechou o outro olho.

As palavras transbordaram da página, escritas em uma caligrafia elegante que ela lutou para ler. Ela falou as palavras em voz alta para o benefício de Pip.

> *Para quem encontrou esta sala*
>
> *Os objetos mantidos dentro deste cofre são seguros, ou relativamente seguros, e os poderes não naturais dentro deles são benevolentes. Se você encontrou seu caminho até aqui, presumo que seja inteligente o suficiente para aprender como usá-los sem minhas instruções, e não tenho paciência para explicações de qualquer maneira.*
>
> *Use o que puder e pegue o que for necessário. As Pessoas Que Olham Para Longe devem ser paradas. Venha e me encontre se puder.*

B. A.

— Bartimaeus Ashford, — Eleanor adivinhou, e então bateu com a mão na testa. — B.A. é a pessoa que escreveu o livro! O livro dos contos de fadas! É ele quem está nos ajudando! A placa ao lado da cafeteria dizia que ninguém jamais registrou a data da morte dele. E o gato-de-cinzas falou sobre ele como se ele ainda estivesse vivo de alguma forma.

— Então ele *tem que* ser o Narrador — disse Pip com entusiasmo. — No livro, os heróis vão e fazem perguntas a ele, mas não fazem as certas. Se pudermos encontrá-lo...

— E fazer as perguntas certas... — Eleanor continuou.

— Então podemos derrotar o Sr. January de uma vez por todas! — Pip terminou.

Ajuda. Finalmente eles teriam ajuda. Eles estiveram sozinhos o tempo todo, mas aqui estava alguém que sabia o que estava acontecendo, que sabia sobre coisas erradas e magia e o Sr. January. Certamente Bartimeu Ashford, se ele realmente ainda estivesse vivo, os ajudaria. E ele tinha que ser melhor em parar o Sr. January e a Sociedade do que três adolescentes recém-formados.

— Então, onde um cara de alguma forma não-morto-embora-ele-tenha-cento-e-trinta-anos-de-idade vai se esconder? — Pip perguntou.

— Bem, ele não está em casa. Embora ele tenha construído outros lugares na cidade, certo? — Eleanor perguntou.

— Sim. Muitos edifícios, na verdade — disse Pip. — Aposto que ele está se escondendo em um deles! Podemos vasculhar a cidade. — Do lado de fora, passos soaram raivosos no chão e Pip murchou um pouco. — Depois que eles forem embora — acrescentou ela.

Por enquanto, elas tinham que esperar.

VINTE

Elas se sentaram e esperaram e esperaram e se sentaram, não ousando sequer sussurrar. As tábuas do assoalho rangeram e gemeram. Vozes murmuravam aqui e ali pela casa. Parecia que você podia ouvir os homens de terno, não importava onde estivessem. Talvez fosse outro truque da sala.

Uma hora, passos surgiram do lado de fora da porta e arrastaram-se um pouco, mas eles se viraram de volta.

Eventualmente, a porta da frente bateu. Os motores dos carros ligaram do lado de fora, depois desapareceram. Finalmente, Eleanor se sentiu segura para abrir a porta. Elas desceram juntas, cautelosamente, e pararam para ouvir. Nenhum rangido, gemido ou vozes, e a casa parecia vazia, como estava quando eles chegaram.

Pip disparou para o corredor.

— Pip! — Eleanor gritou em alarme.

— Banheiro! — Pip disse por cima do ombro, e Eleanor sufocou uma risada aliviada, percebendo que tinha a mesma necessidade urgente.

Poucos minutos depois, elas se juntaram no corredor da frente. O sol estava entrando pelas janelas agora, mas a luz era fraca e tênue. Luz do outono, filtrada pelas nuvens. Eleanor sentiu-se estranha, como se tivesse sido atingida por um rolo de massa. Diluída. Os ruídos pareciam muito altos e abafados ao mesmo tempo, e ela se viu olhando para a porta do quarto escondido, querendo entrar, bater a porta e nunca, jamais sair.

Ela não confiava naquele desejo de forma alguma. Tinha lido muitos contos de fadas. Um sentimento como aquele geralmente vinha com uma maldição, e ela já estava amaldiçoada o suficiente. Resolveu não passar mais tempo do que o necessário naquele quarto.

— Temos até o anoitecer — disse Eleanor. — Isso foi o que ele disse.

— Aquilo foi... foi *ele*, não foi? — Pip perguntou, mastigando uma mecha de seu cabelo nervosamente. — Sr. January?

— Sim. Era ele. Ele não parecia gostar muito da sua mãe.

— Essa é a única coisa boa que ouvi sobre ele — disse Pip. A voz dela parecia um hematoma quando você o pressionava. — As irmãs dele não estavam lá. Você acha que ele é como... o líder?

Eleanor fez uma careta. O conto de fadas fazia parecer assim, mas ela não confiava exatamente nos contos de fadas para serem precisos quando se tratava de quão importante as mulheres eram. O livro nunca deu um nome à garota com mãos invertidas, e ela era pelo menos tão importante quanto Jack. — Talvez seja mais como se esse fosse o projeto dele, e eles têm seus próprios projetos.

— Ashford pode nos contar mais — disse Pip com segurança.

— Nós o encontraremos. Então bolaremos um plano — disse Eleanor.

— Você faz o plano. Você é boa com planos. Eu vou trazer o taco de baseball — disse Pip. Ela tinha a bengala em uma das mãos e o atiçador saindo da mochila. Eleanor esperava não ter que bater em ninguém nem em nada. Elas eram apenas uma dupla de crianças. Qualquer luta em que entrassem, provavelmente perderiam.

— Precisamos de melhor proteção — disse ela.

— Temos a bengala e o atiçador — respondeu Pip.

Eleanor pegou o livro. Ela estava folheando as páginas, olhando para o "espantalho sonoro" e "o cão do cemitério" e o "gato-de-cinzas", mas além da pá de ferro que as crianças usaram em "o cão do cemitério", não havia muita menção à armas. O gato-de-cinzas e o espantalho sonoro nunca lutaram contra ninguém em suas histórias.

— Tem que haver uma pista, — Eleanor murmurou.

— O que é aquilo? — Pip perguntou, e Eleanor parou de virar as páginas.

Era uma história chamada "Ferro, Cinza e Sal". Três crianças caíram em um poço e se encontraram em um mundo cinza cheio de

estranhos monstros. Eles se protegiam com ferro, cinza e sal, um refrão que ele repetia constantemente.

— *Eles repeliram as criaturas com ferro! Eles os repeliram com cinzas! Eles os levaram de volta com sal!* — Pip leu. Ela tinha uma boa leitura em voz alta, Eleanor pensou. Então você não apenas ouvia as palavras, você as sentia.

— O ferro já funcionou — disse Eleanor.

— Sim mas... a maioria das coisas se machuca quando você os atinge com ferramentas de fogo — disse Pip.

— Vale a tentativa. Tem sal na cozinha. E cinzas na lareira da sala.

Tiraram o recipiente redondo de sal do armário da cozinha e encheram um saco de sanduíche com as cinzas retiradas da lareira. Eleanor lavou as mãos. Pip apenas esfregou as dela na calça jeans.

— Então — disse Pip. — Qual é o plano?

Eleanor respirou fundo e prendeu a respiração. — Um, consiga suprimentos. Nós já fizemos isso. Dois, encontre Ashford. Três, liberte Otto. Quatro, derrote a Sociedade de January e escape da maldição.

— Parece que a etapa quatro é, na verdade, várias etapas — disse Pip.

— É um trabalho em andamento — disse Eleanor com uma careta. — Continuaremos descobrindo à medida que avançamos.

— Se salvar Otto é parte disso, é bom o bastante para mim, — disse Pip. O fervor leal em sua voz fez Eleanor sentir-se calorosa.

— Tudo bem então. Pronta? — Eleanor perguntou.

— Não — disse Pip. — Mas vamos de qualquer maneira.

Eleanor abriu a porta de trás e saiu. Por um momento, ela pensou que estivesse errada, e que o sol ainda não houvesse nascido. Mas as cores ainda estavam todas erradas. Todo o quintal estava cinza. Troncos de árvores cinza-escuros, chão cinza claro, céu de um cinza pálido com nuvens marcadas. O galpão, que deveria ser de um azul desbotado, também era cinza.

Era pior, de alguma forma, à luz do dia. Estranho, mais assustador. Isso fazia o mundo parecer morto - ou quase morto, pelo menos.

— Você acha que volta? A cor? — Pip perguntou.

— Depois da meia-noite — disse Eleanor com confiança. — Depois de hoje, tudo voltará ao normal.

Pip estremeceu. — Vamos andando. Tudo isso parado está tornando muito fácil de pensar.

• • •

ELAS PASSARAM COM SUAS bicicletas ao longo das esquinas e refizeram o trajeto novamente. Eleanor pegou a bicicleta de Otto desta vez, já que estava em melhor forma do que a que ela conseguira no barracão, mas seu rosto ainda estava quente e suado quando chegaram à fronteira oficial do Eden Eld.

31 de outubro. Halloween. Devia haver crianças fantasiadas, pessoas distribuindo doces. Eleanor sempre adorou que seu aniversário fosse no Halloween. Ela adorava comemorar, mas odiava ser o centro das atenções, então foi perfeito. Era como se houvesse uma festa gigante para ela, mas ninguém percebia. Ela poderia apenas assistir e desfrutar.

Mas parecia que toda a alegria havia sumido de Eden Eld junto com a cor. As bruxas e abóboras nas janelas haviam perdido o sorriso; eles encaravam com seus olhos vazios e expressões em branco. Ninguém usava fantasias e todos se arrastaram lentamente pela calçada, os olhos baixos. Eles não pareciam apenas cinza - eles estavam *agindo* como cinza. Um homem passou com passos lentos e pesados. O vento arrancou o chapéu de sua cabeça e o fez bater e rolar pela calçada. Ele parou, deu meia-volta e observou por um momento. Então ele simplesmente continuou se movendo.

Pip e Eleanor se seguraram e caminharam lentamente. Qualquer uma dessas pessoas poderia fazer parte da Sociedade January. Qualquer um deles poderia ser perigoso.

Um carro preto reluzente entrou na rua a alguns quarteirões de distância. Parecia exatamente como aqueles que estacionaram do lado de fora da casa de Otto. Pip agarrou o braço de Eleanor e sibilou um aviso sem palavras.

— Por aqui! — Eleanor disse, e a arrastou para um beco ao lado delas. Elas se agacharam atrás de uma lata de lixo quando o carro passou zunindo. Só quando acabou que Eleanor percebeu que estavam de mãos dadas novamente, os dedos entrelaçados com tanta força que seus ossos doíam.

Ela deu um último aperto na mão de Pip antes de soltá-la, e as duas se endireitaram. — Devemos... — Pip começou.

Clackclackclack! Clackclackclack!

O som explodiu no ar ao redor delas, e uma forma negra saiu do céu com um grito de raiva, garras arranhando o rosto de Eleanor.

Pip soltou um grito e balançou sua bengala como um taco. O grande pássaro preto voou fora de alcance e mergulhou novamente. *Clackclackclack! Clackclackclack!*

Agora Eleanor podia ver o que estava fazendo o som. Era o espantalho sonoro, e sob suas penas pendiam dezenas e dezenas de ossos. Ossos de todos os tamanhos, chacoalhando no final de comprimentos de cordas sujas que o envolviam como uma rede. Suas garras brilharam como aço. Seus olhos eram amarelos como o brilho de um Jack da lanterna. Pip girou e errou novamente.

— Apenas corra! — Eleanor disse, e elas obedeceram, correndo em disparada pelo beco. Elas podiam ver a rua do outro lado.

E então o cachorro do cemitério apareceu na frente delas. Ele abaixou a cabeça e rosnou. Eleanor e Pip derraparam até parar.

Eleanor sacudiu sua mochila e agarrou a sacola de sanduíches que ela havia deixado de fora. Ela a rasgou e pegou um punhado de cinzas, jogando-as no cachorro.

As cinzas caíram sobre o rosto do cachorro.

Ele espirrou.

— Não acho que funcionou — sussurrou Pip, enquanto o cachorro balançava a cabeça e rosnava novamente.

Uma voz baixa e feminina riu acima delas. O gato-de-cinzas rodopiou ao longo do topo da parede à esquerda. E então, com um único salto, caiu no chão entre elas e o cachorro, golpeando o ar na frente de seu nariz e fazendo-o pular para trás

O espantalho pousou em uma lixeira atrás deles. *Clackclackclack*. Suas garras guincharam no metal.

— A linguagem é uma coisa engraçada, não é? — o gato-de-cinzas perguntou, balançando o rabo. — O feroz tinha razão.

Cinzas, Eleanor pensou. Cinzas era a fuligem no fundo de uma lareira, mas também era um tipo de madeira. — É a bengala — ela sussurrou. O gato-de-cinzas ronronou em aprovação.

— Eu disse que tudo de que eu precisava era o taco — disse Pip.

— Ferro para o cachorro, cinzas para o pássaro — disse o gato-de-cinzas.

O cachorro rosnou. — Por que você está contando a elas — disse ele, sem a interrogação no final da frase, como uma pergunta adequada.

— Encrenqueira — o espantalho coaxou. — Trapaceira, traidora, espiã.

— Oh, amor. Você só está louco por suas coleiras estarem mais apertadas do que as minhas — disse ela. — Eu estou aqui igual a vocês dois, não estou? Conforme solicitado. Agora, vamos, crianças. Estamos conduzindo vocês. Sem luta. — Ela piscou um olho verde. As criaturas ainda tinham cor, percebeu Eleanor.

— Diga-nos o que funciona contra você — disse Eleanor. — Sal?

— Eu sou legal, mas não sou tão legal, criança, — disse o gato-de-cinzas. Ela balançou as ancas e se agachou. — Agora, renda-se rápido antes que meu amigo canino engula você e dê seus ossos para o pássaro.

— Não, — disse Eleanor. — Não vamos desistir. — Ela estendeu a mão para a mochila de Pip e puxou o atiçador de ferro.

— Não gosto desse daí. Me faz cócegas — disse o cão, ficando tenso como se estivesse pronto para pular. Seu nariz se contraiu no ar e ele estreitou os olhos para Eleanor. — Você tem algo que não pertence a você.

— Agora! — Pip gritou. Ela se virou para o pássaro. Eleanor avançou, segurando o atiçador de ferro como uma lança enquanto o cachorro saltava. Seus olhos se fecharam por vontade própria e ela empurrou o atiçador para frente para bloqueá-lo.

Algo quente e espinhoso passou por sua pele. Ela se virou, abrindo os olhos. O cão se partiu em uma rajada de faíscas e cinzas. Eles enxamearam juntos do outro lado dela, formando a forma áspera do cão - mas ele se agitava e ondulava como uma nuvem de fumaça, sem se tornar sólido novamente.

A bengala de Pip girou de novo e de novo. Ela não conseguia acertar o espantalho sonoro, mas conseguia mantê-lo afastado.

— Use o que você tem, criança! — o gato-de-cinzas gritou. Ela se ergueu sobre as patas traseiras. Por instinto, Eleanor estendeu a mão para bloqueá-la. Os dentes do gato afundaram em sua palma, mesmo quando a bengala de Pip finalmente encontrou seu alvo e Eleanor gritou de dor.

— Malcriada! — o espantalho sonoro gritou, enquanto seu corpo se transformava em fumaça e cinzas, ainda na forma de um pássaro.

Ele voou alto fora de alcance e pairou acima.

O cachorro fungou e bufou, girando como se estivesse perseguindo o próprio rabo. Ele estava ficando mais sólido.

O gato-de-cinzas sibilou, e seu pelo estufou até que ela parecia ter o dobro do seu tamanho. Seus olhos verdes estavam mais selvagens do que nunca, e entre os dentes cuspiam faíscas.

Pip pegou o recipiente de sal. Ela o torceu para que os buracos ficassem abertos e jogou o sal na direção do gato. Atingiu seu pelo e subiu em uma chuva de faíscas enquanto ela uivava, se retorcia e contorcia.

— Ai! Isso dói, suas miseráveis infelizes! — ela gritou enquanto se transformava em fumaça e cinzas e disparava para longe, perto da parede. — Amaldiçoo todas vocês. E boa sorte!

Pip e Eleanor saíram correndo do beco, abrindo caminho. Eleanor olhou para a esquerda e para a direita. Tudo o que ela viu foi cinza. *Use o que você tem!* o gato-de-cinzas gritou em sua mente. As armas, ou...

Ela puxou a lente de cristal do bolso e a colocou no olho.

A cor voltou ao mundo. A maior parte da rua parecia normal, de volta aos tijolos vermelhos, ruas cinzas e árvores verdes. Ela virou-se para olhar para trás. O espantalho girava acima de sua cabeça, cinza-cinza-cinza, e o cão, quase restaurado, estava cinza o tempo todo. A bengala brilhou.

E também uma porta, no final da rua. Era uma porta enorme e ornamentada, enchendo quase todo o lado sul da parede da torre do relógio. Eleanor baixou o cristal por um momento. Sem o cristal, a porta não estava lá. O ergueu e ela reapareceu.

— Eu sei onde está Bartimeu! Venha por aqui — disse ela. Pip a seguiu sem hesitar.

Por favor, esteja destrancada. Por favor, esteja destrancada. Sua respiração cortou sua garganta, fria e áspera. Os rosnados e mordidas do cão ficaram mais altos, mais *sólidos*. Elas alcançaram a porta e Eleanor agarrou a grande maçaneta de bronze, girando desesperadamente.

Que abriu.

VINTE E UM

Eleanor empurrou a porta e caiu sem ver o que tinha do outro lado. Ela virou e se moveu para deixar Pip passar por ela, viu o cachorro correndo rua acima, sólido de novo, cruzando a distância em somente alguns passos.

Ela bateu a porta e trancou a fechadura. O cachorro bateu no outro lado com *barulhão*. A porta sacudiu. Eleanor conseguia ouvir suas garras arranhando e então um uivo profundo. Ele fungou e bufou na fenda inferior. E depois houve somente silêncio.

— Acho que foi embora — Eleanor sussurrou. Pip não respondeu. Ela estava olhando para o outro lado, os olhos arregalados. Eleanor se virou também.

Elas estavam em uma grande sala com teto arqueado. A sala tinha toda sua cor normal, mas as coisas nas caixas e prateleiras que a enchiam não tinham. Elas eram cinzentos. Uma espada cinza que parecia ser feita de pedra. Uma mão cinzenta esquelética em uma almofada de seda cinza. Uma vela cinza queimando com uma chama cinza.

As prateleiras tinham frentes de vidro e pesados cadeados. As caixas também foram trancadas e cada item foi marcado com um número e uma data em papel amarelado.

Em uma gaiola de vidro, um pássaro desgrenhado semelhante a um corvo estremeceu e se sacudiu. Ele empurrou o bico contra o vidro, tac tac , mas não fez nenhum som.

O único barulho na sala era a da respiração delas — e um fraco *scritch scritch scritch* no final da sala. Um homem, cabelos brancos,

sentado em uma grande mesa de carvalho, quase idêntico com o da casa. A cabeça do homem estava inclinado sobre um livro velho, e ele estava escrevendo alguma coisa nele com uma caneta chique. *Scritch-scritch-scritch. Scritch-scritch-scritch. Scritch*

Ele parou e olhou para elas, por cima dos óculos de meia-lua.... —— Ora? — ele disse. — Venham, então. Minha visão já não é mais o que costumava ser. — Ele riu como se fosse uma piada.

Eleanor mordeu o lábio. Pip levantou um ombro, tipo— O que *mais vamos fazer*?

Elas fizeram caminho entre as prateleiras. Um boneca de um braço acompanhou seu progresso, seus olhos virando e as pálpebras tremulando. Um livro se abriu sozinho e passou suas páginas antes de se fechar de novo. Quando elas alcançaram o fundo da sala, o homem abaixou a caneta e se encostou na cadeira. Ele usava colete e gravata sobre uma camisa branca. Ele parecia o mesmo: nítido, quase sem idade, apenas um pouco gasto nas bordas.

— Você é Bartimaeus Ashford, não é? — Eleanor perguntou.

— Senhorita Barton. Senhorita Foster — ele disse. — Mas o jovem Senhor Ellis não está com vocês, eu vejo.

— Como você sabe nossos nomes? — Pip disse desconfiadamente.

— Faço questão de acompanhar essas coisas. E a Senhorita Barton mora na minha casa, o que torna tudo mais fácil. Devo dizer que você se saiu muito melhor do que a maioria. Embora o fato de que apenas dois de vocês tenham chegado até aqui não seja um bom presságio.

— Como você está vivo? — Pip perguntou. — Bartimaeus Ashford teria, tipo, duzentos anos — Pip disse.

— Oh não exatamente — ele disse. — Eu tinha dezenove anos em 1851, o que me dá mais alguns anos antes do meu bicentenário. mas vou permitir que passe de um certo limite, uma década não faz muita diferença. O que você quiz dizer é que eu deveria estar morto. E assim é. Mas você pode enganar a morte um porquinho, ou pelo menos adiá-la, permanecendo em determinados espaços. Certos lugares intermediários. Eu não recomendo — ele concedeu com um pequeno gesto — mas minhas opções são poucas.

— Se você é o Bartimaeus Ashford, então isso é culpa sua — Eleanor disse, raiva subindo por seu peito — Foi você quem fez o acordo.

— Um dos negociadores — Bartimaeus disse — Eu poderia me desculpar alegando juventude e desespero, mas foi uma ação maligna

cometida por motivos egoístas. Queríamos pegar o que não era nosso e queríamos ficar com aquilo, e ele nos ofereceu isso. Eu me arrependi quase imediatamente, mas levei uma quantidade vergonhosa de anos para transformar esse arrependimento em qualquer tipo de ação. E você está colhendo as consequências do meu fracasso. Sinto muito, crianças, embora eu imagine que isso signifique muito pouco para vocês.

Ele destampou a caneta e, murmurando para si mesmo, voltou a escrever. Eleanor esticou o pescoço. Ele estava registrando números e datas ao lado de breves descrições dos itens na sala.

— O que está fazendo? Por que está só sentado aí? — Eleanor perguntou.— Por que não nos ajuda?

— Oh — ele disse, parecendo surpreso. — Eu achei que fosse obvio. Eu já fiz tudo o que eu podia. Eu construí a casa. Eu escondi meus tesouros nela. Coisas úteis eu guardei lá, e tranquei tudo do cinza que pude aqui. Eu escrevi um livro, assim crianças como você podem aprender seus avisos. Eu fiz a minha parte. O resto, minhas queridas, é tudo com vocês.

— Você é um adulto! — Eleanor disse, quase gritando. — Você sabe coisas! Você pode fazer coisas! Você não pode só se *sentar aqui* e deixar a gente morrer!

— Vocês não vão morrer — Bartimaeus disse. — Oh, não. As Pessoas Que Olham Para Longe não são assassinos, Senhorita Barton. Eles nunca mataram uma alma — não em Eden Eld, pelo menos. Que bem traria para eles com vocês mortas? É claro, o que eles querem fazer com vocês não mais prazeroso.

— O que eles vão fazer com a gente? — Pip perguntou.

— Eles querem abrir uma porta — Bartimaeus disse. — A porta está trancada por muito tempo. Coisas infiltrar-se pelas frestas nas bordas. Eu acredito que você chamou ele de *coisas erradas*. E eles são errados. Eles estão no mundo errado. Eles pertencem ao mundo cinza; eles não deveriam estar aqui. Mas o home que chamamos de Sr. January e suas irmãs querem abrir aquela porta. Tem alguma coisa do outro lado, você vê, ou talvez alguém, que eles querem deixar sair. Mas se eles conseguirem, efeito colateral desagradável de trazer todo o cinza e todo o nosso mundo para o mesmo lugar. Esmagados, misturados, confundidos como duas cores de tinta até que sejam algo novo. Para abrir a porta, eles precisam das chaves. E vocês...

—Nós somos as chaves — Eleanor adivinhou.

— Precisamente. Ou melhor, vocês são uma das chaves. Vocês e o projeto particular do Sr. January. As irmãs dele compartilham de sua ambição, mas eu sinto que eles são ligeiramente céticos que esse método é o melhor para conseguir. Ele consegue confeccionar somente uma chave por vez, veja, somente com as três crianças apropriadas e em intervalos apropriados, mas ele está muito perto. Vocês são as últimas, na verdade."

— E o que acontece? Se nossos mundos forem mesclados como uma pintura? — Eleanor perguntou.

— Eu não tenho a menor ideia. Mas você realmente quer descobrir? — Bartimaeus perguntou. Eleanor estremeceu.

— Então por que alguém o ajudaria? Por que meus pais—Pip mordeu as palavras e olhou para o chão.

— Fizemos a barganha na expectativa de que todos estaríamos mortos há muito tempo antes que o verdadeiro preço fosse pago — Bartimaeus disse, com um tom suave e apologético. — E com o passar do tempo, era a única coisa que sustentava a cidade. O custo da mudança era muito alto. Você deve entender, eu estava com muito medo. Com medo do meu mundo. E com medo deles. Assim que fechamos o negócio, ele deixou claro que qualquer um que não trouxesse as chaves prometidas seria jogado no mundo cinzento para sempre. Seu prisioneiro. Se você deixar alguém com medo o suficiente, eles concordarão com muitas coisas más.

— Eu estou apavorada — Eleanor disse. — E não faria algo assim. Minha mãe estava apavorada. Ela estava tão assustada quanto qualquer coisa. E ela não desistiu de mim.

— Sua mãe não fazia parte do acordo e não estava sujeita a tal punição — disse Bartimaeus — Mas eu entendo seu ponto. O medo é um motivo, mas não é uma desculpa. Eles fizeram suas escolhas - todos na Sociedade January. Incluindo eu.

— Então como paramos? — Eleanor perguntou. — Como a gente se salva?

— Eu não posso dizer como você devem se salvar — Bartimaeus disse impacientemente — Eu estou preso ao acordo.

— Como a Gata-de-Cinzas? — Eleanor perguntou.

— Uma barganha diferente e por ser um gato, ela encontra um pouco mais de espaço para contorcer-se dentro, mas é o mesmo conceito — Bartimaeus respondeu— Mas — e aqui ele se sentou de

volta — se você perguntar as perguntas certas, você terá a informação que precisa.

A pergunta certa. Assim como no conto de fadas. — Nós temos três? — ela perguntou.

Isso contava? Ele balançou uma mão. — Licença literária. Pergunte o que quiser. Se eu posso responder ou não, é o fator limitante.

Ela franziu a testa e olhou para Pip. — Deve ter algo mais que você possa nós dizer — Pip disse.

— Realmente tem muito pouco que eu possa fazer — Bartimaeus disse, começando a soar irritado — Eu gastei meus recursos ajudando vocês tanto quanto já fizeram. Você realmente deve assumir a responsabilidade em algum momento.

Eleanor não achava que aquilo era justo. Bartimaeus foi aquele — um deles — que causou todo esse problema. Ele tinha feito uma bagunça e estava insistindo porque tinha dado a elas uma vassoura esfarrapada e uma pá de lixo quebrada que ele fez tudo o que precisava. Mas ela apertou a mandíbula. —Qual é o acordo exatamente? — ela disse.

— Agora essa é uma *excelente* questão — Bartimaeus disse. Ele abriu uma gaveta na mesa e pegou uma folha de papel com a bordas rasgadas. O papel era grosso, e a escrita nele era aranhosa e marrom. Assinaturas, treze delas, tumultuadas na parte inferior. As cursivas eram difíceis de ler, mas ela desvendou alguns nomes familiares. Barton estava lá, junto com Foster e Ellis e Langston e *Ashford*. Acima das assinaturas havia um bloco de texto mais claro.

> *A cada treze anos, na noite de Halloween, traremos à porta cinza três crianças e as colocaremos pela porta. Os filhos devem ter treze anos de idade, para o dia, e devem nascer no Eden Eld. Quando um de nós morrer, outro sangue nosso tomará nosso lugar. Sempre teremos treze. Sempre manteremos o pacto. E se não o fizermos, seremos reivindicados, um e todos nós, e lançados no cinza. Se mantivermos o pacto, nossa cidade florescerá e não desaparecerá. Nenhuma praga a atingirá. Nenhum incêndio ou inundação irá destruí-la. Nenhuma violência cairá sobre ela de estranhos. As colheitas serão abundantes e os invernos amenos.*
>
> *Nós fazemos esse acordo no primeiro de Janeiro, no ano de 1851, com Aqueles Que Olham para Longe.*

— É isso? Isso é tudo? — Eleanor perguntou. Ela pensou que seria mais complicado. Mais preciso.

— Isso é tudo — Bartimaeus disse. Ele pegou a página dela e a colocou cuidadosamente na gaveta. Ela fechou com um click. Ele piscou para elas. — O que vocês ainda estão fazendo aqui? O que vocês precisam para terem sucesso está lá. Aquela foi a pergunta certa. Parabéns. Vocês devem ir.

— E se ficarmos? — Pip perguntou. — Eles não podem nos pegar aqui, podem?

— Eu não gosto de crianças azucrinando quando eu trabalho. E não é saudável para coisas vivas ficarem em um lugar assim — Bartimaeus disse. — O quarto secreto na casa também. Tem uma jeito de atiçar as coisas em seu sangue. Coisas que você pode não querer serem mexidas. Tem uma maneira de diminuir todas as pequenas amarras que o mantêm em seu mundo. Principalmente em um dia como este.

Enquanto ele falava, ele se levantou de meu assento, elevando-se sobre elas. Sua voz parecia ficar mais profunda e aberta, e ouvi-la era como cair infinitamente em um buraco.

E então ele caiu de volta em seu assento. Suas mãos tremiam. Ele ajustou os óculos e balançou a cabeça. — Não. Vocês não podem ficar. Não se quiserem viver. Viver de verdade. Além disso. Vocês têm um amigo para salvar. Ou estão com medo o suficiente para abandonar ele?

— Eu não poderia estar com mais medo do que agora — Eleanor disse, olhando para ele.— E eu não vou abandonar ele.

— Nem eu — Pip disse. Sua voz tremeu, mas ela parecia ter certeza.

— Então usem a porta dos fundos. Saiam correndo — Bartimaeus disse, apontando sua caneta para um canto sombreado da sala. — Não se preocupem, vai levar mais um tempinho para o cão farejar vocês.

Pip e Eleanor deram as mãos mais uma vez e foram até a porta. Era menor, enfiada entre duas prateleiras altas. Uma estatueta preta áspera segurando o que parecia ser uma cantil olhou para eles com olhos triangulares de uma das prateleiras. Eleanor estremeceu e empurrou a porta.

Ela abriu com um rangido, e elas saíram em um jardim que Eleanor reconheceu imediatamente. Elas estavam no campus da

Colégio Eden Eld.

A porta começou a fechar atrás delas, mas Bartimaeus as chamou enquanto a fechava. — Mais uma coisa, Senhorita Barton. Se acontecer de você ver seu pai, diga a ele que a resposta é *sim*.

Eleanor se virou de boca aberta, centenas de perguntas emaranhando juntas em sua garganta. Mas a porta tinha desaparecido.

VINTE E DOIS

Eleanor tateou em seu bolso em busca do cristal e o colocou na frente de seu olho, mas embora a cor avermelhada do tijolo aparecesse, não havia porta.

— Eu pensei que você não sabia quem era o seu pai — Pip disse.

— Eu não o conheço — Eleanor disse. Ela encarou a parede como se ela fosse explicar as coisas para ele. Ela perguntou a sua mãe quem era seu pai, é claro, mas ela nunca conseguiu respostas muito satisfatórias. Ela não sabia o que pensar sobre o que Bartimaeus disse. Ele poderia estar errado? E se ele não estivesse, por que ele conhecia o pai dela?

E o que sua mãe sabia, afinal?

— Velho estranho — Pip murmurou. Ela chutou o chão. Eleanor forçou os pensamentos dos pais delas para fora de sua mente. Pelo bem de Otto, ela precisava se manter focada. — E estamos de volta à escola. Yay.

— Em um sábado — Eleanor disse. — Pelo menos ninguém está aqui. Mas deveríamos encontrar algum lugar para nos esconder.

— A biblioteca — Pip sugeriu. — Podemos nos esconder nos arquivos. A única pessoa que vai lá é a Sra. Zimmerman e ela se mudou para cá de Portland há quatro meses. Não tem como ela ser parte da Sociedade January.

Elas invadiram uma máquina de comida ao longo do caminho — Eleanor podia ouvir o estômago de Pip roncar — e correram para evitar serem vistas de qualquer uma das janelas. Elas se espremeram entre duas pilhas de jornais velhos e dividiram os sacos de batatas

fritas de couve e bolinhos de soja verde. Eleanor esperava que Otto estivesse conseguindo algo para comer e que eles o estivessem mantendo em um lugar confortável. Não havia razão para machucá-lo, havia? Eles simplesmente não queriam que ele fugisse.

— Eu não acho que vamos conseguir encontrar Otto onde quer que eles estejam mantendo-o — Eleanor disse. — Ele pode estar em qualquer lugar.

— Não podemos desistir — Pip responder.

— Não estou desistindo. Só precisamos descobrir onde a porta estar. Sabemos que eles estão levando-o para lá. Podemos salvar ele quando eles fizerem, e depois fugir e se esconder.

— Eles precisam de nós três para o acordo. Talvez fosse melhor para nós duas escondermos e esperar — Pip disse.

— Eles provavelmente vão fazer Otto atravessar a porta de qualquer jeito, se eles acharem que isso vai salvar nem que seja alguns deles — Eleanor disse.

— É. Você provavelmente está certa — Pip disse. —Então... onde está a porta?

— Eu não sei. O Memorial dos Fundadores? — Eleanor adivinhou.

Pip fez uma careta. — Duvido disso. É no meio da Avenida Principal. Tem um festival de Halloween todo ano. — Ela pareceu sombria. — Você acha que... você acha que é para que eles saibam que todos estarão lá e não esbarrem acidentalmente na Sociedade? Então ninguém os interrompe?

— Quem organiza?

— A Sociedade January — Pip disse. — Eles comandam *tudo* em Eden Eld.

— Não depois de hoje à noite — Eleanor disse ferozmente, como se dizendo isso ela pudesse tornar isso verdade. — Depois de hoje à noite, não *haverá* uma Sociedade January. Porque todos eles estarão no cinza. E nós não.

Se a porta não estava no Memorial dos Fundadores, onde estaria? Eleanor procurou ao redor da sala até que encontrou um conjunto de gavetas longas e planas que estavam cheias de mapas. Eram todos os tipos de mapas, novos e antigos - mapas de elevação, mapas do condado, mapas de lugares específicos em Eden Eld. Ela os vasculhou até encontrar um marcado Eden Eld — 1898. Estava em uma caixa de papelão larga e plana com papel de seda por cima. Ela

puxou a caixa e colocou-a em cima da cômoda, deixando o papel de seda de lado.

O mapa foi desenhado em tinta cinza escuro, ou talvez tinta preta que tinha desbotado — ou talvez fosse totalmente outra cor, e era apenas o mundo cinza que o fazia assim. Ela começou a correr o dedo sobre a linha do rio que serpenteava ao longo da extremidade sul da cidade.

"Don't touch that!" Pip warned her. "You need to wear the — Não toque nisso! — Pip alertou ela. — Você precisa usar as luvas especiais. — Ela abriu uma pequena gaveta e tirou um par de finas luvas.

Eleanor corou. Ela deveria saber disso. Era ela quem amava livros e coisas velhas. Ela colocou as luvas e voltou a olhar para o mapa.

As ruas se ramificavam a partir de Eden Eld, com ruas mais próximas no centro. Parecia uma teia de aranha com muitos ângulos retos. As ruas não eram tão densas no mapa como eram nos dias modernos, e a cidade era muito menor, mas isso significava que era mais fácil ver tudo — e ela imaginou que onde quer que estivesse a porta, seria praticamente a mesma agora que era naquela época.

— Eu não vejo nada obvio — Ela disse.

— Eles não vão escrever exatamente porta cinza maligna no mapa — Pip apontou.

— Acho que não. — A mão de Eleanor latejava. Ela tocou a pele queimada e brilhante e sentiu a carne inchada e os pontos doloridos onde a Gata-de-Cinzas a havia mordido. Ela limpou a mordida com lenços de um kit de primeiros socorros que encontraram no fundo da sala, mas ainda doía.

O que elas sabiam? Sua mente estava girando com dezenas de coisas. *Faça uma lista*.

Mundo cinza. Porta. Treze. Halloween. Ferro, cinzas e sal. As Pessoas Que Olham Para Longe. Sr. January. Palíndromos.

Palíndromos.

Ela traçou uma rua que corria ao longo do lado oeste do Eden Eld antes de ligar para o centro da cidade. "Estrada Renner", ela leu.

Pip pareceu confusa. Então seus olhos arregalaram. — R-e-n-n-e-r. Vice-Versa. É um palíndromo.

— Tem mais algum? — Eleanor perguntou. Elas examinaram o mapa juntas, os dedos movendo-se de uma linha cheia de aranhas para a próxima.

— Aqui! — Pip exclamou. — Avenida Civic.

— Olha. Avenida Level — Eleanor disse. Elas correram os dedos um em direção ao outro, traçando as linhas das estradas. Juntas, eles formaram um triângulo — diretamente ao redor do prado fora da Colégio Eden Eld.

— Aqui — Pip disse. — Eles estão vindo aqui.

VINTE E TRÊS

O tempo passou, a tarde passando por eles com velocidade alarmante. Eleanor e Pip sentaram-se frente a frente, as costas contra as mesas de mapas, os pés se encontrando no meio. Eleanor estava mais cansada do que jamais se lembrava de estar em sua vida. Elas estavam fugindo e se escondendo por tanto tempo e tantas vezes que se mantiveram à frente de todas as suas emoções, confusões e preocupações, e todas as novas informações que elas aprenderam. Ela sabia que essas coisas estavam lá, mas agora elas caíram sobre ela, enchendo-a até que sua pele ficou tensa e quente.

Sua mãe estava lá fora em algum lugar, e ela não estava *bem*, mas também não estava mal. Ela realmente estava protegendo Eleanor. Tentando salvá-la de Eden Eld. E o fogo... se ela não tivesse feito isso... tudo tinha mudado.

Mas ela não conseguia explicar isso exatamente para a polícia. Ou mesmo para Jenny. Ninguém iria acreditar nela. Que prova ela tinha? *Bem, veja, policial, uma gata falante fez um comentário vago...*

E se ela estivesse errada? Talvez ela só quisesse acreditar no que a gata das cinzas havia insinuado. Talvez ela estivesse sendo tola, mantendo esperança.

E de qualquer forma, o que Bartimaeus *quis dizer* sobre o pai dela?

A única coisa que sua mãe lhe disse sobre seu pai foi que ele era bom e bonito. Ele não sabia sobre Eleanor, disso ela tinha certeza. Ele e a mãe dela tinham se apaixonado, mas ele sempre soube que

teria que ir embora - o motivo, a mãe dela deixou vago. O trabalho dele, Eleanor pensou, mas ela não conseguia se lembrar se isso era algo que sua mãe tinha dito a ela ou algo que ela inventou para preencher as lacunas.

Ele foi embora e só depois que a mãe de Eleanor descobriu que ela estava grávida, ela não conseguia mais encontrá-lo. Ela não disse o nome dele a Eleanor; ela disse que talvez quando Eleanor fosse mais velha ela falaria sobre ele, mas agora doía muito.

E, no entanto, Bartimaeus sabia quem ele era. E seu pai, ao que parecia, conhecia Bartimaeus. Então ele estava envolvido em tudo isso de alguma forma? Ele fazia parte da Sociedade January? Ela achava que não. Ela não achava que sua mãe falaria sobre ele com tanto amor se ele fizesse.

Era um mistério, e não um que ela pensava que resolveria hoje. Bartimaeus parecia estar dando uma instrução não urgente. Seja qual for a pergunta que seu pai fez, não tinha a ver com o Sr. January e o cinza.

- No que você está pensando? - Pip perguntou. Ela havia dobrado um joelho contra o peito.

- Meus pais, disse Eleanor. Ela se mexeu um pouco, fazendo as gavetas chacoalharem.

- Eu também. Meus pais, não os seus - Pip respondeu. - Estava pensando no que vai acontecer se vencermos. Eles irão embora.

- Eu sinto muito.

- Eu também. Eu realmente não vou sentir falta da minha mãe. Ela é... Ninguém nunca realmente entende. Ela tem um jeito de dizer coisas que parecem alegres, mas me fazem sentir como se eu fosse algum tipo de inseto nojento. Exceto que os insetos são realmente legais e tragicamente mal compreendidos, então algo pior do que isso. Como chips de couve. - Ela torceu o nariz e Eleanor riu. - Ela me faz sentir inútil o tempo todo. Mas eu meio que gosto do meu pai. Além da coisa má.

- Ele não é tão ruim?

- Ela é terrível para ele também. Ele está quase sempre quieto. Ele realmente gosta de livros. Vocês se dariam bem. - Disse Pip. - Ele traduz livros para viver. Na maior parte do tempo ele fica acordado em seu escritório e não sai. Mas ele costumava me deixar sentar em seu colo quando ele trabalhava, e ele tem uma poltrona no canto só para mim, então eu posso fazer minha lição de casa e outras coisas lá

com ele. E às vezes ele me leva em aventuras. Por dias a fio. Nós apenas vamos dirigir ou acampar, sem mamãe. Ele não diz muito para mim, não gosta dela, mas quando o faz isso me faz sentir... Melhor. Isso me ajuda a não acreditar no que mamãe diz.

Eleanor não sabia o que dizer. Ultimamente, ela precisava de conforto com tanta frequência que não achava que nada do que dissesse ajudaria, mas ainda assim desejava saber as palavras perfeitas. Mas a única coisa que ajudaria seria fazer com que isso não fosse verdade, e ela não poderia fazer isso acontecer. Para nenhuma delas.

- Eu nem sei onde vou morar, disse Pip. Ela rangeu a ponta do tênis contra o azulejo, esfregando uma marca de arranhão sem sucesso. - Eu não tenho nenhum parente na cidade. Alguns primos distantes do lado Foster, mas não nos conhecemos.

- Você pode morar comigo. Eu, tia Jenny e Ben, - disse Eleanor.

- Sério? - Pip perguntou.

- Claro, - disse Eleanor. Ambas sabiam que não funcionava assim, mas sorriram uma para a outra de qualquer maneira, imaginando isso. - Definitivamente, temos espaço suficiente. Você poderia ter um quarto ao lado do meu. Ou você poderia estar na outra ala e teríamos que correr pela casa inteira para nos visitar.

- Poderíamos encontrar cada segredo, disse Pip.

- Aposto que tem todo tipo de coisas incríveis que ainda não vimos, - concordou Eleanor. - E a casa é tão grande e solitária. Precisa de mais pessoas.

- Tipo, mais cem, - disse Pip. - Sua casa é *enorme*.

- É *ridículamente*, - respondeu Eleanor.

- É um *absurdo,* - concluiu Pip, e elas riram. Então Pip se curvou para a frente. - Eu queria que Otto estivesse aqui.

- Nós vamos trazer ele de volta.

- Eu ainda queria que ele estivesse aqui.

- Eu também, - disse Eleanor. Elas ficaram em silêncio. Por muito, muito tempo, nenhuma das duas conseguiu pensar em nada para dizer.

- Estive pensando, - disse Pip por fim. - Bartimaeus disse que você fez a pergunta certa. Ou uma pergunta inteligente ou algo assim. Sobre o acordo.

- Ele disse, - disse Eleanor. - Mas não vejo como o acordo nos ajuda. Além de saber que a Sociedade January será 'lançada no cinza'

se vencermos.

- Deve ajudar, - diz Pip. - Tem que nos ajudar, caso contrário ele não teria dito isso.

Bartimaeus não parecia uma pessoa particularmente útil. Ele parecia mais o tipo de adulto que iria parabenizar você e dar tapinhas na sua cabeça como se você tivesse cinco anos, na esperança de que você o deixasse em paz. Mas ela pensou sobre o acordo de qualquer maneira, tentando se lembrar de cada palavra dele. - Tudo o que ele disse foi que eles tinham que nos colocar através da porta do cinza, e então a cidade florescerá, e todas as coisas sobre boas colheitas e segurança, - disse ela. - Esperar. Eles têm que nos fazer passar, - ela disse novamente, extraindo cada palavra.

- Você descobriu algo, não é? - Pip disse, animada.

- O acordo não é apenas sobre o que o Sr. January deseja. É como ele disse quando estava conversando com sua mãe. Ele vai *ficar bem* de qualquer maneira. É sobre o que a Sociedade tem que fazer para não ser sugada para o cinza. Eles têm que nos colocar através da porta. O que significa que se *nos* colocarmos do outro lado da porta...

- Então eles perdem, - disse Pip. - Não funciona. Nós não somos sacrificios. Exceto... exceto que estaremos no cinza. Isso não pode ser bom.

- Não acho que seja bom, - disse Eleanor. - Mas eu não sei o que isso significa. Talvez As Pessoas Que Olham Pra Longe consigam nos levar lá, mas talvez não. E isso nos afasta da Sociedade.

- Ainda digo que devemos fugir, - disse Pip. - Agarrar o Otto e correr para a floresta.

- Eles têm que esperar que vamos buscá-lo, - protestou Eleanor. - Treze adultos e apenas três de nós? Você realmente acha que podemos fugir e ficar longe deles? Quanto tempo levaria? Horas?

Pip se curvou sobre si mesma. - Eu poderia, - ela disse desafiadoramente. - Então talvez...

- A única maneira segura de impedir que a Sociedade nos atravesse pela porta é passar por ela nós mesmos. Deve ser por isso que Bartimaeus queria que analisássemos o acordo.

Pip suspirou. - OK. É um plano.

- Talvez não um bom - admitiu Eleanor.

- Melhor do que nenhum plano, - disse Pip.

Eleanor assentiu vigorosamente. Um plano *sempre* era melhor do que nenhum plano. - Então, um: esperamos que a Sociedade traga

Otto. Dois: nós o soltamos. Três: corremos para a porta e *passamos* antes que eles nos obriguem a passar.

- Eles estarão nos esperando, - disse Pip. - Mas eles não vão *esperar* por isso.

- Espero que não, - disse Eleanor.

Em pouco tempo, estaria escuro. Em pouco tempo, chegaria a hora.

E elas estariam prontas.

VINTE E QUATRO

A noite caiu e Pip e Eleanor invadiram os corredores da escola. Seus sapatos rangeram, e os ecos caíram sobre elas como se fossem um exército inteiro de Pips e Eleanors. Foi quase o suficiente para fazer Eleanor se sentir corajosa.

Pip se lembrou de que a Sra. West sempre se esquecia de trancar a sala de aula, então era para lá que elas iam. Se agacharam quando entraram e caminharam em zigue zague pela sala, esquivando-se de cadeiras e mesas, até chegarem à janela e espiarem pela borda. A campina fervilhava de névoa baixa. Nove vultos encapuzados estavam afundados até os tornozelos, cercando uma pequena fogueira. Com as vestes soltas e os capuzes fundos, era impossível dizer quem eles poderiam ser, mas nenhum deles era pequeno o suficiente para ser Otto.

Pip cutucou o ombro de Eleanor e apontou. Outra linha de figuras encapuzadas emergiu da estrada que levava à casa de Pip. Quatro membros da Sociedade, com Otto marchando entre dois deles, as mãos amarradas na frente dele. Eles colocaram um manto nele também, e ele continuou tropeçando, onde ele se arrastou pelo chão.

- Chegou a hora - sussurrou Pip.

- Pronta? - Eleanor perguntou.

Pip bateu no atiçador e na bengala, que estavam presos em ambos os lados de sua mochila. - Como uma batedora. Você?

Eleanor ajustou o fio que usaram para prender o cristal a um olho de seus óculos, depois verificou o saquinho de sal que enfiara no bolso. - Pronta, - ela disse.

- Então nós entramos, pegamos Otto e passamos pela porta. Espere pela meia-noite, saia, não seja comida por monstros ou o que quer que esteja do outro lado, - disse Pip.

Conforme os planos avançavam, ele precisava de refinamento. Eleanor não pôde deixar de sentir que os decepcionaria no departamento de tática. Mas não era como se elas tivessem muito tempo. Ou recursos. Ou ajuda.

Elas se esgueiraram de volta para o corredor e correram para o conjunto de portas mais próximo. Invadiram o ginásio em busca de moletons em azul Eden Eld, que tinha se tornado um belo cinza escuro sem cor, ajudando-os a se misturar com as sombras. Pip puxou o capuz para esconder a pele pálida e o cabelo brilhante, que parecia brilhante mesmo sem a cor.

Permaneceram perto do prédio o máximo que puderam. As quatro figuras e Otto alcançaram as outras, com todos os adultos formando um amplo círculo. Um segurou os ombros de Otto, mantendo-o enraizado na frente dela - era ela. Eleanor podia ver as unhas compridas e perfeitas mesmo daqui. Sra. Foster.

O murmúrio de vozes era baixo demais para que eles ouvissem, mas Pip viera preparada. Quando ela saiu de seu quarto, ela enfiou alguns de seus equipamentos de espionagem em sua bolsa - incluindo o que parecia ser um cruzamento entre uma mini antena parabólica e uma arma de raios, com fones de ouvido plugados nela que permitem que você ouça as pessoas de tão distante. Ela deu a Eleanor um dos fones de ouvido e apontou o disco na direção dos membros da Sociedade.

O murmúrio baixo de vozes aumentou, soando com um tom metálico, até que eles puderam entender as palavras.

- O que as pessoas acham de mudar o clube do livro para quinta-feira na próxima semana? Eu tenho um conflito de agendamento, mas realmente quero falar sobre este, - disse uma mulher.

- Se for apenas você discutindo com Ted sobre o simbolismo da cor vermelha... - Alguém disse brincando, e houve um punhado de risadas. Vindo pelo microfone barato, pareciam corvos cacarejando.

- Podemos, por favor, manter o foco? - uma terceira voz disse. Eleanor reconheceu a voz do pai de Pip pela conversa que ouvira em casa. - Não devemos esquecer que este é um negócio terrível. Lamentável. E aquele que merece solenidade.

Alguns membros se mexeram, um constrangimento palpável.

- Além disso, acredito que nossos hóspedes restantes estão aqui, - disse o pai de Pip, e ergueu a mão em sua direção. As figuras encapuzadas se viraram.

Eleanor e Pip se entreolharam com surpresa.

- Agora ou nunca! - Pip gritou. Ela largou o disco puxando o fone de ouvido enquanto corria para frente com a bengala em uma das mãos. Eleanor avançou apenas um passo atrás dela, deixando escapar o que pretendia ser um grito de guerra, mas saiu como um grito estrangulado.

O pânico cresceu em seu peito. Este não era o plano. Eles deveriam esperar exatamente o momento certo. Ouça e observe até que eles vejam a porta, e então pegue a Sociedade de surpresa - ou algum nível de surpresa. Elas sabiam que a Sociedade esperava que eles viessem, mas não planejavam ser vistas imediatamente.

Mas agora Pip estava balançando a bengala, cortando os tornozelos e fazendo os membros da Sociedade gritarem e pularem para trás. Eleanor foi direto para Otto, que olhou boquiaberto de surpresa por um momento, então se jogou para longe da Sra. Foster, se livrando de seu aperto. Eleanor agarrou seu cotovelo.

Nenhum sinal da porta. Nenhuma maneira de passar por isso. Seu plano estava em frangalhos.

- Corra, Pip! - ela gritou por cima do ombro. - Apenas corra! - Talvez pelo menos Pip pudesse escapar. Isso seria o suficiente para parar a Sociedade - mesmo que não a salvasse e a Otto.

Uma das figuras encapuzadas entrou em seu caminho. Uma mão agarrou sua mochila e a puxou de volta. Ela e Otto tombaram, os pés enroscando-se um no outro. Ela ficou em pé.

Eles estavam cercados.

Pip recuou até estar com eles, segurando a bengala, mas não havia para onde correr. As figuras encapuzadas se aproximaram.

A Sra. Foster tirou o capuz. Através do cristal, seu cabelo era vermelho brilhante e seus olhos verdes brilhantes, tão venenosos e bonitos como sempre. Através do outro olho de Eleanor, o cinza endureceu todos os ângulos de seu rosto, até que ela parecia afiada o suficiente para cortar, e mais perversa do que nunca. - Pip. Caro. Isso será mais fácil se você colocar o... bastão.

- Foi uma armadilha - Otto disse miseravelmente enquanto Eleanor o colocava de pé. - Eles sabiam que vocês estavam vindo.

- Nós sabemos que eles sabem, - disse Pip com tristeza.

- Deveriam ter me deixado, - disse Otto.

- Não podíamos deixar você. Mesmo que fosse uma armadilha, - disse Eleanor. - Tínhamos um plano. Só... não funcionou. - Culpa dela. Ela deveria ter pensado melhor. Deve ter havido algum ângulo que ela não considerou. Algum segredo que ela não desvendou.

- Amigos, disse Foster. - A escuridão caiu. Eu sei que é tradicional esperar alguns minutos antes da meia-noite, mas dadas as travessuras deste ano, talvez devêssemos acabar com isso.

- Concordo, - disse Foster. E a Sociedade January se, como uma só, abaixou seus capuzes.

- Tia-avó Prudence? - Otto disse, olhando para uma velha com uma grande verruga no queixo. - Sério? - Ele parecia mais surpreso do que chateado. Talvez eles não estivessem tão perto.

Pip estava olhando para um homem de nariz curto e rombudo e queixo quadrado. O topo de sua cabeça era brilhante e careca, com cabelos claros agarrados abaixo. Eleanor combinou a posição dele com a voz que ela ouviu - este era o pai de Pip, então, Sr. Foster.

- Sr. Wells? Você *é* o sujeito três? - Pip perguntou, e Eleanor piscou. Ela poderia estar errada? O pai de Pip estava em outro lugar? - Mas você é meu *dentista*. - Ela parecia ofendida. - Se você fosse apenas me sacrificar, não precisava me incomodar tanto sobre o uso do fio dental.

- Fale com os mais velhos com respeito, Pip, - disse Foster.

Pip murmurou alguma coisa baixinho e olhou para a mãe, mas Eleanor estava olhando para o resto do círculo. - Pip, ela sussurrou. - Se aquele não é o seu pai, onde ele está?

A cabeça de Pip girou. Sua boca se abriu de surpresa. A Sra. Foster riu. - Harold? Você pensou que Harold fazia parte da Sociedade? Oh, ele assiste às reuniões *públicas*. Aproveita a hora do coquetel. Mas ele sempre foi muito meigo para esse tipo de negócio. Eu sabia que nunca seria capaz de fazê-lo ver a necessidade do que fazemos.

- Ele não - ele não sabe? - Pip perguntou.

- Não querida. - Os olhos da Sra. Foster suavizaram, apenas um toque. - Isso faz você se sentir melhor? Ele realmente te ama, você sabe. E talvez eu também poderia. Só que era melhor, entende, não se apegar. - Seus olhos endureceram novamente e ela sacudiu a mão. - Melhor amarrar suas mãos. Já houve atrasos suficientes e queremos que eles estejam sob controle quando...

O Sr. Wells sibilou um aviso e apontou.

Uma figura estava na beira da campina, a névoa agitando em torno de seus pés. Ele estava de costas para eles, mas a pele de Eleanor se arrepiou com a sensação de estar sendo observada. Ela estremeceu e se aproximou dos outros.

Clackclackclack. Clackclackclack.

O espantalho sonoro. Ele circulou acima. Ele parecia maior do que nunca e, quando se agitou, as sombras se desprenderam dele como penas caindo. Elas flutuaram em direção ao solo, mas desapareceram antes de pousarem.

Um rosnado baixo e estrondoso sinalizou a chegada do cão do cemitério. Ele ficou para trás, circulando lentamente, observando a Sociedade e lambendo seus beiços. Seu nariz mexeu no ar, como se estivesse tentando localizar algum cheiro que continuava escapando.

A gata das cinzas simplesmente trotou entre dois assustados membros da Sociedade de Janeiro e sentou-se no meio do caminho entre o anel e o grupo de crianças, lambendo sua pata. Ela torceu a orelha na direção de Eleanor.

- Pensei que você fosse mais inteligente do que isso, criança. Ah bem.

Através do cristal, o cão e a gata eram cinzentos por completo, mas pelo outro olho Eleanor podia ver o brilho vermelho que aparecia toda vez que o gata passava a língua em sua pata. Seus olhos verdes continuavam correndo do rosto de Eleanor para o chão. Não - em direção ao bolso de Eleanor.

Use o que você tem, ela disse no beco. Ela quis dizer as armas, certo? O sal? Ou ela quis dizer outra coisa também?

- Não há tempo para amarrá-los, - disse Wells.

A figura não estava mais no limite do campo. Ele estava na metade do caminho, carregando uma bengala com cabo de prata em um ângulo elegante. E ele não estava sozinho. Duas mulheres estavam mais atrás, meio envoltas em névoa. Um alto e esguio, com o cabelo tão claro que brilhava, e o outro menor, de ângulo agudo, com o cabelo preto como tinta, preso em um coque apertado.

- Todos fiquem calmos, - disse Foster. - Desde que cumpramos os termos do acordo, tudo ficará bem.

- A maioria de nós já passou por isso antes, Delilah, - o Sr. Wells a lembrou. - Porém, Edith, é o seu primeiro, não é?

Eleanor começou. Ela não tinha reconhecido o jovem professor de história no escuro. - Estou muito satisfeita e honrada por você ter me

convidado para participar, - disse Edith sem fôlego. Eleanor teve vontade de chutá-la nas canelas. Talvez ela conseguisse, antes que eles a colocassem pela porta afora.

- Venham aqui, crianças, - disse Foster. Otto se encolheu. Eleanor, porém, respirou fundo e deu um passo à frente, caminhando lenta e deliberadamente em direção à Sra. Foster. Ela estava cansada de ter medo. Ela enfrentaria isso, e ela não recuaria.

Quando ela passou pelo gata das cinzas, ela se levantou. Eleanor fez uma pausa, momentaneamente assustada, e a gata se ergueu nas patas traseiras, plantando os dois pés na coxa de Eleanor e batendo a cabeça no bolso de Eleanor. Automaticamente, Eleanor coçou atrás das orelhas da gata, que fechou os olhos e ronronou.

- Uma última chance, besta. Seja esperta, - a gata a encorajou em um tom baixo como um sussurro, e então caiu de volta no chão e se afastou.

Eleanor engoliu em seco. Ela deu um passo em direção à Sra. Foster, deslizando os dedos no bolso o mais sutilmente que pôde. Eles se chocaram contra a ponta dura da moeda antiga que ela havia tirado da sala escondida, áspera com azeviche.

Ela a deslizou para fora e fechou a mão em torno dele, então parou fora do alcance da Sra. Foster.

A gata queria que ela se lembrasse da moeda. Mas por que?

- Você não precisa fazer isso, - disse Eleanor. Ela apalpou a moeda em sua mão. Tinha brilhado quando ela olhou para ele através do cristal? Ela tinha pensado em verificar? Ela não conseguia se lembrar. Ela passou o polegar sobre ele e o cão do cemitério congelou em seu ritmo. Ele olhou para ela, rígido como uma tábua.

- Eu sei que você pensa isso, - disse Foster. - Do seu ponto de vista, tudo isso deve ser horrível! Mas você deve entender, você só pensa isso porque está sendo egoísta. Este acordo mantém toda a nossa cidade feliz e forte. E isso nos mantém seguros. Existem apenas três de vocês em comparação com toda a cidade de Eden Eld. É matemática simples.

- Três de nós a cada treze anos, - corrigiu Eleanor. - E, além disso, se a cidade tem que sacrificar crianças para permanecer feliz, ela não *deveria* ser feliz.

- Você sabe alguma coisa sobre a economia de Eden Eld? - Sra. Foster perguntou.

- As principais indústrias de Eden Eld são mineração e extração de madeira, - Pip citou em voz alta, depois bufou. - E daí?

- As minas fecharam há sessenta anos. A última vez que uma árvore foi cortada para outra coisa senão uma visão melhor foi na década de 1980, - disse Foster. - Eden Eld não tem indústrias. O dinheiro simplesmente chega. Esta cidade *existe* por causa desta barganha. Ela desapareceria sem ele.

- Então deixe - disse Eleanor. Ela estava apenas ouvindo pela metade. O resto de sua atenção estava no cachorro, que ainda estava imóvel. Ela correu o polegar sobre a moeda novamente, e ele se contraiu e deu um passo brusco para frente. Ela estudou a história do cachorro do cemitério cuidadosamente. Ela praticamente podia recitar de memória. *As crianças lutaram contra o cão do cemitério e reclamaram seu tesouro, diz a história.*

Talvez ele quisesse de volta.

- Não vou deixar algo em que investi tanto escapar por entre meus dedos, - disse Foster.

- Acho que você tem sorte de nunca se preocupar em gastar muito tempo comigo, então, - disse Pip.

- Isso teria sido muito mais difícil se você tivesse sido uma criança mais agradável, - disse Foster. - Chega disto. Onde está a...

Ela olhou na direção da campina e saltou.

O homem não estava mais no meio do campo. Ele estava entre eles, bem no ringue da Sociedade de Janeiro, e agora estava de frente para eles. Ele segurou a bengala com as duas mãos, à sua frente com a ponta plantada na terra. As mulheres não se moveram, como se este fosse o seu show, seu negócio, e elas estavam apenas esperando para ver como seria.

- Que reunião encantadora, - disse ele com uma voz cheia de risos. Seu rosto era simples - tão comum que Eleanor não seria capaz de descrevê-lo se você lhe desse uma hora e todas as metáforas e símiles do mundo. Exceto por seus olhos. Seus olhos eram de um cinza sólido, de uma borda a outra. Todos no círculo congelaram, como se quisessem recuar, mas não ousassem.

Ela olhou para os pés dele, mas eles estavam envoltos em névoa. Ela não conseguia ver para que lado suas pegadas estavam viradas.

- E essas são as estrelas da noite, - disse ele. Ele acenou com a mão larga para Pip, Eleanor e Otto. - Eu entendo que vocês causaram muito barulho hoje, amigos! Eu admiro isso. Pluck, isso é o que é.

- Senhor, - a Sra. Foster começou. Ele ergueu a mão para silenciá-la.

- Não, não precisa se desculpar. Eu não me importo como você os traz aqui, contanto que você faça. Agora, estou esquecendo de algo. O que é... Ah sim! - Ele estalou os dedos. O som foi alto como um foguete, e mais do que algumas das pessoas encapuzadas pularam.

No centro do campo, uma porta apareceu. Era uma porta simples, irremediavelmente comum. Não tinha nem moldura; as dobradiças presas ao ar vazio.

- Você conhece o procedimento, - disse ele, abanando os dedos em um gesto de "xô". - Passe-os, feche a porta e pronto.

- Vamos acabar com isso, então, - disse o Sr. Wells com desagrado.

A Sra. Foster se lançou para Eleanor e agarrou um punhado de seu moletom. O Sr. Wells segurou o braço dela do outro lado e eles a arrastaram em direção à porta. Ela tentou acompanhar, mas eles estavam andando rápido e ela tropeçou até que o Sr. Wells a sacudiu. Pelos gritos atrás dela, os outros estavam recebendo o mesmo tratamento.

O cão do cemitério caminhava rigidamente ao lado, observando-a com atenção fixa.

- Eles têm isso em mãos. Não deve interferir nesta fase, - disse Senhor January, mas o cão não pareceu ouvir. Eleanor apertou a moeda. O cachorro se contraiu novamente e rosnou. - Vamos, garoto, - disse January com uma irritação aguda.

Eles estavam no meio caminho da porta. - Ei! - Eleanor gritou para o cachorro. - Quer isso? - Ela ergueu a moeda entre o polegar e o indicador. A cabeça do cachorro se ergueu, suas orelhas em pé e sua boca aberta ansiosamente. - Vai buscar!

Ela jogou a moeda por cima do ombro no meio da fila de membros da Sociedade January.

O cão disparou em direção a ela, passando por cima do Sr. Wells e da Sra. Foster. Eles gritaram e pularam para qualquer direção, esquivando-se de seu corpo enorme enquanto ele adentrava a procissão, dispersando os outros. Ela viu Pip colocar Otto de pé e correr em sua direção.

- Vai! Vai! Vai! - Pip gritou. Acima, o espantalho sonoro guinchou.

Otto partiu para as árvores. - Não! - Eleanor gritou. - A porta! Passe pela porta!

- Não sabemos o que está acontecendo lá! - Otto disse.

Melhor do que aqui! - Pip atirou de volta, e eles avançaram juntos. Eles bateram na porta quando o espantalho sonoro gritou e se abaixou para mergulhar.

- Não os deixe... - berrou o Sr. Janeiro, mas Eleanor girou a maçaneta e abriu a porta com força, e então eles estavam entrando.

VINTE E CINCO

Eleanor se afogava no cinza. Não névoa, névoa tinha textura e movimento. Este cinza era uma cor lisa e sólida pra todo lado. Era mais como tentar olhar através de água descolorida. Sua mão era uma turva silhueta quando ela a afastou do rosto. Mas não tinha resistência como a água; ela conseguia se mover normalmente, embora, ao tentar dar um passo, cambaleasse. O solo não parecia diferente do ar.

Tudo tinha eco, mas a única coisa que se ouvia era ela. Sua respiração, seu batimento cardíaco, seus passos: — Olá? — ela chamou.

Lá lá lá, o cinza gritou de volta.

— Pip? Otto?—

Pip ip ip

Otto otto oh

E então um novo som: *tep-tep-tep*. Passos rápidos. A Gata-de-Cinzas apareceu do meio do cinza, seus olhos verdes eram as únicas coisas que brilhavam nela: — Isso *foi* astuto — a Gata-de-Cinzas ronronou, enroscando-se em suas pernas.

— Obrigada pela pista. Achei que você não pudesse mais me ajudar — disse Eleanor.

— Te ajudar? — ela disse, cheio de inocência — Não me lembro de ter te ajudado. Eu me lembro de te morder. E eu me lembro de você me arranhando no lugar certo. Como outra senhora que conheço.

— Senhora? — Eleanor sussurrou.

— Não se preocupe, criança. Você ainda vai vê-la. Mas não essa noite — disse A Gata-de-Cinzas — Você se livrou daquele clube terrível, mas ainda corre perigo. Por assim dizer. Melhor encontrar seus amigos. Este lugar não é saudável para pré-adolescentes.

Ele começou a trotar para longe.

— Espere — Eleanor gritou atrás dele — Você... você sabe alguma coisa sobre meu pai? Você sabe quem ele é?

— Não faço a mínima ideia — disse a Gata-de-Cinzas — Honestamente, eu não consigo diferenciar a maioria de vocês, humanos — ela balançou a cauda e saltou para o cinza.

Eleanor afastou sua decepção. A Gata-de-Cinzas era um Gata, afinal, e você não podia esperar que um Gata ajudasse por muito tempo: — Pip! — ela gritou novamente.

Pip ip ip, seu eco disse, e então, *nor or or*.

Era a voz de Pip, ou o que sobrou dela. Eleanor se dirigiu para lá, chamando o nome de Pip novamente. Desta vez, a voz de Pip estava mais forte. Então mais forte. E então ali estava Pip, pisando cautelosamente no meio do cinza. Ela viu Eleanor e deu os últimos passos, dando nela em um abraço apertado.

— Aí está você! Achei que fosse ficar aqui para sempre — disse Pip. Mesmo através do cristal, Pip estava totalmente cinza. Então, Eleanor percebeu, ela também estava. Isso não parecia ser bom.

— Precisamos encontrar Otto — disse Eleanor.

— Ele estava um pouco atrás de nós quando passamos. Talvez isso signifique que ele está mais longe.

— Mas para que lado? — Eleanor perguntou.

— Otto! — Pip gritou tão alto que Eleanor tapou os ouvidos com as mãos. A cabeça de Pip inclinou-se para o lado enquanto ela ouvia — Deste jeito.

— Você tem certeza? Eu não ouvi nada.

— Tenho certeza — disse Pip, e seguiu em frente. Eleanor teve que correr para acompanhar.

Algo estranho acontecia enquanto caminhavam. O cinza estava mudando - não ficando mais fino, exatamente. Quase o oposto. Estava se comprimindo em formas que pareciam cada vez mais sólidas. Havia lacunas agora, e depois remendos que Eleanor não conseguia ver. Sua mão mergulhou em uma coluna alta de cinza e desapareceu completamente. Fez um som de sufocamento e sucção

quando ela puxou a mão, e quando ela colocou o dedo contra a área grossa novamente, ele tinha a consistência de um creme gelado.

A cada passo, Pip gritava novamente. Às vezes ela se ajustava. Na maioria das vezes, ela continuava marchando à frente. Só depois de caminharem um pouco que Eleanor pôde ouvir a voz de Otto, muito mais débil e fraca do que a de Pip.

Finalmente eles o viram. A essa altura, o cinza havia se organizado em formas reconhecíveis: árvores, trepadeiras, terra. Tudo ainda estava exatamente do mesmo tom de cinza, e as sombras eram fracas, como se a luz viesse de todas as direções ao mesmo tempo, o que tornava difícil ver as bordas das coisas. Otto caminhou até elas. Ele tinha se livrado das vestes e estava segurando a bússola que havia tirado da casa com as duas mãos em formato de concha.

— Aí está você — disse Pip. Ela jogou os braços ao redor dele e segurou firme — Até no seu próprio quarto você poderia se perder, sério.

— Isso é porque ele é muito bagunçado — disse Otto.

— Isso porque você está sempre muito ocupado aprendendo, fazendo experimentos e outras coisas para ter tempo de limpar — disse Pip — Meu quarto é bagunçado sem nenhum porquê.

— Seu quarto é bagunçado porque você escolhe um novo hobby a cada cinco dias e depois esquece. E porque irrita sua mãe — disse Otto. Eles se separaram e sorriram um para o outro, e então os sorrisos desapareceram. Pip esfregou o sapato na terra.

— Algum deles nos acompanhou? — Eleanor perguntou.

— A Sra. Foster estava bem atrás de mim — disse Otto — Senti os dedos dela na minha nuca — ele virou a cabeça. Havia três linhas em relevo, mas com toda a sua pele transformada em cinza, era difícil distingui-las.

— Eles não deveriam ter sido sugados de qualquer maneira? Se eles quebraram o acordo? — Pip perguntou.

Eleanor balançou a cabeça: — Ainda não é meia-noite. Eles ainda têm tempo. Precisamos ficar longe. *E* encontrar uma maneira de sair daqui. Não quero saber o que vai acontecer se estivermos aqui ao bater da meia-noite.

— Você tem alguma ideia de como sair? — Pip perguntou — Porque eu mesma não tenho.

— Talvez eu tenha — disse Otto — Vejam — ele estendeu a bússola. Quando ele se virou para ficar do mesmo jeito que a agulha, ela se

alinhou com a rosa — Eles não tiraram de mim quando me pegaram. Não sei se eles notaram.

— Como algo errado — disse Eleanor.

— Ou o contrário, se eles estão errados, talvez isso seja algo certo — disse Otto — De qualquer forma, quando havia um monte deles ao redor, a agulha girava em círculos. Mas quando havia apenas um, apontava para longe. E quando eu estava sozinho, apontava para Casa Ashford.

— Então está quebrado — disse Pip. — As bússolas sempre apontam para o norte.

— Eu não acho que esta deve apontar. Acho que aponta para a segurança — disse Otto — É como em Jack e a Casa Faminta. A garota com as mãos para trás usa a rosa para mostrar quais caminhos são perigosos e quais são seguros. As pétalas significam segurança — ele apontou para a rosa no topo do círculo — E os espinhos são perigosos — ele apontou para o aglomerado de vinhas afiadas na parte inferior do círculo.

Eleanor não conseguia acreditar que tinha perdido isso. Afinal, estava na história. E ela havia incomodado muito Otto com a bússola: — Você foi muito inteligente em descobrir isso — disse ela — Sinto muito, não deveria ter tentado dizer a você o que fazer.

— Oh, não, isso é excelente — disse Otto — Pip e eu somos péssimos em tomar decisões. Nós apenas brigamos. Ou nenhum de nós quer escolher e não acabamos fazendo nada. Você é boa em decidir as coisas.

Eleanor sentiu suas bochechas esquentarem e ficou feliz que o cinza esconderia seu rubor: — Bem, você é muito inteligente. E você sabe tudo que eu não sei. Então eu deveria ter te ouvido — ela se virou para Pip — E Pip, você é tão boa em colocar as *coisas* em prática. Eu poderia planejar o dia todo, mas é você que realiza.

— Aw. Eu não estava me sentindo excluída, mas obrigada — disse Pip. Ela deu um passo à frente e puxou os dois para um abraço de quebrar ossos — Estou feliz que você voltou para Eden Eld, Eleanor. E estou feliz que ainda não enjoamos um do outro, Otto.

— Quer dizer... Um estou bom pouco enjoado — disse Otto, e ela recuou e deu um soco no braço dele. Ele sorriu para ela.

— Use sua bússola extravagante, cérebro — ela disse a ele.

Ele a ergueu. A agulha da bússola foi para frente e para trás por um momento, como um cachorro testando o vento. Em seguida,

chamou a atenção, apontando por entre as árvores: — Por ali, eu acho — disse ele.

Eles foram.

As árvores ganhavam textura à medida que caminhavam, o cinza se dividindo em escuro e claro, as sombras se condensando conforme a luz se tornava menos difusa. Ao mesmo tempo, os três estavam ficando mais nítidos, suas sombras desaparecendo. Não havia diferença alguma entre o que Eleanor vê através do cristal e o que vê sem ele.

Precisavam sair dali logo.

— Olhem — disse Otto. Ele apontou por entre as árvores. Em uma clareira na floresta havia uma porta. Eleanor gritou e avançou - então parou. Não era a mesma porta pela qual eles passaram. Era esculpido com quadros intrincados: no topo, um corvo abriu suas largas asas, trepadeiras desciam pelos lados, e figuras humanas, algumas delas com asas ou chifres ou outras coisas estranhas, adornavam o centro. A maçaneta era prateada e parecia brilhar com a luz refletida de algum outro lugar.

E nas árvores ao redor havia chaves. Elas eram longas, embora não tão grandes quanto a do relógio, talvez quinze centímetros de ponta a ponta. Eles eram brancos como osso e as pontas de cada um tinham um número, números romanos. I e II e III, até X, XI, XII.

Doze. Doze chaves, porque houve doze décimo terceiros anos, doze conjuntos de crianças passaram pela porta. Eles são as décimas terceiras. As últimas.

Exceto que eles não seriam as últimas, não se fugissem. Haveria mais crianças nascidas no Halloween, nascidas *hoje*.

Tia Jenny. Ela estava no hospital. Ela estava tendo sua filha, e em treze anos esse bebê faria treze e o Sr. January viria buscá-la. A garganta de Eleanor se fechou, pensando naquela garota, pensando em tia Jenny, que nunca saberia o que tinha acontecido com ela, e tio Ben também, eles procurariam por sua filha?

Eles a esqueceriam?

— Temos que encontrar o caminho de volta — disse Pip, puxando a manga de Eleanor.

— Não — disse Eleanor.

— Bem, não podemos ficar aqui — Otto apontou.

— Quer dizer, isso não é suficiente — respondeu Eleanor — Podemos nos salvar, mas e se o Sr. January tentar de novo? E as

crianças que vêm logo depois da gente?

— Mas Bartimaeus disse que tínhamos acertado — disse Pip. Otto lançou-lhe um olhar curioso, mas ela não parou para explicar — As palavras da barganha eram o mais importante.

— Bartimaeus queria que nos salvássemos — disse Eleanor — Mas isso é apenas para que ele possa fingir que compensou o acordo em primeiro lugar. Então ele não precisa se sentir culpado. Ele nos disse como fugir, não como *consertar* as coisas. Ele é um covarde, e só porque ele sabe muito sobre a barganha e o Sr. January, não significa que ele sabe o que é *certo*. Daqui a treze anos...

— Os próximos treze anos é problema de outra pessoa — disse Pip com veemência.

— Foi isso que Bartimaeus e os outros fundadores também disseram. E... — Eleanor parou, como se talvez se ela não dissesse a próxima parte em voz alta, não seria verdade. Mas os olhos de Pip se arregalaram.

— Sua tia.

Eleanor assentiu: — Se ela der à luz hoje, isso significa que o bebê é como nós. Ela fará treze na próxima vez que o Sr. January vier.

Otto fez um som baixo e horrorizado. Pip soltou um longo suspiro: — OK. Então temos que parar isso. Para sempre.

— Se for possível — disse Otto.

— A história dizia que sim — respondeu Pip.

— Mas Bartimaeus escreveu a história. E eu não acho que ele realmente sabe com certeza — disse Eleanor.

— Vamos tentar de qualquer maneira. Não vamos deixar nada acontecer a sua prima — Pip insistiu.

Otto mordeu o lábio: — Em Décima Terceira Chave, eles pelo menos impediram que as coisas acontecessem *lá*, certo? Eles não impediram o Sr. January para sempre, mas o impediram de mexer com o reino ou de pegar mais alegria. Se 'alegria' significa as crianças, então talvez possamos impedi-lo da mesma forma.

— Eles recolheram as chaves e as destruíram — disse Pip — Bem. Aqui estão as chaves — ela gesticulou para as chaves penduradas nos galhos diante deles.

— Peguem-nas — disse Eleanor com firmeza. Ela caminhou em direção a mais próxima. Ela estava pendurada em uma fita cinza, torcendo levemente como se fosse agitado por uma brisa que ela não podia sentir, girando o XI marcado nela para frente e para trás. Ela o

pegou com cautela. À medida que seus dedos se aproximavam, o ar parecia estremecer e, em seguida, sussurrar.

Quem é ela?

Onde estou?

O que está acontecendo?

Três vozes. Dois meninos e uma menina, ela pensou, embora não pudesse ter certeza. Eles foram o décimo primeiro - isso significaria que eles desapareceram há vinte e seis anos. Sua mãe era uma criança na época. Tia Jenny era apenas uma criança. A mãe dela conhecia essas crianças, sabia seus nomes? Ela se perguntou para onde elas foram?

Ela sabia?

Eleanor fechou a mão em torno da chave. Os sussurros se calaram. Ela estremeceu.

Pip e Otto estavam por perto, cada um segurando sua própria chave. Todos eles se entreolharam com olhos arregalados. E então, sem palavras, eles se voltaram para o resto das chaves.

Os mais velhos estavam mais fracos, as palavras mais indistintas. Mas todas as vozes estavam com medo. Os mais novos pareciam ser capazes de senti-la, mas não respondiam quando ela falava com eles.

Solenemente, eles recolheram as chaves. Eleanor tinha cinco, Otto quatro e Pip, que subira nas árvores para pegar as que estavam mais no alto, tinha apenas três. Seu sussurro era silencioso agora.

— Precisamos destruí-las — disse Eleanor, mas sua voz tremia. Foi mais fácil pensar nisso antes de ouvir as vozes presas nas chaves.

— Nós as quebramos? Vamos derretê-las com algum fogo, ou...? — Pip parou.

— Acho que vão quebrar com mais facilidade — disse Eleanor. Ela enfiou quatro das chaves no bolso e segurou a quinta, apoiando os dedos como se estivesse partindo uma vareta ao meio. Ela podia sentir a cedência da chave. Era como um osso. E ossos quebravam. Ela aplicou um pouco mais de pressão.—

De repente, Pip se engasgou e agarrou o braço de Eleanor: — Veja! Tem alguém aqui.

A cabeça de Eleanor se ergueu rapidamente, a chave caindo para o lado. Os dedos de Pip se contraíram no ar, mas a Sociedade January pegou o atiçador e a bengala dela quando a agarraram. Eles não tinham nenhuma arma, exceto o sal, que ela suspeitava que só seria útil contra a gata.

Alguém estava realmente se movendo entre as árvores. Eles tropeçaram enquanto caminhavam, apoiando-se nas árvores, mas estavam cada vez mais perto: — Estejam prontos para corre r— disse Eleanor, e então a pessoa chegou perto o suficiente, e todo o seu corpo formigou com um choque como se ela tivesse sido atingida por um raio — Mãe? — ela sussurrou.

Claire Barton se endireitou. Seu cabelo era um emaranhado que caia sobre seus ombros. Seu rosto tinha murchado em ângulos pontudos e magros, e suas roupas estavam esfarrapadas e penduradas em seu corpo, mas ela estava viva. Ela viu Eleanor e sorriu: — Elle. Você está bem.

— Mãe! — Eleanor disse, e ela correu para frente. Elas caíram uma contra a outra. A mãe de Eleanor passou os braços em volta dela, e Eleanor descansou a cabeça no peito da mãe, lutando contra os soluços— Achei que você estava morta. Eu pensei que você estava...

— Shhh — sua mãe disse. Ela acariciou o cabelo de Eleanor — Eu sinto muito. A Sociedade January veio atrás de você. Tentei impedi-los, mas eles me levaram.

— O fogo...

— Foi um acidente. Eu estava tentando lutar contra eles. Sei alguns truques, ou sabia, mas... Eu sinto muito, Elle. Eu nunca quis te machucar — seus dedos finos pentearam o cabelo de Eleanor, um movimento suave.

— Temos que sair daqui — disse Eleanor. Ela se afastou — Mãe, estes são meus amigos.

— Vocês devem ser Pip e Otto — disse a mãe, assentindo — Os outros dois. Otto, também tenho que me desculpar com você. Tentei avisar seus pais, mas não consegui fazê-los se lembrar. Eu deveria ter tentado mais.

— Está tudo bem — ele murmurou.

— Mas posso começar a compensar você agora — disse a mãe de Eleanor — Dê-me as chaves. Eu sei como destruí-las. Dê-me as chaves e posso te levar para casa.

— A Sociedade January ainda está lá — Pip avisou.

— Eu posso segurar eles enquanto vocês ficam em segurança — disse a mãe de Eleanor gravemente.

— Não! — Eleanor disse — Eles vão matar você!

A mãe de Eleanor riu: — Não, não vão, ou já teriam matado. Acredite em mim, estou mais protegida do que vocês três. Além

disso, com as chaves destruídas, eles não terão nenhum motivo para ir atrás de vocês — ela estendeu a mão e sorriu — Está bem. Eu estou aqui agora. Você está segura.

Eleanor pegou a mão da mãe. Sua mãe virou a mão para olhar para a palma e estalou os furos sangrentos onde a Gata das cinzas a mordeu: — Aquela criatura nojenta — ela disse — Vou fazer com que ela se arrependa de cravar os dentes em você.

— Não é tão ruim —disse Eleanor — E, além disso... — ela parou. Criatura nojenta? Mas a Gata-de-Cinzas gostava de sua mãe. Ela disse que sua mãe a arranhou no local perfeito, logo atrás da orelha. Foi por isso que ela ajudou. E o que a gata disse sobre sua mãe? *Você ainda vai vê-la. Mas não essa noite.*

— Não importa — sua mãe disse suavemente — Basta me dar as chaves e podemos ir.

O estômago de Eleanor se revirou. Ela olhou para trás dos pés da mãe e fechou o olho direito, espiando através do cristal.

As pegadas de sua mãe estavam apontadas para o lado errado.

Ela recuou, segurando as chaves contra o peito.

O que é isso? Elle, vamos. Não temos tempo a perder —disse sua mãe, que não era sua mãe.

— Você não é ela — disse Eleanor.

— Do que você está falando? Eu sou sua mãe. Você não tem ideia do que eu passei para chegar até você — disse sua mãe, parecendo irritada.

— As pegadas dela estão erradas — disse ela em voz alta para Otto e Pip, que pararam ao lado dela, protetores. — Ela é uma *delas*. As Pessoas que Olham Para Longe.

VINTE E SEIS

A mãe de Eleanor pareceu chocada. E então ela riu. Foi um som baixo e ondulante. Sua imagem deslizou e deslocou-se suavemente, como gotas de chuva numa janela.

O Sr. January tirou sua bengala do nada e a girou. O topo da bengala era um dragão de prata de duas cabeças, as cabeças voltadas em direções opostas. Ele a plantou na terra e se inclinou para frente:

— Mais uma vez, você superou as expectativas — disse ele. Ele parecia diferente agora. Menos jovial, mais afiado — Eleanor Barton. Filha de uma sebe e um homem que causa problemas demais para sua saúde. Isso vai pegar ele de jeito e vai pegar você algum dia também. E talvez esse dia seja hoje.

— Tente qualquer coisa e eu... — Pip disse, cerrando os punhos, mas ele ergueu a mão apaziguadora.

— Agora. Não é assim que funciona, jovem Philippa. Não sou um homem violento, embora às vezes meus animais de estimação preencham esse papel para mim. Sou um homem de acordos e regras, e essas regras foram estabelecidas muito antes de você nascer. A Sociedade falhou em cumprir seu acordo e eles sofrerão as consequências. Mas *seu* acordo e *nossas* regras são feras diferentes.

Como se fosse uma deixa, suas irmãs saíram de trás das árvores. Ainda distantes, ainda longe, mas Eleanor podia senti-las encarando.

— A própria Sociedade precisou empurrar vocês pela porta. Eu mesmo não me importo muito sobre como vocês chegaram aqui. *Contudo*.— Ele ergueu um dedo. — Não podemos impedir vocês de

partir, tecnicamente. Não antes da meia-noite. Então... encontre a sua saída e nós deixaremos vocês em paz.

— Para sempre? — Eleanor perguntou.

— Criatura curiosa — uma das irmãs sussurrou, sua voz como folhas secas deslizando sobre concreto.

— Cheia de perguntas — disse a outra, com uma voz que parecia o bater de galhos ao vento.

O Sr. January apenas deu de ombros: — Uma chave não serve se não encaixar na fechadura e, depois desta noite, você terá todas as formas erradas. Não estou dizendo que não encontrarei outro uso para vocês três, mas por enquanto, não tenho motivo para incomodá-los — ele tirou um relógio de bolso do colete e franziu a testa para ele — Eu estimaria que vocês ficaram aqui... 25 minutos.

— Mas só se passaram alguns minutos — Otto protestou.

— O cinza devora todos os tipos de coisas. Tempo é só uma delas — disse January — Crianças são outra — ele deu um sorriso de lobo. Seus lábios se esticaram um pouco demais e havia algo de errado com sua boca. Parecia ir longe demais, fundo demais.

Uma das irmãs suspirou: — Agora ele está brincando com a comida — ela sussurrou. A cabeça dela inclinou para a irmã, conspiratória, mas elas permaneceram à distância.

— Uma pena que tudo desmoronou no último minuto — a outra sussurrou.

— Tão parecido com ele — respondeu a primeira.

— Nunca pensamos que isso fosse funcionar — concluiu a segunda.

O sorriso do Sr. January parecia um pouco fixo.

Eleanor engoliu em seco. Ela se virou para os outros, acenando para que se aproximassem para que pudessem sussurrar um para o outro. O Sr. January esperava à distância com um ar de polidez indulgente: — Você acha que ele está falando a verdade? — ela perguntou.

— Eu não sei. Mas nos contos de fadas, é assim que funciona. Os bandidos precisam manter sua palavra — disse Pip. Eleanor assentiu. Parecia certo.

— Tic, toc, crianças — disse January.

— Ainda precisamos destruir as chaves — disse Otto — Caso contrário, só o atrasamos um pouco, e ele ainda virá atrás de sua prima e das outras crianças.

— Mesmo se destruirmos as chaves, nós apenas o atrasaremos — Eleanor disse lentamente — Foi isso que aconteceu na história. Eles destruíram as chaves, mas o Sr. January apenas recomeçou em outro lugar. Começou *aqui*. Eu tenho uma ideia. Mas eu preciso que todos nós concordemos — calmamente, ela explicou.

Pip e Otto ficaram quietos. Pip foi a primeira a falar: — Estou dentro — disse ela.

— Você tem certeza? — Eleanor perguntou — Porque não vai ter como voltar atrás.

— Tenho certeza — disse Pip, e se sua voz vacilou, seu olhar feroz não.

— Eu também — disse Otto — Para as crianças depois de nós e todas as outras.

— Então me dê as chaves — disse Eleanor. Eles as entregaram em silêncio, e ela os segurou nas mãos. Doze chaves dariam treze, e o Sr. January abriria aquela porta para qualquer horror que estivesse do outro lado. Mas talvez não. Talvez eles pudessem ser fortes e inteligentes e corajosos o suficiente para impedir isso para sempre.

— Você certamente nunca vai sair se não tentar — disse January, parecendo satisfeito e desapontado, como se esperasse por mais um show.

Faça as perguntas certas, pensou Eleanor. Talvez estivéssemos apenas perguntando à pessoa errada. Eleanor respirou fundo: — O que nos torna a forma certa? — ela perguntou — É por que temos treze anos ou é por causa da barganha?

— Que pergunta inteligente — disse Sr. January. — Treze é importante porque a barganha faz com que seja importante.

— Então, uma nova barganha poderia mudar as coisas? Transformar as chaves em outra coisa?

— Hum. Mudar inteiramente, não. Um pouco, talvez — disse ele — O que você está sugerindo?

— Nós temos as chaves — disse Eleanor — E se você pudesse apenas tirar elas de nós, você já teria feito isso — sua mandíbula ficou tensa. Ela pensou que devia estar certa — Se nós os destruirmos, você tem que começar tudo de novo. E você demorou mais de cem anos para chegar até aqui.

— Muito mais — disse uma das irmãs do Sr. January, e a outra riu. Sua mandíbula ficou ainda mais rígida.

— E se fizéssemos uma nova barganha? — Eleanor perguntou — Nós lhe damos as chaves agora. E você nos dá um ano. Se não conseguirmos encontrar uma maneira de vencê-lo em um ano, vamos passar pela porta de boa vontade. Quanto isso valeria?

— De boa vontade? — o Sr. January perguntou. Seus olhos brilharam, como se houvesse pavios de vela queimando bem atrás deles — Oh, isso valeria muito. Sim, o suficiente e mais do que suficiente — ele lambeu os lábios. A ponta de sua língua era de um roxo profundo e machucado.

— Mas se nós vencermos você, você tem que parar. Você nunca vai tentar abrir a porta de novo — disse Eleanor. — Você tem que dar sua palavra. Você *e* suas irmãs.

Suas irmãs deram um silvo de desagrado, mas ele sorriu mais amplamente: — Ah. Mas essa barganha é inteiramente diferente. Pois minhas irmãs têm suas próprias estações, como esta é a minha, e seus próprios meios de se divertir. Traga-as para isso, e você terá que lutar com elas também, e não apenas na Véspera de All Hallows' Eve—

— Se pegarmos você, podemos mantê-la — disse uma das irmãs. Ela virou. Seu rosto era comprido, magro e faminto.

— E nós caçamos muito bem — disse a outra irmã, virando-se também. Seu rosto era mais curto, redondo, contundente e raivoso.

Eleanor engoliu em seco: — Nós entendemos — ela disse.

— Então você tem um acordo — disse Sr. January com um giro de sua bengala — Eu vou te ver em um ano.

— Se não os pegarmos primeiro — uma de suas irmãs sibilou.

— E nada de ajudar eles, só para mimar nossa diversão — disse a outra irmã.

— Eu nunca arriscaria a causa dessa maneira. E espero o mesmo de vocês — ele os advertiu.

As mulheres riram e, em uníssono, cada uma delas pisou atrás de uma árvore e desapareceram. O Sr. January deu às crianças um olhar firme.

— Você pode se arrepender de se abrir para as predações delas — disse ele — Minhas irmãs me fazem parecer um tigre domesticado, eu garanto. Mas agora é tarde demais. Vocês estão contra todos nós. Mas eu *espero* que você as engane, e nós nos veremos novamente no próximo ano. Ah, mas a meia-noite se aproxima e você vai precisar...

Ele estalou os dedos e apontou para trás.

Eleanor não gostou de dar as costas ao Sr. January, mas se obrigou a olhar. Uma porta apareceu atrás deles, não a porta enorme e ornamentada, mas aquela pela qual eles tropeçaram no campo. A porta para Eden Eld.

— Agora. As chaves — disse January, estendendo a mão.

Eleanor se aproximou. Ela colocou as chaves na palma da mão dele e, quando atingiram sua pele, desapareceram.

— Um ano — ele os lembrou. E ele tocou a testa com um dedo e deu um passo para trás, e para trás novamente, e desbotou como ele faz, até que não havia nada além do cinza, as árvores e o som distante de asas batendo.

Um relógio começou a soar. O relógio do corredor da Casa Ashford.

— Rápido! — Pip gritou e correu para a porta, Eleanor e Otto logo atrás. Pip a abriu com força.

A campina ficava além. Tão cinza quanto a floresta, mas sem dúvida o lugar que eles haviam deixado. A Sociedade January estava para todo lado, alguns deles se segurando com cuidado como se tivessem se machucado, alguns deles sentados no chão. O Sr. Wells tinha um grande corte na bochecha e até a Sra. Foster parecia amarrotada e abatida.

O relógio continuava tocando - e o relógio da Academia também tocava, e à distância o relógio da torre também contava as horas, os três fazendo o ar reverberar. *Três. Quatro. Cinco.*

— Antes de bater doze! — Eleanor gritou e eles avançaram.

Um dos membros da Sociedade January gritou em alerta e com satisfação quando eles saíram aos tropeços. Eleanor saiu correndo. Otto e Pip correram com ela, meia dúzia de membros da Sociedade em seu encalço.

— A culpa é sua, Philippa Foster! — Sra. Foster gritou — eu tinha tudo perfeitamente organizado! Eu tinha planilhas! Elas foram *codificadas por cores*! Ia ser perfeito até você as arruinar! — sua mão agarrou o braço de Pip e puxou-a para a encarar. O senhor Wells agarrou Otto pela camisa e tia-avó Prudence agarrou Eleanor pelo pulso, detendo-a.

A Sra. Foster ofegou. Ela vacilou em seus pés, mas seu aperto parecia forte como ferro: — Eu mesma vou empurrar você por aquela porta, mocinha — ela rosnou.

Pip olhou para ela desafiadoramente: — Não, você não vai. Você está sem tempo — disse ela.

Onze. Doze..

O relógio parou de tocar.

A porta no meio da campina se fechou.

Em algum lugar no céu, o espantalho sonoro gritou; na floresta veio um uivo sinistro.

— Não — Sra. Foster sussurrou — Não. Nem uma vez em mais de cem anos, não será minha culpa, não serei eu que...

Mas tudo o que ela ia dizer, eles nunca ouviram. A cor voltou ao mundo de uma só vez e a Sociedade January saiu correndo dela. Entre o espaço de uma respiração e outra, eles se tornaram transparentes como lenço de papel, e então claro como vidro, e então, sem nenhum som além de um sussurro suave de ar, eles se foram.

O aperto no pulso de Eleanor desapareceu e ela esfregou a pele onde a mão da mulher havia agarrado. A pele estava branca com a impressão dos dedos longos, mas a cor já estava voltando. A dor durou mais tempo, mas iria desaparecer também, e não haveria nenhum sinal de que a Sociedade esteve aqui.

Pip estava olhando para o ar onde sua mãe estivera um momento antes. Então ela deu um aceno rápido, fungou pesadamente, passou a mão nos olhos e se virou para encarar os outros dois.

— Conseguimos — disse ela — Nós estamos vivos. Nós sobrevivemos. Nós ganhamos. Todo o resto pode esperar até de manhã.

Eleanor assentiu. Otto também. Eles pegaram as mãos de Pip, um de cada lado, e mancaram para sair da campina.

Eles venceram.

Talvez tudo o que eles ganharam tenha sido mais um ano, mas eles conseguiram. E Pip estava certa.

O resto esperaria.

• • •

ELES DECIDIRAM ir para a casa de Pip. Estavam todos exaustos e famintos, e mais do que um pouco machucados, e era o lugar seguro mais próximo, seguro, agora que sua mãe e o resto da Sociedade January haviam partido.

Eles subiram a estrada, passando pelo lugar onde Eleanor e Pip haviam se agachado enquanto o carro passava. Eleanor não conseguia acreditar que era apenas na noite seguinte. À distância, fogos de artifício explodiram, espirrando no céu. A festa de Halloween na praça ainda está acontecendo.

— Se alguém notou que tínhamos ido embora, podemos dizer que escapamos para ver o festival — disse Otto.

— Ninguém percebeu, Otto — disse Pip com amargura — É assim que eles escaparam impunes por tanto tempo. Ninguém percebe nada.

Ela enfiou a chave na porta da frente e empurrou-a com raiva.

Um homem estava parado no corredor, seu cabelo prateado e seu nariz comprido e choroso. Ele estava vestindo um sobretudo, amarrado às pressas sobre o pijama, e estava no processo de colocar o chapéu, mas parecia ter ficado preso apenas com vergonha de realmente conseguir fazer isso. Ele piscou para os três.

— Oh — ele disse — Olá. Você saiu um pouco tarde, não é?

— Pai — disse Pip, dando um passo à frente — O que você está fazendo?

Ele abaixou o chapéu. As pontas de seus dedos esmagaram a borda, girando e girando-a em suas mãos: — É engraçado — disse ele — Tenho tentado sair pela porta, mas continuo esquecendo porque estou fazendo isso. Eu pego meu casaco e meu chapéu, e então eu os penduro novamente, sem nenhuma noção de porque eu os queria em primeiro lugar. Exceto aquilo... bem. Exceto que tive a sensação de que havia perdido algo e precisava ir e encontrar.

Pip fez um som baixinho no fundo da garganta: — O que você perdeu? — ela perguntou.

— Eu não sei — ele franziu a testa para o chapéu — Mas foi algo muito, muito importante. Mas está tudo bem. Não me sinto mais como se tivesse perdido algo. Eu me sinto bem agora — e então, em total contradição com essas palavras, ele começou a chorar.

— Papai? — disse Pip, avançando com cautela.

Ele a agarrou. Eleanor enrijeceu e avançou, mas ele apenas apertou Pip contra ele em um abraço envolvente, beijando o topo de sua cabeça repetidamente. Seus joelhos tremeram, e ele caiu no chão com ela, segurando-a contra ele enquanto os dois choravam.

Eleanor desviou o olhar. Otto também. Eles saíram, de volta ao ar fresco da noite, e ficaram olhando para o céu coberto de nuvens.

Demorou alguns minutos para que Pip saísse, enxugando os olhos avermelhados com as palmas das mãos: — Ei — ela disse

— Acho que seu pai notou afinal — disse Otto.

Pip sorriu, o sorriso mais feroz e selvagem que Eleanor já vira nela: — Acho que sim — disse ela.

Seu pai enfiou a cabeça para fora da porta da frente. Seus olhos se arregalaram quando ele viu os dois: — Oh! Vocês ainda estão aqui — disse ele — Eu tinha esquecido completamente. Vocês precisam de carona para casa, crianças?

— Seria ótimo — disse Otto com afeto — Tudo que eu quero é dormir na minha própria cama.

— Eu também — disse Eleanor, surpresa ao descobrir que, ao pensar na cama na Casa Ashford, ela a considerava *sua*.

— Vou pegar minhas chaves e meu casaco, então — disse o pai de Pip. Então ele olhou para baixo — Parece que já tenho meu casaco. As chaves. Volto em um instante — ele desapareceu por dentro.

— Ele está bem? Ele parece estar meio... avoado — disse Eleanor — Ele ainda não está percebendo?

— Não, ele é sempre assim — Pip assegurou-lhe, rindo — Está tudo bem.

A mente de Eleanor forneceu centenas de razões pelas quais isso não era verdade. Sua mãe ainda estava desaparecida. O Sr. January e as Pessoas que Olham Para Longe voltariam. O plano deles não foi interrompido, apenas adiado. E eles ainda não sabiam o que aconteceria agora que o acordo foi quebrado. Mas ela concordou: — Está tudo bem — ela repetiu.

— Está tudo bem — disse Otto também.

Que seja verdade, por esta noite.

EPÍLOGO

A bebê fazia um barulho parecido com o de uma rã, espiando em seu monte de cobertores listrados. Ela parecia um pouco com uma rã também, mas Ben e Jenny não pareciam saber dizer. Para eles, ela parecia ser a criatura mais linda do mundo.

Isso, pensou Eleanor, *era exatamente assim que deveria ser*.

Ela se sentou à mesa da cozinha, fazendo seu dever de história enquanto Jenny balançava a pequena Naomi e Ben se ocupava de preparar o jantar. Fritura, pela terceira vez esta semana; faltava variedade ao homem, mas ela não podia negar que era saboroso.

Naomi. Ela nasceu na manhã de sábado. Dia das Bruxas. Em treze anos, ela faria treze. Eleanor observou seu rosto enrugado se contorcer e se agitar, e ela não pôde evitar a preocupação que percorreu sua pele.

Mas seria diferente para Naomi. Nenhum palíndromo para ela. Ela pode ser marcada por seu aniversário, mas ela não foi escolhida para ser esquecida. Eleanor iria cuidar dela. Ela iria impedir o Sr. January e suas irmãs estranhas muito antes do aniversário de treze anos de Naomi chegar.

E ela iria cuidar das outras duas crianças também. Os que nasceram no mesmo dia, no mesmo hospital. Hannah e Robert - Bob para abreviar, é claro. Talvez seus pais soubessem. Talvez, como Otto, eles tenham escolhido os nomes por sugestão de um membro da família. Alguém que pertencia ao clube da cidade.

A Sociedade January também estava lá fora. Não os treze da campina - onde quer que estivessem, Eleanor não achava que poderiam causar problemas ainda. Mas eles não podiam ser os únicos a saber o segredo. Eles precisariam de sucessores. Pessoas

escolhidas para ocupar seus lugares no acordo, se algo acontecesse. E cada um deles saberia que Eleanor e os outros haviam arruinado tudo pelo que se sacrificaram tanto.

Não estava tudo bem. Mas ficaria.

A campainha tocou. Pip e Otto chegariam para jantar e depois explorariam a casa. Eles precisavam encontrar cada um dos truques de Bartimaeus se quisessem estar prontos para o que viria a seguir.

Eleanor se levantou para abrir a porta e fez uma pausa. Pela janela da cozinha, o pomar era uma coisa escura e retorcida, galhos pregando sombras como pregos. Mas entre dois troncos nodosos, ela podia apenas distinguir a forma de um homem. Ele estava olhando para longe dela, para o pomar.

Ele levantou a mão e acenou.